



ADRIANA FALQUETO LEMOS
ANDREIA FALQUETO

♠ ♥ ♣ ♦

CONVERSÕES DE MARULAND

 EDUFES



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari · 514 · Campus de Goiabeiras
CEP 29 075 910 · Vitória – Espírito Santo, Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 · E-mail: edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor | Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitora | Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto

Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis

Secretário de Cultura | Orlando Lopes Albertino

Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glicia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Maria Helena Costa Amorim, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretária do Conselho Editorial | Fernanda Scopel Falcão

Comitê Científico de Letras

Antônio Pires, Evando Nascimento, Flávio Carneiro, Goiandira Camargo, Jaime Ginzburg, Luiz Carlos Simon, Marcelo Paiva de Souza, Márcio Seligmann-Silva, Marcus Vinícius de Freitas, Marília Rothier Cardoso, Paulo Roberto Sodrê, Rosani Umbach

Revisão de Texto | Anna Catharina Izoton

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa | Willi Piske Jr.

Ilustração de Capa | Andreia Falqueto

Revisão Final | As autoras

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L557c Lemos, Adriana Falqueto, 1982-
Conversões de Maruland / Adriana Falqueto Lemos, Andreia
Falqueto. - Vitória : EDUFES, 2013.

216 p. ; Publicação digitalizada

ISBN: 978-85-7772-160-3

1. Literatura infanto-juvenil brasileira. 2. Ficção brasileira.
3. Adolescência. I. Lemos, Andreia Falqueto, 1985-. II. Título.

CDU: 087.5

ADRIANA FALQUETO LEMOS
ANDREIA FALQUETO



CONVERSÕES
DE MARULAND



EDUFES

VITÓRIA, 2013

PREFÁCIO

6

O PERFUME DAS ROSAS

9

SOLIDÃO NO JARDIM
DA AMIZADE

49

O CORDÃO DE PRATA

83

ABERTA A TEMPORADA
DE CAÇA ÀS CARTAS!

137

AS PLUMAS BRANCAS
DAS ASAS DO DESTINO

179

PREFÁCIO

Na primeira página de seu *História do Cerco de Lisboa*, José Saramago lembra, muito a propósito do enredo do romance (mas não só...), que “o interesse da vida onde sempre estive foi nas diferenças”. O livro *Conversões de Maruland*, das irmãs Adriana e Andreia Falqueto Lemos, poderia tomar esses quase-aforismos saramagueanos para si. Para ficar em apenas dois motivos, basta lembrar: que o enredo de *Conversões...* gira em torno de duas adolescentes com dificuldades (não apenas as próprias de ser e de ser adolescente, mas também as dificuldades inerentes a ser cadeirante e cego em uma sociedade como a nossa) e que se trata de uma obra juvenil, na multiplicidade de sentidos que o adjetivo comporta.

A obra ficcional, gravitando o domínio do fantástico e trazendo diálogos com as narrativas de RPG e dos mangás ocidentalizados, dá-se a ler como a história de Maru e de sua amiga Heloísa, em face de alguns dilemas e desafios da idade: a perda e constituição de referenciais, a dramática oscilação de estados emocionais, o início da vida amorosa, a rejeição e a aceitação em grupos mais ou menos estabelecidos, a independência em relação aos pais. No bojo das discussões em torno da necessidade de quantificar e qualificar a produção literária juvenil brasileira, justifica plenamente a existência de *Conversões de Maruland* o interesse temático e a lacuna

no contexto literário local (e, de certa maneira, também nacional) de uma produção e publicação de obras que ocupem o vácuo na transição entre a literatura que identificamos como sendo para crianças e a literatura que não exige outros qualificativos.

Adriana e Andreia escreveram o livro ainda adolescentes – e agora, adultas, o reinventam e trazem a público, pela Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, sem, contudo, pretender transformá-lo no que ele não é ou nunca foi. Uma, professora, tradutora e pesquisadora das inter-relações entre videogames e literatura; a outra, artista plástica, com consistente produção em fotografia e pintura. A identificação do leitor não é com a produção mais madura de ambas, mas com as adolescentes que elas foram, que nós fomos: mesmo que aceitar isso seja, às vezes, tão difícil. Desta possibilidade de identificação ressalta o mérito do livro: facultar ao leitor em formação (e quem de nós não o é?) que se projete, que se sensibilize, que indague, que discorde, que odeie, que amadureça. E não é isso o que importa, afinal? Então, que a literatura não nos deixe esquecer, nos ajude a compreender e nos permita imaginar.

MARIA AMÉLIA DALVI

Departamento de Linguagens, Cultura e Educação
Programas de Pós-Graduação em Educação e em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo



CAPÍTULO I

O PERFUME DAS ROSAS

Onde estiver, meu amigo, lendo este livro, bom dia, boa tarde ou boa noite. A saudação é pra quem for, homem, mulher, jovem ou criança. Espero que você esteja bem. Você já ouviu falar da Maru?

Maru é uma garota muito especial que conheci há algum tempo. Devia andar pelos 17, 18 anos. Parecia uma menina feliz, com seus longos e volumosos cabelos encaracolados como raios de sol... Que me embeveciam. Encantavam-me seus olhos verdes... Bem, esqueça. A questão é que Maru levava uma vida relativamente normal, até que aconteceu um trágico acidente de carro. Sua mãe faleceu e ela ficou parálitica...

Oh, cometi uma gafe em meu pequeno relato. Vê a primeira linha do segundo parágrafo? Eu me enganei e conjuguei o verbo errado, no presente... Corrija isso, eu pretendo editá-lo. Retomando a minha história, desde o fato de que a bela e cativante Maru ficou confinada na cadeira de rodas, toda a sua beleza morreu. Transformou-se em um fantasma vivo, perambulando pela casa vazia, em sua cadeira de rodas... Minto, não estava completamente vazia, ela morava com seu pai cujo nome agora não me recordo. Fora isso, Maru passava o tempo lendo e, de vez em quando, ia ao hospital fazer fisioterapia. Ela nunca havia sido uma menina que tivesse muitos amigos, ou que fosse muito popular. Ela era meio

desconfiada das pessoas, e retraída. Esse quadro havia piorado depois do acidente.

E a pobrezinha ficou durante um tempo se recuperando. Ela não tinha sequer um incentivo, seu pai havia se amargurado por completo. Foi nessa mesma época de muita quietice e depressão que ela misteriosamente encontrou um livro grosso e de bonita encadernação. Não se sabe ao certo como se deu, mas acredita-se que efetuou uma verdadeira mudança na situação. O miraculoso objeto passou a fazer parte das horas mais felizes.

Mas o que havia no livro? É uma pergunta idiota para você que está aí. Não havia absolutamente nada. Maru passava vários períodos de tempo imaginando, escrevendo e ela criou poemas fantásticos. Tão reais que o perfume de rosas descrito naqueles textos pairava nos sonhos. E na realidade também.

Maru estava escrevendo tão avidamente naqueles dias que terminou por chamar a atenção de seu pai. Um dia, quando tomava café pela manhã, ele foi vê-la em seu quarto. Ela já estava acordada.

- Filha? Está fazendo o que aí? – Ele se aproximou da cadeira de rodas.
- Bom dia. – Ela parecia estar muito cansada.
- Que olheiras, Maru! Por favor!
- O que é isso, papai... Você se incomoda demais.
- Acordou que horas?
- Há pouco tempo.
- Por que acho que está mentindo?
- Tudo bem... Eu não dormi.
- Quantas vezes já lhe disse...
- Desculpa.
- Quando voltará a frequentar as aulas?
- Não sei...
- Maru, preste atenção. – Ele se dispôs sobre a cômoda. – Você não

pode perder o ano letivo.

- A gente pode falar disso depois?
- Não, não pode.
- Por favor...
- Não seja teimosa. Eu fui contactado há muito tempo pela escola, mas mantive em segredo até seu interesse. Você não moveu uma palha. Sequer largou essa porcaria de livro.

- Não diga isso!

- Eu fui apresentado ao pai de uma aluna muito especial que quer conhecê-la. Deveria viver um pouco da vida que resta lá fora.

- Por que disse isso? Você sabe que... – Os olhos dela sempre doíam quando lembrava do acidente.

Para confortá-la, ele abraçou sua filha. Ao aceitar ser abraçada, Maru derramou grossas lágrimas.

- ...

O silêncio tomou conta do quarto.

Maru voltou ao livro logo que se distanciou do pai, como se nem tivesse lhe tirado a atenção. O pai achou aquilo muito estranho, mas voltou para a cozinha.

“Acho que estou brincando há muito tempo com as palavras...

Palavras que confortam as lágrimas temporárias.

E esses sonhos que me envolvem à noite hão de me fazer feliz longe daqui.

O lugar que mais parece um colégio, que tem perfume de rosas.

Um aroma que não repulsa, mas que conforta e acalma.

E eu queria ver sempre esse lugar.

Por enquanto as aspirações são vagas e incertas

Mas dentro em breve sei que terei visões.

As mais belas, envoltas em romance e aventura.

É tudo aquilo que eu poderia esperar ao adormecer.”

Esse foi um dos primeiros manuscritos do livro agora em minhas mãos. Julgue o sentido pela sua própria sensibilidade. Depois de escrever esse, como tantos outros, ela fazia algumas pausas, mas desta vez ela estava preocupada em escrever mais, sua imaginação não tinha limites:

“Nesse mesmo dia nesta terra linda surgiu um rapaz alto e de cabelos longos, cor verde do mar, quase azulados. Ele estudava magia e se chamava Wamp. O mago Wamp veio de muito longe para estudar os encantos que essa terra podia lhe reservar. Wamp usava uma capa de cor roxa e era muito pálido. Em seus cabelos usava um adorno de penas de pavão lindas. A partir daquele dia, ele se tornou o primeiro habitante do lugar, e algo lhe disse que deveria rumar para o castelo, que fora construído dentro dos limites do colégio...”

Mas Maru já havia caído sobre o livro num desmaio repentino. As palavras continuaram a surgir como desavisadas que seu escritor tivesse terminado seu trabalho.

Wamp tomou razão, e isso aconteceu a partir de um ponto em que achava que estava sendo guiado até aquele lugar belo e sem nome. Seu cabelo rebatia ao vento embora preso por um chapéu. Como ele sabia que ninguém lhe daria nenhuma informação, foi caminhando rumo ao que lhe era destinado: os domínios do colégio.

Chegando lá, um pouco cansado pela caminhada longa, encontrou os cadeados abertos. O portão tinha grades finas e bem pretas, com desenhos de rosas. Abriu o ferrolho e empurrou, entrando em seguida. Não havia ninguém e o lugar vazio tinha um ar tão de cidade fantasma que o impressionou. Cruzando um enorme hall de entrada, atravessou um jardim belíssimo e chegou num castelo encantado. Erguendo seus olhos, ficou abismado com tal construção. Fitas e laços adornando, e, muito diferente do anterior, esse lugar tinha aroma de chocolate. Da mesma maneira que na entrada do colégio, ele entrou sem que ninguém o impedisse. Ao chegar numa encruzilhada, sua atenção foi puxada para uma porta muito dourada e adornada. Caminhando com passos de veludo, chegou até ela e a abriu. Sem que nenhum rangido seguisse, esta se abriu numa linda imagem de uma princesa de 15 anos adormecida numa cama bela e enfeitada como raios de sol. Impressionado com a visão, ficou paralisado e estarecido, não sabia que havia pessoas vivendo no castelo.

A menina tinha cabelos loiros escorridos. Pele alva como pêssego, ela estava descansando como se estivesse muito exausta, quase doente. Suas sobrancelhas expressavam um sono agitado e sôfrego.

Wamp chegou perto e sentou-se na cama. De repente, ela abriu seus olhos. Wamp se assustou:

- Ah!
- Você está aqui!
- Como?
- Você finalmente chegou! Que felicidade!
- Do que está falando, senhorita?
- Você é o mago Wamp, certo?
- Certo.
- Eu me chamo Penélope. Eu o estive esperando por muito tempo.
- Esperando-me? Mas eu nem a conheço.
- Me conhecerá muito em breve, querido. Olhe. – Ela tirou uma rosa de seus cabelos e lhe entregou. – Isto lhe trará coisas que só este lugar

lhe reserva.

- Primeiro me esclareça essa situação.

- Eu sou Penélope. Sou a princesa de Maruland. Meu dever é ser feliz e fazer com que todos aqui sejam felizes. Muito. Você é Wamp, um mago que veio de longe para se tornar meu primeiro ministro e me ajudar nessa tarefa. Eu predestinei tudo no meu sono. E eu estou lhe dando essa tarefa porque não tenho todo o tempo disponível e preciso de sua ajuda. Enquanto eu estiver adormecida, o que ocorre em tempos irregulares, você terá que tomar conta daqui.

- Entendo. Foi por isso então que apareci tão de repente aqui e tão determinado a te encontrar.

- Exato. Wamp, você é em exato a pessoa que pode desempenhar o trabalho. Use sua magia para produzir bons frutos em Maruland.

- Sim, princesa Penélope.

Penélope sorriu para Wamp.

Maru acordou assustada em sua cama. Seu pai estava adormecido sobre suas pernas, e seu diário estava em cima de uma cômoda.

- O quê?

- Maru! – Ele acorda assustado assim como a filha.

- Pai, como eu vim parar aqui na cama?

- Você estava desmaiada quando eu cheguei em casa. Que bom que acordou. – Ele a abraça com apreço. – Não sei como simplesmente dormiu na sua cadeira de rodas.

- Calma, pai. Eu preciso lhe dizer do lindo sonho que tive!

- Que sonho?

- Foi um personagem que eu criei para Maruland.

- Que Maruland?

- O mundo do livro!

- Está doida?

- Não. Wamp apareceu lá e conversou com Penélope.

- Que Penélope?

- ... Dê-me o livro.

- Está louca. Se desgastando por causa disso.

- Papai! – Disse Maru chorosa.

O pai se levanta, pega o livro da cômoda e o entrega de má vontade, e Maru dá bem uma olhada. Incrivelmente, todos os acontecimentos de seu sonho estão descritos perfeitamente.

Vendo a expressão de surpresa nos olhos de sua filha o pai pergunta:

- O que foi que você leu aí de tão empolgante?
- ... Um negócio que aconteceu. – Ela dizia, passando os olhos pelo que havia encontrado escrito.

- O quê? Não é só você que escreve aí? Qual a surpresa?
- É que...

Maru olhou a cara de má vontade do pai.

- Não é nada. Eu sou boba mesmo.
- Você e essas suas invenções... – E quando já ia saindo do quarto voltou-se e avisou:

- Amanhã virá um especialista te ver. Ele é médico psicólogo e fará uma consulta.

- Eu não quero...
- Veremos. Mesmo que não queira, vai pra aula ainda que atrasada, mas vai amanhã mesmo. Esses desmaios devem ser por falta de alimentação. Melhor que fique na escola do que sozinha em casa. E tem outra coisa: se seu te pegar acordada à noite escrevendo vai ter.

- ... – Maru faz como quem não acata as ordens do pai.

Na manhã seguinte, Maru foi acordada pelo som da campainha às nove da manhã. Impaciente pela insistência da mesma, ela calçou os chinelos e de camisola sentou-se na cadeira de rodas. Empurrando as rodas, logo chegou à porta da frente e a abriu. Um homem de meia idade sorriu amarelo:

- Bom dia, você é a Maru?
- Sim.
- Eu vim fazer uma consulta.
- É você o psicólogo, então. Entre.

Maru manobrou a cadeira e o senhor entrou e fechou a porta. Ela o fez sentar-se na poltrona e ficou de onde estava:

- Pode começar sua consulta.
- Muito bem. Você é Maru e tem...
- 17 anos.
- Está cursando o quê?
- Eu estava fazendo o terceiro ano do colegial.
- Estava?
- É. Eu não encerrei o ano e acho que fatalmente não vou ser aprovada. E eu não quero ir a colégio nenhum.
- Colégio nenhum?

- É, não é tão simples assim.
- ...
- É porque eu não quero que ninguém me veja de cadeira de rodas.
- Troque de escola. Você já pensou em fazer isso? Talvez ajude.
- Mas não é esse o caso. Todo mundo vai ver de qualquer jeito.
- Então o que pretende? Se esconder para sempre?
- Não estudar nunca mais.
- Mas isso não vai te ajudar, e também não vai resolver seus problemas. E sobre o livro.

- O que tem o livro?
- Seu pai disse que está obcecada com ele. E tendo alucinações e desmaios. Isso é verdade? Se for é muito sério.

- Não, não é verdade.
- Mas que livro é esse?
- Não é bem um livro. É mais um caderno de notas.
- Quem lhe deu?
- Ninguém.
- Você comprou?
- Não.
- Achou?
- Eu o encontrei um dia sobre o lado da cama em que minha mãe dormia. É só. Pode ser que...

- Pode ser que sua mãe tenha te dado o livro, é isso?
- Mas ela já morreu. – Os olhos verdes se enchem de lágrimas. A voz fraquejou no final.

- Tudo bem. Você não tem nada, vá lá no seu quarto e coloque uniforme que eu te levo na escola.

Maru ficou em silêncio. Abaixou a cabeça.

- Você não vai não?
- Vou deixar pra... Ir amanhã, se não se importa...
- Olha, Maru, eu não tenho nada com isso. Amanhã seu pai irá te levar de qualquer jeito, você vai ter que ir.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos. Maru olhou cabisbaixa para o doutor, que se retirou da sala e trancou a porta ao sair.

Alguns dias se passaram. Era uma gostosa manhã de quinta-feira e Maru sabia que teria de encarar a escola. Na véspera, seu pai chegara tarde

da noite do serviço e não sabia que ela não havia ido estudar. Por volta das 21h30, seu pai sentou-se no sofá e falou consigo mesmo:

- É, a Maru foi dormir cedo hoje... Deve ter tido um dia cheio re-
vendo os colegas...

No quarto, a consciência de Maru pesava. Ela não gostava de mentir para ninguém, principalmente para seu pai! Mas ela iria cumprir sua palavra e frequentar as aulas.

Resolveu ir lá e contar a verdade. Foi vagarosamente até a sala e disse baixinho:

- Pai, você chegou.
- Oi, Maru, acordou com a televisão?
- Não, é que, eu... Eu não fui à aula hoje, estava desanimada...

Sabe como é.

- Não, eu não sei. – Ele estava um pouco chateado.
- Bem, é... São problemas de moça. – Maru inventou na hora uma desculpa para, ao mesmo tempo, convencer seu pai e não deixá-lo decep-
cionado. – Além disso, não é certo chegar atrasada na primeira vez que se vai pra escola.

- Tudo bem, eu entendo. Agora vá dormir que já é tarde e você vai ter de acordar cedo amanhã.

- Boa noite...

Tudo se passou assim e nessa manhã ela saiu da cama com a maior cara de sonsa. Encontrou seu pai na cozinha quando chegou para fazer o desjejum.

- E então? Está melhor?
- Ah? Ah sim... Vou só tomar um suco.

Maru tomou seu suco e voltou para o quarto deixando seu pai a ver navios.

Já no quarto, ela trocou de roupa e pôs o uniforme, ela já tinha alguma prática. Até que ele era bonitinho. Mas em Maruland também havia um colégio. Ela estava imaginando o uniforme de lá, seria lindo... Elegante, e até muito chique, de uma certa forma. Pensou em descrevê-lo no mesmo momento no diário, mas não daria tempo mesmo. Foi até a suite e depois de escovar os dentes penteou os cabelos deixando-os soltos.

O que será que seus colegas iriam pensar quando a vissem presa àque-
la cadeira? Nem teve tempo de refletir sobre isso, pois a buzina de um carro anunciou que alguém tinha chegado.

- Maru, vamos! – Gritou seu pai.
- Já escutei!
- Ande logo senão vai chegar atrasada!
- ... – Maru pega a mochila calada.
- Maru?!
- Já estou indo...
- Tá bom.
- Tchau, pai.
- Tchau.

O pai de Maru ouviu o carro parando e voltou aos seus afazeres antes de ir para o trabalho. Então, Maru saiu da casa e percebeu que quem lhe esperava não era o velho doutor do dia anterior, mas sim um jovem de óculos, roupas brancas, cabelos castanhos claros e olhos castanhos.

- Bom dia, moça.
- Bom dia.
- Deve estar se perguntando quem sou eu. – Disse ele se aproximando para pegar Maru nos braços. – Sou Henrique. Sou médico também, assim como aquele psicólogo que a visitou ontem. Seu pai me disse que não gostaria que um homem tão estranho como aquele levasse sua filhinha para a escola.

- Sim...
- E ele lembrou de mim por causa da Helô.
- Quem?
- Heloísa, minha paciente mais antiga... Ele me falou que havia comentado com você.

- Desculpa... Mas é que esses dias...
- Heloísa também passa por fases difíceis. Vão se dar bem. – Henrique a coloca no banco de trás. Ao olhar no interior do carro, Maru vê uma menina estranha com os olhos fechados.

- Maru? – A moça diz.

Maru olha pra cara de Henrique assustada.

- Maru, essa é Heloísa.

Maru se vira pra ela e confirma: é cega.

- Eu esperava muito te conhecer, Maru!
- Oi... – Maru achou a surpresa macabra. Seu pai deveria ter-lhe dito que era cega.

Durante o percurso, quem mais falou foi Henrique, porque Maru havia ficado com tanta gastura que mal passou daquele “oi” inicial para He-

loísa. Imediatamente, virou-se para ver a paisagem. Viu várias crianças brincando no parque e se imaginou pequena, brincando em Maruland. Mas ficou muito triste porque na sua infância ela não recebeu muita atenção de seu pai e, por isso, os dois não eram muito íntimos e agora, vivendo os dois juntos em casa, ficava uma situação meio estranha.

Logo chegaram ao colégio e ela avistou todos os seus colegas de classe conversando no pátio.

- Vamos, Maru. – Disse Henrique colocando-a na cadeira de rodas.
- É, vamos.

O doutor foi empurrando-a pela calçada. Depois deixou Maru esperando enquanto voltou para ajudar Heloísa a sair do carro. Todos ficaram boquiabertos ao ver Maru parálitica

- Acabo de ver uma garota chata do ano passado.
- Não ligue para essas pessoas inferiores. – Disse Heloísa tentando animá-la.

Maru se sentia estranha com Heloísa.

Chegando na portaria, ele disse:

- Posso te deixar aqui?
- Claro, estou bem. Já vi minha amiga. – Disse Maru apontando uma garota.

- Então eu já vou, tchau. Heloísa, espere um pouco.
- Sim, Henrique.

Maru achou aquilo estranho, mas entendeu que os dois tinham intimidade. Empurrando as rodas, ficou observando de longe para ver até aonde essa intimidade ia. Henrique deu um doce beijo na face de Heloísa e lhe passou tranquilidade. Maru ficou sondando tanto que perdeu a atenção e bateu na garota chata e que não gostava dela.

Ah... – Maru ficou morta de vergonha ao ver que a menina a olhava com desprezo.

- Por que não presta atenção por onde anda? Sua aleijada!

Maru, mesmo sem querer, não conteve as lágrimas.

- Dê o fora daqui! Afaste-se!

Maru cobriu seu rosto com as mãos.

- Maru! – Heloísa procurava por Maru.
- Ela está aqui, essa sonsa! Venha buscá-la senão não sai mais de cima do meu pé.

Maru... – Heloísa foi guiada pela voz da garota chata e encostou sua mão na cadeira. – O que está acontecendo?

- Essa sonsa da Maru me atropelou com a porcaria da cadeira de rodas.

- Maru... – Ela percebeu que Maru estava chorando. – O que você fez com ela?

- Eu não fiz nada. E por que não abre os olhos pra falar comigo?

Heloísa abriu seus olhos revelando horrivelmente uma cegueira total que faziam seus olhos estrábicos.

- Sua cega! Não me assuste assim novamente!

- Não judie dos que têm problemas. Você pode se arrepender. – Heloísa segurou firme na cadeira de rodas. As meninas se afastaram, mas Maru não conseguia conter suas lágrimas.

- Maru. – Heloísa colocou sua mão nos cabelos da menina.

- Desculpe... Eu fui uma idiota no carro! Te tratei com indiferença, eu... Eu estou muito arrependida!

- Maru... Quando meu pai me disse sobre uma garota que havia ficado parálitica, eu pensei que você me entenderia...

- Eu fui uma idiota no carro... Agora... Eu vejo que temos que nos unir.

- Você terá que ser meus olhos.

- Você já está sendo minhas pernas... – Maru conseguiu limpar suas lágrimas.

- Não chore na frente dessas pessoas. Seja forte.

- Arrã.

- Vamos. Eu estava esperando você para irmos pra sala.

- Vamos.

Maru agora percebia que Heloísa era muito mais legal do que ela achava. Uma pessoa que defende a outra assim, de peito aberto, conquistaria a amizade nem que fosse no inferno. Maru ficou deslumbrada com a atitude da amiga, tanto que estava disposta a dividir tudo com ela.

- Quer ir lá em casa hoje? – Perguntou Maru.

- Pra gente conversar?

- Arrã.

- Eu vou. A gente pode sair daqui do colégio e ir pra lá.

- Legal!

- Depois lembra de eu ligar pra casa pra avisar.

- Tá bom.

Heloísa também estava felicíssima por encontrar alguém que a entendesse além de Henrique. Alguém verdadeiro que compartilhava de uma

dor parecida. Maru direcionava Heloísa e esta empurrava a cadeira junto com Maru.

- Maru, você acha que podemos sentar uma perto da outra? – Disse Heloísa ao entrar junto com Maru na sala de aula.
- Acho que sim. Afinal de contas somos alunas especiais.
- Super especiais!
- ... – Maru sorriu como não sorria em semanas.

E o tempo foi passando suavemente. Maru por vezes esqueceu seu livro, e curtiu um bocado aquela jovem amizade com Heloísa, que ia se tornando tão forte quanto uma árvore de uns mil anos. As duas não se desgrudavam um só minuto. Na escola, em casa, era só mexericos e risos tímidos. Heloísa era mais extrovertida, Maru, quieta e calada. As duas se completavam. Mas, num dia, depois de duas semanas em que as duas se conheceram, algo aconteceu...

- Maru, que livro legal é esse?

As duas estavam no quarto quando Heloísa tateou o livro. Maru então percebeu o quanto havia esquecido dele nesses dias. Disse:

- Olha, Helô, eu tenho um negócio muito legal pra contar pra você.
- O quê?
- Sabe... – Maru foi pegar no livro para explicar melhor, mas fatalmente ao seu toque o livro se abriu, as páginas se folhearam sozinhas, e ela caiu num desmaio profundo.
- Maru! – Heloísa sentiu o peso da amiga sobre a cama em que estava disposta.

Mas tudo terminava por começar em Maruland...

Wamp toma consciência quando acorda de repente com Penélope chamando-o aos gritos:

- Mago Wamp!
- Já estou indo... – Ele se levanta e caminha até a sacada, onde a princesa está.
- Por que está fazendo tão pouco do seu serviço? Já lhe disse que mal posso ficar aqui...
- Acontece que às vezes me pego dormindo sem saber o porquê. Devo lhe dizer que já tentei várias vezes me policial, mas sem resultados acabo em sono profundo.
- Tente ficar mais acordado. Prenda-se ao trabalho. Quando o sono

te pegar simplesmente evite-o e mande-o pra longe.

- Isso é lutar contra a minha própria saúde!
- Não me interessa em nada. Vá fazer o que digo.
- Sim.
- Não me julgue mal. Prevejo que daqui algum tempo vários estudantes povoarão este lugar lindo. Temos que ter tudo pronto para quando chegarem.
- Ao que se refere?
- Refiro-me a aprontar os jardins e os quartos com seus feitiços.
- Estou falando da sua predestinação.
- Eu vejo em minha bola de cristal o futuro breve.
- Mas de onde virão essas pessoas?
- Contente-se em não fazer perguntas. Sua missão aqui é fazer as pessoas felizes. Inclusive você tem de ser feliz.
- Sei.
- E eu também sou muito feliz. Especialmente agora que tenho uma companhia tão agradável! Vamos tomar chá, Wamp?
- Estou sem tempo. Como a senhorita mesmo diz, tenho que terminar com os preparativos. – E Wamp sai.
- Que petulância! No começo você acatava as minhas ordens sem questionar!
- Mas de repente vejo que não posso ficar calado frente aos seus devaneios.
- Devaneios! Está me chamando de louca?
- Veja-se no espelho.
- Ora. Wamp, por Deus, estou ficando com raiva de você.
- Só estou tendo um pouco mais de personalidade.
- Personalidade? Você tem que obedecer minhas ordens!
- Olha... Pra mim chega. Vou embora e deixarei você às traças como um livro velho.
- Livro velho?
- Livro velho.
- Ora, vejam só. Você, um ser destinado a ser minha metade me afrontando. Que está havendo?
- Tive uns sonhos que me deram impulsos.
- Que sonhos?
- Não digo sonhos. Digo... Sugestões inconscientes.
- Sugestões?
- É. Uma noite dormi e de manhã quando acordei estava resolvido a agir por meus próprios impulsos.
- ...Wamp, me desculpe! – Penélope acalmou-se repentinamente.

- Quê?
- Eu... Eu sou uma idiota... Eu me esqueci de que você também está aqui pra ser feliz.

Wamp ficou quieto sem entender muito o porquê de Penélope ser tão estranha e o porquê de tudo girar em torno de felicidade. Ele estava tão confuso sobre si mesmo e nem se atreveria a perguntar pra Penélope, porque sabia que esta não lhe responderia. Por hora, ficaria quieto, mas faria suas procuras e tentaria descobrir tudo sobre esse lugar estranho, a terra da Maru.

- Maru!
- ãH! – Maru acorda depois que Heloísa lhe dá um sacode.
- Maru! Você desmaiou. Quase que fui chamar seu pai.
- Não faça isso. Por favor, Helô.
- Mas...
- Ele não entende. É por causa do livro.
- Livro?
- É. Maruland.
- ... – Heloísa ficou calada. Maru percebeu que precisava da confiança da amiga, pois iria revelar um segredo.
- Vamos jurar amizade. – Disse Maru.
- Tá bom.
- Eu juro... – Maru levantou sua mão direita. – Helô, levanta a sua mão direita.
- Eu juro...
- Que não vou contar nada pra ninguém.
- Que não vou contar nada pra ninguém.
- E juro que isso é verdade.
- Agora conta.
- Jure!
- E juro que isso é verdade.
- ... É que é uma coisa muito especial, temos que jurar.
- Mas conta logo, então. Eu estou preocupada com você.
- Mas conta alguma coisa você primeiro assim eu tomo coragem de contar.
- Que história é essa?
- Conta algum segredo. Você deve ter. Todo mundo tem.
- Tá... Vai. Eu gosto de alguém.

- Eu não disse que você também tinha um segredo?!
- Eu gosto, mas eu não sei se você vai aprovar. Ninguém sabe.
- Ele sabe do seu sentimento?
- Não.
- Então me conta quem é. É alguém lá da escola?
- Não. Antes fosse.
- Quem é?
- É o Henrique.
- Eu sabia.
- O quê! Mas...
- Calma.
- Pensei que desse pra perceber do jeito que você falou... Não quero que ele saiba nunca!

- Por quê?
- Porque sou muito nova. Só tenho 17 anos.
- Parece mais velha que eu.
- Mas é o que ele diz.
- ... Ah.
- É horrível. Ele já tem 25 anos, isso é muito. Eu sou uma boba!
- Não é.
- Ele só é meu professor... Meu querido professor de braille...
- Não desista desse amor, Helô.
- Como não? Ele nem sabe que eu existo. Ele deve até ter namorada...
- Você o acha bonito, não?
- Nunca o vi.
- ...
- Diga-me como ele é.
- Bem... Tem os cabelos meio marrons, mas são loiros, não...

Como os meus...

- ...
- Bem... Ele é alto. Mais que meu pai. E é esbelto. Assim dá pra você visualizar melhor.
- Não consigo visualizar nada.
- Venha – Maru pega as mãos de Heloísa e coloca em seu rosto. – Toque. Poderá sentir o quanto de expressão e personalidade o meu rosto tem.
- Sinto – Heloísa toca e reconhece aos poucos os detalhes.
- Está vendo aqui, sente?
- Arrã. É o nariz?

- É.
- O seu é menor do que o meu.
- E o rosto do Henrique também é mais comprido. Tipo de homem. E os olhos deles são mais finos, está sentindo?
- Arrã.
- Isso, no caso a sobrancelha dele é bem grossa.
- Bonito?
- Diga você mesma!
- ...
- E, olha, sente a minha boca. A dele parece com a minha. Só que ele tem a pele mais grossa, porque ele tem barba.
- Como você acha que será seu marido?
- Eu não sei.
- Vamos, diga.
- Tem que ser assim, com os cabelos bem grandes e pesados, lindo e esbelto. E os cabelos da cor do mar ao se fundir com o poente.
- Que cor é essa?
- Nem eu posso ver uma cor dessas de cabelo. Ninguém tem o cabelo dessa cor, a não ser...
- Quem?
- Wamp.
- Quem?
- O mago Wamp. Lembra-se do meu segredo?
- Lembro, é sobre o livro.
- É. Um dia eu o encontrei na cama do meu pai e da minha mãe. Estava em branco como um caderno de desenhos, mas era como um livro com uma encadernação luxuosa. Eu trouxe aqui pro quarto e fiquei impressionada com o fato de ter surgido subitamente e em cima da cama dos meus pais. Aí um dia eu comecei a escrever, porque do nada surgiu em minha mente a vontade de escrever contos sobre um lugar imaginário. Está entendendo?
- Tô.
- Aí eu peguei no sono, e sonhei que o lindo Wamp, um mago, foi em Maruland e encontrou uma princesa.
- ...
- E quando eu acordei estava tudo escrito no livro.
- Não acredito.
- Não sou mentirosa.

- Mas você mesma me contou aquela história de inventar desculpa pra não ir pra escola.
- Mas isso é outra coisa.
- Eu tô ficando com medo. Isso está parecendo bruxaria. Não gosto dessas coisas.
- Não é não. É verdade.
- E se for? O que tem a ver com seus sonhos?
- Parece que eu faço parte da história!
- E esse desmaio?
- Foi por causa do sonho. Parece que quando a Penélope, isto é, a princesa do livro, chama o Wamp eu tenho que ver para escrever no livro, mas quando acordo já está escrito.
- E o que você acha que isso significa?
- Eu ainda não sei.

Heloísa se levantou da cama na qual as duas estavam sentadas e bateu até a porta:

- Maru, você é muito minha amiga, mas não pode fazer com eu que acredite numa coisa dessas!
- Eu entendo. Queria poder compartilhar meus segredos com você...
- Quer falar sobre outro assunto?
- Não. Queria falar sobre Maruland. Só que você não tá entendendo.
- Não precisa ficar assim, amanhã falamos disso. Vou pensar melhor no que está me dizendo em casa. Eu acredito em você, mas uma coisa dessas só acontece em contos de fada. Se você pudesse realmente escrever coisas que aconteceriam poderia fazer um mundo lindo, em que todos pudessem ser felizes sem suas cruces pra carregar, em que nem eu fosse cega e nem você entevada.
- Mas é por isso que Maruland existe.
- Mas só nos seus sonhos... Vou ligar pro meu pai me pegar. – Heloísa sai do quarto deixando Maru pensativa. Rapidamente pegou a caneta e abriu o livro, escrevendo logo na linha debaixo:

“Wamp foi caminhar um dia na floresta para se acalmar quanto às brigas com Penélope quando foi surpreendido por um assobio. Ele não sabia para onde olhar, quando atrás de si apareceu uma jovem de cabelos azuis como céu de primavera e olhos cinzas como as pedras”.

“E a jovem que enxergava como uma águia veio como um relâmpago trazido da chuva”.

Nesse momento, Heloísa voltou ao quarto para a despedida.

- Maru, tchau. Passa lá em casa se der, meu pai acabou de chegar.
- Tchau.
- Até amanhã na escola.
- Até.

Ao Heloísa sair, Maru comenta consigo mesma:

- Acho que qualquer um pode ir para Maruland. Assim como a Penélope disse, estudantes irão ficar lá. Será que a Helô vai poder enxergar como uma águia?

Heloísa chega em casa exausta. Seu pai entra na sala junto com ela e diz:

- Helô, veja se não vai dormir muito tarde.
- Eu vou dormir agora. Estou cansada...
- De tanto conversar, né?

Heloísa subiu para o quarto deixando seu pai confuso com sua seriedade. Mesmo sem enxergar desde criança, ela tinha uma habilidade incrível com o espaço, se movimentando como uma borboleta, numa destreza infinita. Ao chegar, desabou sobre a cama fofa. Foi tomada por pensamentos que trouxe da casa de Maru e com os quais vinha se esbarrando a viagem inteira. Por que Maru inventaria uma história maluca como aquela? Seria possível que estivesse fora de juízo? Maru é equilibrada, pensou ela. Mas... Seria também bonito se esse lugar que ela falou existisse. E valeria a pena dar uma conferida. Ao relaxar o corpo, Heloísa caiu numa súbita onda de moleza, que a fez dormir instantaneamente.

Wan caminhava pela floresta como uma raposa quando viu um rapaz estranho. Ao chegar por trás, percebeu que o assustou e ele ficou um pouco distante:

- Quem é você?
- Eu? Eu me chamo Wan.
- Wan?
- É. Eu estava caminhando por aí, nessa floresta, quando te encontrei.
- Embora não tenha perguntado, meu nome é Wamp.
- Que lugar é esse? Estou sentindo um cheiro tão bom!
- Maruland.
- Nossa! Parece até sonho! Nunca acreditei que pudesse ter andado tanto... Aonde você mora?
- No castelo aqui perto.
- Ah... Por acaso você sabe de algum lugar em que eu possa ficar?

- Aqui perto tem uma mansão que hospeda jovens. Por favor, venha comigo que eu a levo até lá.

- Arrã.

Wamp foi segurando a mão de Wan enquanto ela via admirada a paisagem do local. Ele estava pensando no que Penélope havia lhe dito, sobre suas visões. Baseadas em que seriam aquelas visões? Foi ontem que ela lhe disse sobre a vinda de umas pessoas! E aquilo estava tão confuso, parecia que só ele se importava com alguma coisa, e com a estranheza daquele mundo. Por que ele apareceu tão de repente? E por que ele era um mago? Ele não se lembrava de sua infância, tampouco de qualquer outra coisa. Ele não sabia como, mas sentia que estava sendo manipulado.

- Olhe, Wamp!

Wamp foi pego de surpresa ao ver que a mansão, antes vazia, agora estava rodeada por jovens de todos os tipos: meio animais, alados, com as mais diferentes cores de cabelos e roupas, todos surpreendentemente mágicos e encantadores.

- Você não me disse que estava tão cheio!

- Como? Que está havendo? – Wamp tomou um susto ao ver Penélope rindo no alto da sacada como se estivesse felicíssima.

- Quem é essa? – Disse Wan ao ver Penélope.

- A princesa... Escute, Wan, preciso de sua ajuda.

- O quê?

- Eu estou pensando umas coisas e você é a única pessoa que eu conheço sem contar a princesa. Preciso que me ajude, mas não conte pra ninguém.

- Tá bom.

- Instale-se na mansão e mais tarde eu falo com você.

- Sim.

Wamp ficou quieto vendo Wan subindo as escadas brancas e cruzando o portão de ferros negros. Ele sabia que, se solucionasse isso, poderia acabar com os problemas de sono repentino...

Heloísa acorda seis horas da manhã sem sono. Ela havia acabado de sonhar com Wan arrumando suas coisas no quarto da mansão. Ela se lembrava de tudo, cada detalhe. E podia enxergar! Heloísa tateou seus olhos com ar de felicidade e realização. Ela pôde enxergar tudo! E Wamp, como Maru havia falado. Estava tão arrependida por duvidar de Maru... E aquelas visões foram tão lindas, foram realmente um sonho. Mas quando ela viu Wan, quando agiu como Wan, não lembrou que era Heloísa, como se

fosse outra pessoa. Mas, ao mesmo tempo, era ela mesma, da maneira que sempre sonhou... E tudo aquilo graças a Maru. Ora! Maruland! Que danadinha, veja o nome que ela colocou no lugar. Quem dera fosse Helôland.

O telefone tocou. Tocou umas duas vezes até que Heloísa pôde escutar seu pai atender. Pouco tempo depois, ele veio:

- Heloísa, pensei que estivesse dormindo. Maru acaba de ligar, quer falar com ela?

- Me dá o telefone, pai. – O pai entrega e Heloísa atende empolgada: - Alô!

- Helô, eu preciso te perguntar uma coisa...

- Você me viu hoje de noite? A Wan?

- Então era verdade! Era você!

- Era... Espere, não chore!

- Não posso evitar.

- Eu pude ver... Obrigada, Maru, muito obrigada!

- Você merece tudo!

- Mas... E você? Em quem você se transforma em Maruland?

- Eu acho que eu sou a Penélope. Porque eu não lembro de ser o

Wamp.

- Mas nem eu lembro. Eu só lembro agora, porque é lógico que eu apareci naquele momento, Penélope e Wamp já estavam lá. Você viu? Tem várias pessoas lá agora.

- Eu não esperava que isso pudesse acontecer... É incrível.

- Incrível é você por escrever um mundo tão lindo. Quero voltar lá quantas vezes eu puder. Quero voltar a enxergar! Quero cozinhar, e ler, e fazer tudo!

- Vai ter que esperar até chegar a noite.

- Talvez não. Tchau, Maru.

- Espere, o que quer dizer com...

Mas o telefone já havia sido colocado no gancho.

- Mãe, vem cá, traz a caixinha de remédios que eu estou precisando pegar umas coisas. – Heloísa deitou novamente na mesma posição em que estava.

- Pra que, filha?

- Nada não, mãe.

A mãe de Heloísa trouxe a caixa e Heloísa começou a futucar. Logo encontrou o que queria: um vidro arredondado de comprimidos soníferos.

- Vou poder enxergar agora!

Heloísa abriu o pote, pegou três comprimidos e colocou-os na boca em seguida. Fez força e concentração, mas acabou engolindo. Depois disso pegou alguns e escondeu na gaveta; o restante deixou no pote e guardou do jeito que estava. Ajeitou-se na cama confortavelmente e preparou-se para mais um tempo em Maruland.

Maru ficou muito nervosa quando Heloísa disse aquilo. Parecia até um cartão postal para o sono eterno, com certeza não iria para a aula. Mas o doutor iria passar na casa dela! “Ai, que coisa”, pensou ela, Heloísa não podia ter feito aquilo...

Wan acordou à noite em seu quarto. Estava tão feliz de estar ali que seu coração saltitava. Mesmo estando todos dormindo, ela pegou uma vassoura e começou a varrer seu aposento. Não era um simples quarto, era como uma casa. Tinha um banheiro, uma cozinha, três quartos e muitos materiais para pintura, culinária e outras coisas. Depois de varrer, pegou trigo, açúcar, leite, ovos e manteiga para fazer um bolo magnífico, que ia se moldando com seu amor. Com o bolo assando, ela teve espaço para se dedicar aos pincéis. Foi lá e começou a pintar um quadro de cavalos. O bolo ficou pronto. Comeu um pedaço e guardou o restante para depois. Foi fazer uma maquiagem como nunca havia lembrado de ter feito. Ficou linda. Em seguida resolveu costurar roupas para si e para os outros. Ali havia tecidos fabulosos e quando já havia terminado, foi lavar vasilhas com o maior prazer. Ver as nuvens no céu noturno é lindo. Ela não sabia por que, mas realmente não gostava da escuridão, como um trauma por ter ficado muito tempo presa num lugar sem luz. Quando foi sair do quarto para procurar Wamp, viu Penélope andando pelo corredor. Quando a princesa lhe dirigiu a palavra...

Heloísa acordou no seu quarto. Estava coberta sobre a cama. Seu corpo estava dolorido e parecia que ainda estava com sono. Ao se mexer sentiu que uma pessoa estava sentada ao seu lado. Provavelmente dormindo. Apesar de pensar que não havia acordado a pessoa, escutou uma voz familiar:

- Helô?
- Henrique? – Ela reconheceu a voz.

- Você... Como pode tomar remédios?
- Eu não tomei, não.
- Sua mãe encontrou um bocado dentro da sua gaveta. Está depri-

mida de novo?

- Não...
- A gente já conversou tanto.
- Henrique... Eu estou me sentindo mal.
- O que está sentindo?
- Uma dor no corpo. Uma moleza...
- Deve ser porque dormiu durante três dias.
- TRÊS DIAS?!
- É. Todos estavam apreensivos. Sua mãe está descansando e seu pai foi trabalhar.

- Você ficou aqui comigo?
- É, menina, a noite inteira.
- Eu não sou mais menina.
- Não gosta mais que eu te chame assim? O que está acontecendo?

Não me diga que virou moça!

- Seu idiota! Idiota! Você é um estúpido!

Henrique puxou Heloísa para perto de si e a abraçou como um homem abraça uma mulher. Heloísa ficou ruborizada e seu coração disparou no peito. Henrique sentiu os seios de Heloísa e percebe que realmente, por debaixo daquela camisola, havia um botão de rosa, que ele não havia percebido. Heloísa sabia que seu rosto estava perto do dele porque sentiu a respiração forte. Sentiu os lábios dele no seu rosto formando um beijo tímido e de arrepiar.

- Eu te amo, Henrique!
- Eu também.
- Me beije! Por favor!
- Não posso...
- Me beije! Dê-me meu primeiro beijo.

Henrique deslizou seu queixo barbeado pela face macia da jovem Heloísa, que estremeceu de emoção. Sentiu o toque da borda da boca fina dele, que tocou na sua. Heloísa ficou paralisada de emoção. A respiração que saía do nariz dele tocava o seu nariz e sua face. Ela inclinou sua cabeça e ele encostou seu rosto no dela. Heloísa abriu sua boca e Henrique selou o movimento com outro. Heloísa ficou envolvida com o perfume e com o toque delicado dele, enquanto Henrique beijou a boca inocente dela. O

quarto escuro do fim de tarde ficou recheado de emoção do primeiro beijo. Aquela menina que ele conheceu com oito anos já era mulher. Quando Henrique pensava que ela podia terminar o beijo, ela insistia e eles continuavam se beijando. Agora Henrique a envolvia, ensinando a Heloísa o beijo da paixão. Os dois estavam tão envolvidos que nem perceberam que a mãe da Heloísa havia chegado em casa. Seus passos estavam percorrendo o corredor. Por sorte, Henrique ouviu quando ela empurrou a porta, foi o tempo dele colocar a cabeça de Heloísa em seu ombro.

- O que está acontecendo? – A mãe acendeu a luz do quarto.
- Mãe, eu acabei de acordar. Quando ia levantar tive uma tontura...
- Obrigada por segurar minha filha, Henrique.
- Não é nada.
- Agora eu vou conversar com você, sua irresponsável. Eu e o seu pai, tudo bem, mas o coitado do Henrique não tem que aguentar suas malcriações. Se você fizer isso de novo não vou mais deixar o Henrique te dar aulas.

- Mas mãe...
- Ponto final. Eu vou lá em baixo buscar um suco pra ele e pra você. Amanhã você vai pra aula bem cedo. Está ouvindo, menina?

- Estou.

Quando a mulher saiu do quarto, Henrique disse:

- Heloísa, vamos dar um passeio hoje à noite.
- Mas não sei se a minha mãe vai deixar.
- Então amanhã depois da escola, vamos tomar um sorvete?
- Eu...
- Vamos. Eu quero conversar melhor com você.
- Tá bom.

Henrique beijou Heloísa rapidamente e saiu do quarto. A mãe dela apareceu alguns minutos depois com uma bandeja com dois copos de suco:

- Henrique, esse aqui... Onde está ele?
- Ele saiu há pouco tempo.
- O que você disse de errado pra ele ter ido embora sem se despedir de mim?

- Nada.
- Ora, ele não iria assim tão de repente.
- Mamãe, me deixa. Onde está o telefone?
- Vai ligar pra quem?
- Pra Maru.

- Espere...

Maru estava em casa dentro do quarto aos prantos quando o telefone tocou. Quando já estava no sexto toque ela atendeu impaciente:

- Quem é?
- Alô? Maru?
- Helô? – E Heloísa pôde escutar a choradeira de Maru.

- O que aconteceu?
- Foi o meu pai. Ele...
- Ele te bateu?

- Não. Ninguém nunca bateu em mim. Ele achou que pelo fato de você ter tomado sonífero e dormido durante três dias a culpa é minha, ou melhor, do livro. Disse que se eu voltasse a dormir um pouco além da conta iria queimar o livro. Só que eu acho que ele vai fazer isso mesmo assim. É terrível, se ele queimar eu acredito que não possamos mais ir lá. E que talvez Maruland seja destruída.

- Tenho que conversar com você também sobre outra coisa, Maru. É muito importante. Eu não posso falar o que é porque minha mãe pode escutar...

- Entendo. Mas... Como vamos fazer? Só se o Henrique levar a gente no parque.

- Não vai dar. Além de ele ter acabado de sair daqui estou morta de vergonha dele.

- O que aconteceu?
- Depois eu conto com mais calma, agora não dá mesmo.
- É... Deve ter rolado alguma coisa...
- Pára de ser boba, Maru. A gente tem que resolver essa história do

livro e você fica aí sonsando. Pense em alguma coisa antes que anoiteça. Depois fica um pouco difícil pra gente ficar saindo de casa.

- Bem que a gente podia ter mais uma amiga.

- Mas a gente não tem e tem que dar um jeito.

- Vejamos... Vamos fazer o seguinte: sem pressa. Amanhã eu vou te entregar o livro e você fica com ele na sua casa, assim, por mais que procure, meu pai não poderá encontrá-lo. Está bem assim?

- Perfeito.

- E o que você tiver pra me contar sobre você e o Henrique você conta na aula.

- Tá bom, agora eu vou ter que desligar antes que a minha mãe comece a me encher o saco. Tchau, até amanhã.

- Sonhe com Maruland sem precisar de soníferos, sua doida!
- Tá bom. Vou ver se me mantenho longe deles.
- Estou entendendo isso como uma promessa.
- Tá bom. Agora eu tenho alguns motivos pra curtir o mundo material.

Heloísa desligou o telefone deixando Maru pensativa. Ela mesma não havia se tocado de que Maruland não era um mundo material. Tampouco tinha fronteiras com o nada. E se tinha tanto poder em fazer coisas acontecerem, não sendo apenas sonhos controlados, era pra ser em algum lugar. E isso a perturbou tanto que ela lembrou que Wamp estava se fazendo os mesmos questionamentos, e sem resposta. Era mais fácil encontrar essas respostas ela mesma do que esperar que o mago as encontrasse. Ela mesma iria dar um jeito. E na manhã seguinte saberia o que foi que aconteceu com Helô.

Na manhã seguinte, Maru foi pega se surpresa pela buzinação. O pior é que seu pai já havia saído há um tempão e parece que atrasado também, porque nem ficou para acordá-la. Onde já se viu fazer isso com a filha, pensou. Ainda mais uma filha que não podia andar. Maru deu seu jeitinho e vestiu o uniforme do jeito que pôde. Sentou em cima da cadeira e foi empurrando para o banheiro para escovar os dentes. Nem daria tempo de tomar o café. Saiu às pressas e pegou a mochila. Abriu a porta da casa e deu de cara com Henrique.

- Que susto! – Disse Maru.
- Eu que o diga, já ia tocar a campainha de novo quando você abriu a porta. Nós também estamos atrasados, vamos! – Ele a pegou no colo para levá-la até o carro. Maru abriu a porta que na pressa Henrique deve ter esquecido de abrir e ele a colocou confortavelmente no banco. Depois voltou para pegar a cadeira, mas Maru não pode evitar perceber que havia algo no ar. Sem falar nada sobre o assunto, Heloísa foi logo perguntando do livro:

- Onde ele está? Me dá pra eu guardar logo na mochila.
- Ai, que cabeça a minha! Eu o esqueci em cima da cama. – Henrique já ia entrando no carro. – Henrique, pega aqui a chave, vai lá no meu quarto e pega o livro que está em cima da cama. Um bonito, encadernado com pano vermelho e umas fitas.
- Que livro emperiquitado! Você faz "scrapbook" nele?

- Vai logo, seu pastel!
- Tá bom. Faço as vontades das minhas princesas. – E Henrique foi buscar o livro.

- Ai, caramba!
- O que foi, Maru?
- Eu esqueci de trocar o material da aula de ontem. Agora já era!
- Pede o Henrique pra pegar quando chegar aqui.
- Ah, não. Já estamos muito atrasados. Ah... Agora lembrei: está certo que eu acordei atrasada, mas por que os dois chegaram aqui fora do horário?

- Por nada.
- Conta logo enquanto ele não chega.
- Não foi nada mesmo. Ele só passou lá em casa um pouco atrasado porque fez plantão ontem à noite e estava cansado.

- E por que você não senta no banco da frente?
- Porque não.
- Senta que ele já está vindo.

E Henrique chega, abre a porta da frente e entrega o livro pra Maru:

- Agenda bonita, você tem uma bonita caligrafia.
- Você leu, é?
- Não era pra ler não? – E Henrique ligou o carro.
- Não, espere! A Helô quer sentar aí na frente.
- Mas... – Disse Heloísa com vergonha.
- Quer, Heloísa?
- Vai lá, tonta, você bem me disse que queria. – Maru deu uma beliscada na bunda de Helô.

- Maru! – Disse ela furiosa.
- Se ela não quiser, deixa. – As duas sentiram pelo tom de voz que Henrique disse aquilo desanimado.

- Heloísa, se você não quer...
- Eu quero, sim, sentar na frente. – Heloísa habilidosamente abriu a porta do carro e deu a volta, depois abriu a porta da frente. Sentou-se e falou com Maru:

- Você é que é tonta.
- Veremos... – Falou Maru dando uma risadinha.

Henrique ligou o carro com um sorriso no rosto. Maru ficou acompanhando a paisagem sem tocar em assunto nenhum com sua amiga, afinal de contas ela sabia que estava segurando vela. Sem querer, no meio da

viagem, ela foi puxar assunto, mas ficou paralisada de emoção ao perceber que a mão que não estava no volante estava com a de Heloísa. As duas entrelaçadas como dois pássaros no outono. Maru achou aquilo tão lindo e tão romântico que queria chorar de felicidade, mas isso iria tirar a atenção de Heloísa e estragaria tudo. Os dois pombinhos... He, he, he... Maru ficou quieta para não chamar a atenção, mas logo eles chegaram ao colégio. Repetindo o mesmo ritual de sempre, Henrique saiu do carro e ajudou Maru com a cadeira de rodas, depois abriu a porta do carro para Heloísa. A troca de sentimento entre os dois foi tão intensa que Maru ficou arrepiada.

Henrique então quis dar-lhe um abraço, mas Heloísa se distanciou e chamou por Maru:

- Maru, vamos pra sala.
- Vamos... – Maru viu o desolamento de Henrique ao voltar para o carro e em seguida olhou para o rosto de Heloísa para ver como ela se sentia:
 - Até que está calada para a palhaçada que fez no carro. – Disse Heloísa.
 - Por quê? Ficou com raiva?
 - Eu não tô com raiva.
 - Você é mais mentirosa que eu. Vamos, agora você pode me contar.
 - Espera pra quando chegar a hora do recreio.
 - Conta logo, que assim a gente já perde a primeira aula de uma vez.
 - Eu não quero.
 - Que desânimo! Tratou mal o pobre do Henrique e por aí vai, se ele te der um corte você vai ficar satisfeita.
 - Do que você está falando?
 - É errado tratar as pessoas de quem gostamos com indiferença. Depois se elas nos tratam da mesma forma ficamos com raiva.
 - Verdade... Não tinha pensado nisso. Acha que ele ficou com raiva de mim?
 - Não. Acho que ainda não é pra tanto. Ele sabe que você é dengosa.
 - Não seja besta, está morrendo de ciúmes!
 - Então aconteceu alguma coisa.
 - Como assim?
 - Disse que eu estou com ciúmes, deve ter acontecido algo. Conta logo.
 - Não vai contar pra ninguém, vai?
 - Não, não vou.
 - Olha, ontem à noite quando eu acordei o Henrique estava to-

mando conta de mim no lugar dos meus pais. Aí a gente teve uma briguinha besta.

- Conta! Olha, estou toda arrepiada, veja! – E colocou a mão de Heloísa nela.

- Bati nele porque ele disse que eu era criança. Aí ele me abraçou e eu disse que gostava dele.

- Na cara dura?

- Na bucha: “Eu te amo”.

- Ai!

- E não é nada. Ele disse: “Eu também”.

- Pô, lembra direitinho.

- É inesquecível, pro resto da vida.

- E aí?

- Aí nos nós beijamos.

- Mentira! – Disse Maru boquiaberta.

- Não.

- Mas como foi, assim, de repente ele te beijou?

- Não. Eu pedi.

- Sua cara de pau! No natal vou te dar um óleo de peroba.

- Mas ele me beijou. E eu senti seus lábios suaves e seu rosto de barba bem feita. Meu coração não cabia dentro de mim. Ele falou que hoje nós iríamos dar uma volta depois da aula, mas eu estou com vergonha.

- Mas vocês já se beijaram e tudo!

- Mas mesmo assim. Você não entende... É que eu me sinto, sei lá!

- Insegura?

- É, mais ou menos. Eu não sei. É um frio na barriga. Me sinto com vontade de ficar distante dele de tanta vergonha de ele ter me beijado, e ao mesmo tempo quero que estejamos sempre juntinhos.

- Que lindo!

- Lindo porque não é com você.

- Mas deixa eu mudar de assunto. Sobre você ter tomado os remédios. Mesmo que eu estivesse chateada por meu pai implicar comigo por sua causa não é esse o problema. Não quero que tome esses remédios. São como droga.

- Tá bom.

- Olha, eu fiquei muito chateada quando soube que você havia tomado remédios pra dormir. Além de ter ficado preocupada, fiquei com peso na consciência.

- Eu sei. Desculpa. Não quis causar problemas pra ninguém, mas fiquei deslumbrada com o fato de poder enxergar.

- Tá bom. Eu não quero ser igual o chato do meu pai que fica me dando broncas. Esqueça. Se não vai fazer de novo, tudo bem.

- Sim, “pai”. – Disse Heloísa. Maru olhou pra cara da amiga, que estava sorrindo. Mas Maru também já sorria. – Ahaha! Imagino a cara de tacho que você tá agora. – Disse Heloísa.

- A senhora tá cheia de graça hoje. Só porque beijou na boca!

- Não enche não, tá. – Disse Helô com vergonha.

- Tudo bem, deixa pra lá.

- Você também...

- Eu o que, hein?

- Não é nenhuma santa e fica aí rindo da minha cara.

- Tá bom, tá bom... Melhor eu ficar quieta que eu ganho mais.

- Deixa esse papo pra lá e me passa o livro.

- Tá aqui, mas não deixa os seus pais verem porque sabem que meu pai é contra, e se virem, podem suspeitar.

- Tá bom, eu vou pedir pro Henrique dar uma lida no começo, porque eu não sei como se iniciou Maruland.

- E você acha que por acaso eu sei?

- Como assim?

- Quando eu comecei, todo o palácio já existia e a princesa Penélope já mandava em tudo. Já fui pra lá vendo tudo assim. E tem o Wamp, lógico.

- Quem é que você representa lá?

- Eu acho que é a Penélope, porque ela colocou ele lá para ajudá-la na administração de Maruland. Logo, eu criei Wamp.

- Ah, sim. Faz sentido.

- Não faz? Ainda mais que a princesa é linda! Não me vangloriando, mas é que ela é do jeitinho que eu sempre quis ser: bonita de rosto e de corpo, olhos como o mar, cabelo comprido e lisinho... Não esse meu pichaim aqui que não dá pra passar a escova.

- Que exagero! Dá aqui, deixa eu ver...

Então Heloísa passou a mão no cabelo de Maru e exclamou revoltada:

- Pichaim! Que pichaim, Maru? Você tá mais cega do que eu!

- Você tá falando isso porque é minha amiga.

- Ah, é assim, né? Eu nem sei como eu sou e você fica aí com essa má vontade.

- Você é linda! Eu nunca vou arrumar um namorado. Quem é que

vai querer uma aleijadinha?

- Maru, para de palhaçada, né. Quem é que vai querer saber de uma cegueta como eu, é a pergunta.

- Você fala isso porque nunca vai ver minha escandalosa feiura!
- Maru, chega de fingir baixa auto-estima. Qual é o problema, me diz?
- Eu, eu não sei ...
- Pois eu sei!
- E o que é?
- O que a falta de um namorado não faz, né?
- Como assim? – Disse Maru com expressão, ao mesmo tempo,

confusa e animada.

- Você tá é com necessidade de amor, eu estava sofrendo desse mal, mas já estou curada. Veja a minha pele! – Disse Heloísa sarcasticamente.

- Que tipo de comentário é esse?
- Você precisa é de um namorado!!!
- Está doida, Heloísa?!
- Nada disso. Eu estou falando sério. Vou arrumar um namorado pra você e o mais rápido possível.

- Você está brincando!
- Não.
- E quem você vai escolher, sabichona?
- Já se interessou, né?
- Ah...
- Tá bom, não vai ser ninguém do colégio. Aqui só tem idiota.

As duas riram e depois Helô empurrou Maru para a sala, pois o sinal de entrada para a segunda aula já havia soado.

Após se despedir de Henrique e Helô, Maru entrou em casa pensativa. Apesar de sua amiga não ter pedido, ela se achou no dever de armar o encontro entre os dois mesmo que tivesse que mentir para o seu pai. Ela já estava se acostumando em contar essas mentiras “lights” para ele mesmo...

- Maru! Você já chegou?
- Já, o Henrique me trouxe.
- Maru, você gostaria de ser como a Heloísa, ter um médico só seu?
- Que papo é esse?
- Eu pretendo contratar um doutor exclusivo pra você.
- Mas eu não estou doente.

- Está sim, mas é das ideias.
- Você quer fazer o que em relação a isso?
- Isso é uma surpresa que venho programando.
- Vê lá, hein! – Maru bocejou e disse: – Eu estou com um sono, não sei o que houve.
- É de tanto ficar escrevendo o seu romancinho.
- Eu já sei, como está cedo, eu vou dar um cochilo só para descarregar e quando o almoço estiver pronto, se eu já não tiver acordado, você me acorda. Acho que vou estar com fome.
- Tá certo, então vai que você tá mais parecendo um zumbi com essas olheiras horríveis.
- Eu tô indo.

Maru foi rodando a cadeira até a sua cama, mas nem se deu o trabalho de tirar o uniforme. O sono era muito intenso, como se alguém, ou alguma coisa estivesse puxando-a para o mundo dos sonhos.

Wamp acordou assustado. Estava dormindo sobre uma árvore frondosa e, sem se dar conta, tinha perdido a hora de seus afazeres na organização do colégio. Sem perder tempo montou no seu cavalo, que saiu trotando na direção do palácio.

Dentro dos limites do colégio, Wan acordou com um canário cantando. Ela levanta e penteia os cabelos, põe uma presilha e sai para a aula. Hoje era o primeiro dia letivo naquele lugar dos sonhos e os alunos seriam apresentados ao coordenador-chefe do colégio, de quem ela já era íntima.

Wamp chegou apressado e desceu do cavalo antes mesmo que ele parrasse. Parecia, por enquanto, ter mais habilidade como cavaleiro do que como mago, só por enquanto.

Subiu num degrau mais alto para dar sua palavra a todos aqueles alunos ali reunidos. Logo que seus olhos pousaram sobre a multidão, ele viu a alegre Wan acenado pra ele, não pode deixar de acenar:

- Olá!
- Oi! – Ela disse.
- Wamp. Comece. – Disse Penélope, que apareceu atrás dele.
- Claro... – Disse ele meio desanimado. – Bem, devo lhes dizer que mesmo jovem como vocês sou seu superior. Mas isso não é problema. Podem contar com minha amizade assim como faz a aluna Wan, uma moça muito simpática.
- Mas devo dizer... – Diz Penélope interrompendo Wamp. – Que não devem atrapalhar Wamp todo o tempo, já que ele tem afazeres de suma

importância para manter esse local no devido estado.

- Pois é. – Diz Wamp, num desagrado que todo mundo viu, inclusive Wan ficou estarecida.

- Agora vocês podem voltar pras suas atividades. Até mais! – Penélope se despediu de todos e entrou no castelo. Wamp ficou pensativo e chateado mais uma vez. Penélope estava se tornando insuportável. E o pior é que no fundo, no fundo, ela era até legal. Wan ficou lá parada enquanto a multidão se dispersava. Olhando o pobre, coitado e solitário Wamp, que precisava de uma namorada mais que urgente. Para a próxima menina que conhecesse, uma bem legal, o apresentaria e faria com que se apaixonassem. Wamp ficou tão desolado que chamou seu cavalo e montou, para uma longa cavalgada pelos campos para ouvir a voz de Deus e de todos os anjos, alguém que poderia lhe dar uma luz, um direcionamento. Ele queria saber tantas coisas, porque não conseguiria viver com dúvidas.

- Maru, acorda!

- Pai... Ai, que sono...

- Vem almoçar.

- Estou morrendo de fome.

- Venho notando que você vem melhorando seu humor nessas semanas, por quê?

- Não sei. – Disse ela, indo pra cozinha.

- Acho que é a amizade com Heloísa. Eu sabia que iriam se dar bem.

- Porque somos defeituosas de fábrica.

- Não foi isso...

- Eu sei. Estou brincando.

- Ah.

- E por que eu estou assim tão legal você não vai mais chamar o tal doutor?

- E quem disse que eu disse isso?

A campainha toca.

- Espere aqui, Maru, que eu tenho uma surpresa pra você. Feche os olhos!

- Tá... – Maru fecha seus olhos. Quem sabe é uma surpresa legal mesmo.

Ela então percebe que junto com os passos de seu pai vem mais uma pessoa. Pensando ser um homem de entregas, se vira rapidamente e estendendo as mãos, diz:

- Pode entregar pra mim!

Mas fica surpresa ao ver que em frente a ela não está nenhum homem de entregas uniformizado, e sim um rapaz de uns 27 anos, muito mais alto que Henrique, calça preta, camisa branca e gravata vermelha. Pele morena clara, cabelos pretos e olhos verdes, sobrancelhas arqueadas com ar de rei.

Maru colocou suas mãos sobre a boca, envergonhada.

- Ah, há, há, há, há, há, há!!! – O rapaz logicamente ria da cara dela, e riu com gosto.

- Ah, há, há, há, há, há, há!!! – O pai ajudou.

- Desculpe. Ai, que vergonha. – Maru voltou-se para a mesa.

- Então... A... Há, ha, ha... Desculpe, foi muito engraçado... – Ele se sentou ao lado de Maru na mesa. – Você que é a Maru?

- É... – Maru não sabia onde colocava a cara.

- Por que você tem esse nome?

- ... – Maru nunca gostou que perguntassem isso pra ela porque a explicação sempre foi enorme. – É porque minha mãe era japonesa, e meu pai conheceu ela no Japão, e foi o lugar onde eu nasci. Meu pai é americano, aí quando os japoneses querem falar Mary fica Maru. Entendeu?

- Mas por que não Mary?

- É uma conversão. Ainda não entendeu?

- Eu tinha entendido da primeira vez, estava brincando.

- Ah! – Maru não achou graça e fez cara de poucos amigos. Num certo momento, o rapaz virou-se pra ela e disse:

- Que cara é essa? Está com raiva?

Aquilo foi o cúmulo. Maru simplesmente se virou e disse:

- E qual o seu nome, senhor das sobrancelhas arqueadas?

O pai estava às gargalhadas.

- Eu? Me chamo Amaro, meu anjo.

- Não sou seu anjo não, tá, ô meu filho!

- Há, há, há...

- Eu já estou cheia disso!

- Deve ser bom ser uma garota rica e mimada que trata os outros com a arrogância de quem tem o rei na barriga.

- Olhe quem fala! – Maru simplesmente deu meia volta e saiu da mesa para seu quarto. Isso deixou seu pai rindo muito mais da cara dela. Amaro ficou com a nítida impressão de que ela era realmente uma menina mimada, chata, infantil e arrogante. Ele então achou que até deveria cobrar mais caro pra trabalhar com ela...

- Amaro. – Disse o pai de Maru.
- Sim. – Ele voltou a dar uma garfada.
- Maru não é sempre assim. Até que ela está melhorando o humor.
- Ah, sim... – Disse ele num ar meio desacreditado.
- Mas deixe lhe dizer sobre por que eu o contratei.
- Claro.
- Maru está com sérios problemas em relação ao sono. Ela simplesmente dormiu outro dia durante dois dias, mas eu não contei pra ela e eu acho que ela não percebeu, bem, não quis deixá-la alarmada. Foi no dia que ela comentou sobre um sonho que ela teve.

- O quê? Dois dias? Ela deve estar muito cansada.

- Não, eu acho que não é esse o problema. Depois sua amiga, He-loísa, uma menina cega, tomou alguns comprimidos de soníferos e dormiu por três dias. Eu coloquei Maru contra a parede pra ela me contar o que estava acontecendo e ela me deu uma resposta maluca sobre um livro que ela encontrou, e que ele estava puxando elas para seu mundo.

- Continue, por favor. – Amaro ficou muito interessado quando soube que, realmente, se tratava de uma situação paranormal.

- Ela encontrou o livro não sei onde, não me disse. Um livro estranho, em branco, em que ela escreve algumas poesias, só que não as leio. Ela disse que o que escreve sonha, e o que sonha aparece escrito. Ela está louca?

- Imagine que sim... Preciso dar uma olhada no tal livro pra ter certeza.

- Também acho sensato. Espere aqui. – O homem saiu e caminhou na direção do quarto de Maru. Amaro terminou de almoçar e limpou seus lábios com um guardanapo. Interessante esse caso. Uma menina que é puxada para um livro. Mas ela não é assustada. Não parece ser um "Poltergeist".

Amaro então começa a escutar a discussão vinda do quarto:

- Maru, preciso que o Amaro veja o livro.

- Não, ele não vai ver.

- Mas por quê?

- Porque ele é um chato. Um debochado. Não vou entregar nada.

- Então eu mesmo procuro.

- Fique à vontade! – Maru fez cara de sonsa porque sabia que, por mais que seu pai procurasse, ali, ele nunca encontraria.

Amaro estava fazendo hora na mesa quando o homem veio:

- É, Amaro. Parece que o livro não está aqui. Vai ter que deixar pra outro dia.

- Enquanto ela não quiser que você encontre não vai encontrar.
Você disse anteriormente que faria algo com esse livro?

- Bem... Ontem à noite eu a avisei que queimaria.

- Está explicado. Onde mora essa tal amiga dela que você disse, a que tomou remédio?

- Ah. Você acha que está com ela?

- Talvez. Anote o endereço num papel que eu irei até lá. Eu pego o livro e depois devolvo pra sua filha.

- Mas...

- Não é certo se livrar do livro. Melhor que eu investigue e depois saberemos qual o real problema.

- É. Você está certo. Espere... – O pai saiu para pegar papel e caneta.

Amaro também achava que queimando o livro o laço poderia se desfazer. Mas... Ele ficaria sem saber o que havia nele. Qual era o mistério. Logo o pai veio com o papel.

- Aqui está. Fica, por sorte, a poucos quarteirões.

- Ah, sim. – Amaro se levantou da cadeira. – Até outro dia.

- Qualquer novidade, me informe. Não se esqueça.

- Claro que não. Até logo. – E Amaro então saiu pela porta.

O pai de Maru já ia voltando pra cozinha quando escutou o som de dígitos do telefone.

- Maru!

Maru agarrou o telefone enquanto ele chamava.

- Não telefone pra Heloísa senão vai se ver comigo.

- Não tô nem aí pra você nem pra esse tal de Amaro.

- Alô? – Heloísa atendeu do outro lado.

- Helô, sou eu, vai aparecer aí um cara e vai perguntar...

Tu-tu-tu-tu...

- Alô? – Maru desesperada ao ver o telefone mudo.

- Quem é o mais esperto dos dois? – Disse seu pai com o fio do telefone na mão.

- Seu chato!

- Não vai avisá-la. Ela entregará o livro ao Amaro e depois ele disse que te entrega.

- Vão deixar o livro comigo?

- Ele disse que é melhor.

- ...

- E além do mais ele já deve ter chegado na casa dela. Melhor ficar

calma, não vai comer o seu livro.

Maru ficou emburrada em cima de sua cadeira de rodas.

Nesse momento, Amaro saía de seu carro e conferia a numeração da casa. 23. Era aquela mesma, construída em madeira, pintada de branca, com detalhes azuis. Tocou a campainha. Em algum tempo uma mulher de uns 45 anos, provavelmente a mãe dela, veio atender:

- Sim?
- Poderia falar com Heloísa?
- Claro. Ela te conhece? Qual o seu nome?
- Amaro.
- Tudo bem. Entre.
- Obrigado. – Amaro foi levado pela senhora até a sala, onde foi acomodado num sofá macio de chenile verde.
- Espere aqui. – Ela disse.

Amaro ficou olhando a sala. Diziam-lhe que seus olhos eram curiosos e que sua língua era ferina. Nunca guardou nada dentro da boca, por isso fazia tantas inimizadas. Um jovem de 28 anos que dedica seu tempo aos estudos do sobrenatural, não tem namorada fixa há seis anos e mal conhece a cidade não deve ser normal. Ficou olhando a decoração. Não que as pessoas desse bairro fossem ricas, assim como a menina da cadeira de rodas, mas em melhor condição de vida do que ele, que tinha um apartamento bagunçado e escuro. Livros espalhados por tudo que é canto, sem ventilação, e ainda mantendo um cachorro escondido do senhorio...

Seus pensamentos foram interrompidos por Henrique, que veio para falar com ele:

- A Heloísa não quis falar com você. Então achei melhor eu vir. Muito prazer. – Henrique lhe estendeu a mão.
- Você não é o pai dela, certo?
- Certo. Eu...
- É o namorado?

Henrique olhou. A mãe de Heloísa estava na sala de trás passando roupa.

- Esqueça. – Ele disse. – O que quer com ela? Disse que não ia recebê-lo por causa de um telefonema da Maru.
- Eu só vim pegar um livro.
- Um grosso, encadernado.
- É. Deve ser isso. A menina escreve nele.
- Eu sei qual é. Espere que eu vou pegar.

Henrique sai e Amaro fica pensando mil coisas. Logo depois o rapaz chega e lhe entrega o livro.

- Aqui está. Diferente, não?
- É... Você leu?
- Não. Pra dizer a verdade só dei uma olhada.
- Ah. – Amaro memorizou que era para ficar de olhos abertos em relação à Henrique.

- Isso tem a ver com a Heloísa?
- Não. – Amaro mentiu. – Não é nada. Bem, eu já vou indo.
- Então, até qualquer dia.
- Até.

Henrique foi com ele até a porta e os dois se despediram. Mas Henrique não era burro, ele sabia que algo estava acontecendo.

Wamp estava tão triste com sua vida idiota que resolveu se matar pulando da cachoeira. Foi de cavalo até uma certa parte e dali seguiu por uma trilha esguia. Chovia. A vegetação molhada deixava seu manto cor vinho úmido. Depois de subir por algumas pedras redondas, ele chegou à nascente.

A água batia tão forte nas pedras que respingava no seu rosto fazendo uma chuva de sereno. Era tão bonito. Wamp esticou seus braços, pronto pra pular, quando alguém pulou sobre ele:

- Não!
- Ah!

Ele bateu sua cabeça numa pedra, a moça caiu em cima dele, toda molhada.

- Ai...
- Eu te salvei... Você está bem?
- ... – Wamp olhou para o rosto da garota. Ela era linda. Tinha cabelos verdes, olhos da tonalidade do mel. Um sorriso de menina. Tinha cabelos curtos presos com arco de cabelo.

- Qual o seu nome?
- Wamp. E o seu?
- Nori. Muito prazer.
- O prazer é todo meu. De onde você é?
- Acabei de chegar no colégio.
- Eu... Não devia lhe dizer isso. Mas estou apaixonado por você. – No mesmo momento, o tempo se iluminou.

- Você mal me conhece!

- Mas eu já sei que é com você que quero ficar até morrer.
 - Ah! – Nori sai de cima dele e se limpa da lama. – Está viajando.
- Além do mais eu também não te conheço, e parece bem mais velho do que eu.
- Como você é geniosa!
 - Eu não sou geniosa.
 - Será mesmo? – Disse ele, rindo.
 - ... Eu vou embora daqui. – Nori saiu correndo.
 - Espere!
- Ela fez língua pra ele.
- Ora! – Disse Wamp.

Nori corria rápido, logo já não o via mais. Ela não queria dizer pra ele, mas assim que o viu, pronto para se suicidar, já estava apaixonada também. Seu coração saltou tanto que ela ficou com vergonha quando ele disse que também ficou apaixonado por ela. Mas será que foi porque ela o havia salvado?

Maru acordou de manhã antes que seu pai a chamasse. Ela havia sonhado que Wamp estava apaixonado por Nori, uma menina geniosa e ativa. E ela achou Nori tão legal. Tão espontânea, aquele tipo de pessoa que não fica calada, que fala o que tem vontade. Maru, e Wamp também, só falavam as coisas que queriam quando estavam com raiva, mas Nori era verdadeira sempre. Maru achou de cara que Nori era o par perfeito para Wamp.



CAPÍTULO II

SOLIDÃO NO JARDIM DA AMIZADE

Maru acordou no sábado disposta a escrever um encontro bem-sucedido de Wamp com Nori, a novata.

Mas só depois que ela se lembrou de que o seu diário estava na casa de Heloísa. Só que ela estava muito ansiosa para ver um novo romance em Maruland. Sem perder tempo, ligou o computador. Depois ela passaria a limpo. Seria bem difícil o seu pai ver que ela ainda escrevia. Estava empolgada abrindo o programa que nem notou seu pai passando.

- Bom dia.
- Oi, pai.
- O que está fazendo?
- É um trabalho de escola em dupla e como a Helô não teve uma ideia melhor eu resolvi fazer no micro daqui de casa. É pra segunda-feira.
- Não precisava de uma explicação enorme desse jeito.
- Tudo bem, então.

Quando ele saiu, ela começou:

“Nori caminhava pelos lindos campos de Maruland. Colhia flores silvestres para enfeitar seu aposento. De repente, sem querer, tropeçou e caiu.

- Ahh! Meu tornozelo!
- Tem alguém aí? - Ela ouviu uma voz conhecida.

- Socorro! Quem quer que seja, me ajude.

Uma figura imponente surgiu. Era Wamp, que estava cavalgando. Ao ver Nori caída, desmontou com agilidade e foi ao seu encontro.

- Você está bem?
- Ahh... Eu acho que torci meu tornozelo. Eu tropecei numa pedra.
- Aposto que foi de propósito só para eu vir te ajudar.
- Nada disso!
- Tudo bem, eu estava brincando. – Ele se abaixou e tirou o sapato

e a meia de Nori, para fazer uma massagem.

- O que está fazendo?
- Cuidando de você. É o meu dever zelar pelos alunos.
- Está se aproveitando de sua obrigação para tocar em mim.
- Se você acha assim...
- Não se faça de sonso! Ontem mesmo você me disse que me ama-

va e hoje me trata com indiferença, qual é a sua?

- Você me desprezou e resolvi não fazer mais nenhuma tentativa em vão. – E continuava a fazer a massagem.

- Mas, mas eu... Ah! Você é muito debochado mesmo.
- ... - Ele fez que não ouviu.

Nori ficou chateada porque sabia que gostava dele, mas era muito orgulhosa e não tinha coragem de dizer.

- Er,... Wamp, eu, digo, eu tenho uma coisa muito boba para dizer.
- Então diga.
- Eu também, eu, eu... Eu também tenho meus afazeres e tenho

que ir embora! Dá licença que eu vou pôr o sapato.

- Mas você não pode andar.
- Eu dou um jeito.

Wamp olhou bem pra cara dela, e, inusitadamente, pegou-a nos braços e foi andando.

- O que você pensa que está fazendo?
- Depois eu volto para pegar meu cavalo.
- Mas, tudo bem, vai...
- Queria te dizer umas coisas. Lá na cachoeira eu estava muito nervoso, bem, eu iria me matar, como não estaria?
- É... – Ela ia voltar atrás.
- Conhece mais alguém aqui?
- Ah? Não.

- Quando puder te apresento pra Wan. É uma garota muito legal.
- O nome dela é parecido com o seu. É sua irmã?
- Não.
- Não vai dizer que é sua garota?
- Que minha garota? Está pensando que eu sou o quê?
- Do jeito que você está me tratando!
- Você quer que eu te jogue no chão, não é?
- Eu não. E você também não está nem doido de fazer isso com alguém que te salvou a vida.

- Está bem.
- Ainda não agradeceu, por falar nisso.
- Espere... – Wamp estava inclinado seu rosto sobre o de Nori.
- Que está fazendo?
- Vou te agradecer.

Wamp aproximou seus lábios e beijou Nori docemente. Nori aceitou o beijo, quase o abraçou. Wamp então terminou o beijo:

- Agradecida?
- Seu desaforado! Como pôde!
- Mas você me beijou! Não diga que não porque poderia ter me empurrado ou dado um tapa na cara.

- Eu não dei, mas dou agora. – Nori deu-lhe um tabefe.
- Ai!
- É pra você aprender. Ninguém deve me beijar. Eu devo beijar os outros. – Nori beijou Wamp com paixão. Ele então entendeu que por trás daquela pessoa chata e enjoada, que vivia procurando briga, havia uma pessoa romântica e de certo modo apaixonada, que gostava de tomar a frente da situação.

- Você gosta de mim, então?
- Eu não.
- Sei...
- Eu só te beijei pra mostrar como eu sou. Agora me deixe ir que tenho mais o que fazer do que ser carregada. Vamos, ponha-me no chão.
- Tá. – Wamp não perdoou e largou Nori com tudo.
- Ai! Minha bunda!

Wamp foi calado pegar seu cavalo.

- Hei! Eu não estava falando sério.

Mas ele já estava bem longe cavalgando.

- Volta aqui! Volta! Porcaria! Que sujeito mais genioso!

Wamp então toma o caminho para o castelo. Estava muito rápido. Depois do dia da cachoeira, ele havia pensado tanto nessa menina que estava quase doido. Quando se beijaram, não foi porque Wamp é cara de pau

ou coisa parecida, foi porque o amor tomou o corpo dele. E ele percebeu que Nori é muito difícil e geniosa. Mas isso não é obstáculo para um mago apaixonado. Logo que chegou, desceu do cavalo e cruzou o portão. Quando ia subir as escadas para o castelo, viu de soslaio Penélope no jardim. Foi correndo até lá:

- Penélope.
- O que foi? Está arfando? De onde veio assim?
- Isso não é importante... Eu preciso lhe dizer algo.
- O quê? Vamos tomar um chá.
- Estou com pressa. Olha, vou ser direto.
- Diga.
- Eu não posso mais cuidar do cargo integralmente.
- Como é que é?
- Eu preciso de tempo. Eu encontrei meu amor verdadeiro.
- Que conversa é essa de amor verdadeiro? Está traindo minha

confiança.

- Pare de fazer tanto drama. Vamos continuar amigos.
- Mas você sabe que eu não posso cuidar de Maruland sozinha!

Você é um irresponsável!

- Mas eu estou te avisando. Eu quero ter tempo pra ser feliz. Você quase me escraviza. Se não tem nada pra fazer você inventa.

- Não seja mentiroso. Se quer sair, vá embora. Não preciso de um ajudante inútil. Sou muito mais poderosa que você e que Maru.

- Espere, o que disse?
- Disse que sou mais poderosa que Maru.
- Quem é Maru?
- Não te interessa. Esqueça o que eu disse.
- Me diga, responda. Por que este lugar tem o nome dela?
- Porque eu gosto do nome.
- De onde ela é? Ela estuda aqui?
- Pare de fazer tantas perguntas. – Penélope foi saindo de fininho.
- Volte aqui e diga por que este lugar tem esse nome, de onde essa

Maru é?

Penélope fugiu das respostas, deixando Wamp novamente cheio de dúvidas.

Quando Wamp ia sair do jardim viu um menininho de uns sete anos, com roupas azuis, uma espécie de terninho de short. Cabelos pretos, pele morena e olhos pretos.

- Está perdido, menininho? – Perguntou Wamp se abaixando.
- Mais ou menos. Só não sei o que estou fazendo aqui. Que lugar é esse?

- Maruland.
 - Maruland? Quem é você?
 - Sou Wamp.
 - Eu sou Lan. Será que você sabe se tem lugar pra alguém ficar aqui?
 - Tem sim. Sabe que eu tive uma ideia.
 - ...
 - Você gostaria de comer uma boa torta de chocolate?
 - Claro!
 - Venha comigo que eu vou te apresentar uma garota muito legal chamada Wan.
 - Wan?
 - Ela adora cozinhar e cuidar dos outros. Vai ser muito bom se você morar no quarto dela.
 - Parece que eu vou comer muito!
 - Isso! – Disse Wamp levando o menininho.
 - Ela faz biscoitos gostosos?
 - Muito gostosos!
 - E suco? Bolo?
 - Tudo o que você quiser.
 - Está tão bom que estou até desconfiando!
 - Você é muito precoce. Quantos anos você tem?
 - Eu? Sete.
 - Pensei que você fosse dizer 30.
 - Você é engraçado.
 - Eu sou?
 - Onde é a casa dela? Vai demorar muito pra chegarmos?
 - É um desses quartos. – Disse Wamp cruzando o corredor.
 - Que mansão grande!
 - Você não viu nada. Aqui é só o alojamento.
 - Puxa!
- Wamp então bateu à porta do quarto de Wan, e ela abriu em pouco tempo.
- Wamp! Que menino engraçadinho!
 - É o Lan. Eu trouxe ele para fazer companhia pra você.
 - Que legal. Oi!
 - Oi!
 - Será que pode me dar um pedaço de bolo? – Wamp disse.
 - Entrem vocês dois.
 - Vamos, Wamp. – Disse Lan puxando Wamp pela mão.

Maru acordou em frente ao computador. Desiludida, viu que só havia escrito até a parte do “(...) pegou-a nos braços e foi andando”.

- Ai... Parece que eu dormi um montão... Que sono!
- Maru. – O pai apareceu e ela despertou automaticamente.
- Que foi?
- Vamos passear no parque?
- Pra quê?
- Tenho uma surpresa pra você.
- Não é o Amaro de novo, é?
- Não. Mas devo lhe dizer que algumas vezes ele vai vir aqui em casa quando eu não estiver. Portanto, quero que tome cuidado porque ele já é um homem feito.
- Pai, eu enojo ele, não vai acontecer nada. Fique calmo.
- Tudo bem. Agora vamos que eu estou com um pouco de pressa.
- Tá. – Maru até ficou desconfiada. Parecia que ele tinha marcado com uma pessoa.

No parque, as folhas das árvores caíam no chão porque era outono. Maru estava sendo empurrada por seu pai, não que ela fosse molenga, mas a cadeira era muito pesada e dura. Quem vê pensa até que é fácil.

- Vamos ficar ali. – Ele disse, apontando para um banquinho.
- Quem vamos esperar?
- Ora essa, que menina desconfiada.

Maru de cara desconfiou, porque seu pai estava muito serelepe para o gosto dela. Parecia cachorro quando quer agradar. E isso não estava a agradando.

- Pai, faz um favor? – Disse Maru com um jeitinho interesseiro.
- Fala, Maru.
- Compre um algodão doce pra mim. Olha ali o homem que vende. E traz também um suco e uma pipoca só pra tirar o doce.
- Tá bom, parece criancinha.
- Ai, ai.
- E não balance os ombros desse jeito, não. Você não é nenhuma palhaça.
- Eu sou sim, ó... – Maru começou a fazer caretas enquanto seu pai se distanciava.

Ela aproveitou sua distração, pegou o celular do pai e ligou para Heloísa.

- Alô? Poderia falar com Heloísa? É a Maru...

Alguns segundos depois, sua amiga atendeu.

- Oi, Maru.
- Oi. Helô, escuta: O tal detetive deu as caras por aí?
- Acho que sim, o nome dele é Amaro?
- É.

- Então é ele mesmo. Eu não quis falar com ele e pedi o Henrique para ir lá.

- E aí?
- Ele pediu o livro.
- E ele entregou?
- Sim.
- Ai, meu Deus, não era pra ele ter feito isso.
- Desculpa.
- Tudo bem, eu nem te avisei que não era pra entregar.
- É verdade, estranho a ligação ter caído.
- Ela não caiu, é que...

Nesse momento Maru foi obrigada a desligar, pois seu pai estava vindo.

- Você, hein?
- Eu o quê?
- Já estava fuxicando no meu celular. Aposto que ligou para sua comadre.

- Que isso, eu só estava dando uma olhadinha. Eu não sei nem como é que se mexe nisso. Pra que que serve esse botão “send” aqui? É um nome tão bonito, parece nome de gente. E de homem... – Maru ficou pensativa.

- Não interessa, isso não é coisa para criança.
- Só estava vendo... – Disse Maru fingindo ser singela.
- Você não me engana. Eu sei que enquanto eu fui lá comprar sua porcarias você ficou aí imaginando mil e uma possibilidades para eu ter te trazido aqui.

- Cruzes. Não digo mais nada.
- É melhor ficar calada e esperar ela chegar.
- ELA quem?
- Espere e verá.
- Fica fazendo suspense, fica.
- Ah, lá vem ela.

Maru viu um carro sport vermelho e de vidro fumê parar na frente deles. Deste saiu uma bela mulher curvilínea de quadris largos e seios fartos.

No rosto, uma boca de lábios finos realçados por um batom vermelho, olhos gentis e cabelos ruivos e com um corte moderno. Muito bonita. Vestia um modelo elegante.

- Esta é Sônia, Maru.
- Você é Maru, então? Uma graça seus cabelos, minha querida.
- Obrigada.
- Seu pai fala muito de você.
- Pois ele NUNCA falou de você.
- É que era uma surpresa. – Disse o pai de Maru consertando. – Vamos para o restaurante?

- Vamos, sim. – Disse Sônia.

- Eu não tô a fim de ser o centro das atenções numa bodega de restaurante só porque sou parálitica. Não quero ser chamada de aleijada... – E fingiu lágrimas.

- Eu não quero que você sofra. O que vamos fazer? – Disse Sônia carinhosamente, e parecia muito sincera.

- Tudo bem, se o papai deixar, eu ligo para a minha colega e o Dr. Henrique vem me buscar. – Disse Maru se fazendo de sonsa.

- Nada disso. Vou ligar agora mesmo para o Dr. Amaro e ele vem te buscar para vocês fazerem uma sessão lá em casa. E se quiser!

Sônia ficou espantada pela maneira rigorosa com que o pai de Maru a tratava. Isso porque ela não a conhecia direito.

- Alô, Amaro? Faz um favor pra mim, vem buscar a Maru e leva ela em casa para uma sessão... É, ela já tá arrumando confusão de novo... É, rapaz, por causa disso mesmo... Tá bom, a gente tá te esperando em frente ao self-service aqui do Centro. Tá bom, até logo.

- Aquele charlatão já sabia dela e eu não?
- Olha, Maru, eu não quero discutir aqui na rua.
- Você é muito chato, viu?
- Olha aqui, não fale assim comigo na frente dos outros!

Sônia estava ficando com vergonha, pois ela era a causa da briga. Serenamente disse para Maru:

- Maru, minha querida, desculpe estar causando esse transtorno.

- O que você quer com o meu pai? Nós não somos ricos, e ele já tem uma filha doente.

- Ora! – O pai de Maru ficou revoltado com a falta de educação da filha.

- Sabe, nos conhecemos anteontem.

- Mas existem mulheres muito interesseiras e quem sabe você não seja uma delas?

- Maru, cale a boca! – Disse seu pai.

- Pensei que pudéssemos ser amigas. – Sônia ficou chateada a ponto de seus olhos se avermelharem. Ela colocou óculos escuros.

- Maru! – O pai ficou possesso.

Maru ficou surpresa com a reação da moça.

O carro de Amaro apontou na esquina e logo que se aproximou, cruzando para ir para o self-service, então o pai de Maru acenou:

- Estamos aqui, Amaro.

- Mas pai...

- Quando chegar em casa vai ver só uma coisa.

- O que vai fazer com ela? – Perguntou Sônia.

- Dar um castigo. Está sendo muito malcriada.

- Mas... Não faça isso. A culpa é minha. Toda minha.

Maru ficou quieta frente à reação de Sônia. Ela era legal. Mas Maru não aceitava o recente romance do pai.

- Bom dia. – Amaro se aproximou petulantemente de Maru, puxando sua cadeira.

- Que está fazendo, seu tarado? – Disse Maru.

- Tarado? – Amaro olhou pra cara do pai de Maru.

- Maru! – Disse o pai.

- Você disse pra tomar cuidado com ele!

- Como... Eu não disse nada disso. – Sem graça.

Amaro ficou quieto olhando bem pra cara do pai de Maru.

- Maru está um entojão. Por que não leva ela logo, antes que ela diga outra porcaria?

- Claro. – Disse Amaro. – Essa pentelhinha acha que eu posso ficar chateado com alguma coisa que ela diga.

- Seu mané! Por que não tira as mãos de cima da cadeira?! – Maru começou a dar tapas fortes.

- Eu já vou. Bom almoço para o casal. – Disse Amaro empurrando a cadeira para o carro.

- Me deixe! Me deixe! Pare de empurrar essa porcaria!

- Pare de gritar, está chamando a atenção.

- Vá catar coquinho.

- Deus me ajude...

- O que foi que você falou aí?

- Esquece, sua pentelha.
- Pentelha é a sua vó!

Amaro abriu a porta do carro e disse:

- Passa pra dentro.
- EU NÃO!
- Mas que peste! – Amaro pegou Maru no colo.
- Não me toque, seu tarado, vou chamar a polícia.
- Eu não tô a fim de tocar em você, estou fazendo o serviço pelo

qual sou pago. Agora cale a boca porque eu estou perdendo a paciência.

- Está querendo me bolinar!
- Onde aprendeu isso?
- Por aí!
- Seu pai devia lavar sua boca com sabão.
- Está pior do que o padre.
- Não vou dizer pior do que você está. Você é sem graça e por isso

não tenho nenhum interesse em te tocar.

- ... – Maru ficou com cara de besta com a resposta horrorosa que Amaro lhe deu. Ficou calada no tempo em que ele fechou a cadeira, colocou no banco de trás, voltou, abriu a porta, entrou, sentou, ligou o carro e saiu. Ele parecia estar soltando fogo pelas ventas.

Maru ficou tão calada e assustada que Amaro volta e meia olhava de soslaio pra ver se estava tudo bem. Maru ficou desconsolada. Começou a chorar. Amaro viu que ela estava chorando, e chorava quieta, baixinho, só as lágrimas escorriam. Parecia não querer mais aporrinhá-lo.

- Desculpe. – Disse ele.
- ...
- ... – Amaro não voltaria a falar nem que lhe pagassem.
- Você... Estava dizendo a verdade? Que eu sou sem graça, e que nunca vou namorar?
- ... Não. – Amaro estava olhando com o rabo do olho.
- Sério? – Soluços.
- ... É.

Amaro parou o carro no sinal de trânsito. Sem qualquer palavra, passou sua mão pelo rosto de Maru, para tirar as lágrimas.

- ... – Maru ficou quieta depois do que ele fez.
- Está caçando um namorado?

Pronto, ela pensou. Estava tão frustrada com o fato “namoro” que acabou abrindo o bico para uma das pessoas menos indicadas.

- Olha, tenho uma má notícia. Vamos ter que voltar porque eu esqueci de pegar a chave da casa com seu pai.
- Não vamos voltar, tá bom? Não vamos. Não quero ver a cara daquela lambisgóia.
- Não podemos ficar na rua. Não sei que horas ele vai voltar.
- Só de manhã quando o galo cantar.
- Quer ir pra minha casa?
- EEEEEEEEEUUUUUUUUUU?
- Não?
- O que você vai fazer comigo na sua casa?
- Uma consulta rápida.
- Mas o que você vai fazer nessa consulta que precisa ser na sua casa?
- Não precisa ser na minha casa. Se está com medo de ficar sozinha comigo não se esqueça de que seria igual se fosse na sua casa.
- ...
- E eu tenho um cachorro chamado Spark.
- Não é Spyke?
- Não, Spark.
- Eu não sei...
- Está no seu direito.
- Vamos fazer o seguinte: deixa pra outro dia.
- Tá bom.
- Não... Vamos.
- Vamos?
- Vamos.
-Há...HÁ, há, há, há...!
- Que idiotice é essa que está fazendo? Do que está rindo?
- Você acreditou mesmo que eu pudesse te levar na minha casa? Eu estou com a chave bem aqui, veja. Seu pai fez uma cópia pra mim.
- Eu não posso acreditar... Você é o ser mais débil mental e retardado da face da Terra. Nem que você fosse o último homem vivo eu namoraria você.
- E quem disse isso?
- Mas você limpou as lágrimas do meu rosto.
- Estávamos passando em frente a dois policiais. Não é adequado um cara como eu passar de carro com uma menininha doce aos prantos no carona. Poderiam dar uma batida.
- Está mentindo. Salafração!

- Não, não estou. – Mas era mentira.

- Olha aqui. Eu sou aleijada, mas eu sou gente. Você me leva pra casa AGORA e eu não conto da proposta indecente para o meu pai.

- Ok, já estamos quase chegando.

- Muito bem, quero que me ponha na cadeira e deixe que eu mesma me locomova até a porta.

- Mas EU estou com a chave.

- Aposto que falou sério aquele negócio de eu ser sem graça. – Ela queria tocar no assunto só para receber mais elogios.

- O quê?

- Você disse que eu sou sem graça.

- Olha, era mentira, eu estava só te enchendo o saco.

- Sou mesmo ridícula.

- Mas eu só estava brincando com você! Você é bonita. Juro.

- Obrigada, mas não precisa mentir pra me animar.

- Eu não estou mentindo pra te animar, é verdade. Vai me dizer que nenhum garoto nunca pediu pra namorar você? Que você nunca beijou nenhum coleguinha?

- Ah! Que tipo de pergunta é essa? Tá doido?

- Eu sou seu psicólogo e isso é uma terapia. – Mentiu.

- Ache o que você quiser, então.

Amaro pegou Maru no colo e disse, provocativo:

- O que você faria se eu te desse um beijo aqui e agora? – Amaro se segurava para não rir.

- Você está brincando de novo. – Disse Maru, desacreditada.

- Nada disso. – E fazia força para não soltar uma gargalhada.

- Eu te daria um socão porque quer você queira, quer não, eu já tenho um namorado. Além disso, contaria para meu pai. – Maru mentiu.

- E eu contaria para ele que você está namorando escondida.

- E ele não ligaria a mínima porque é um paizão superliberal, seu boboca.

- Duvi-de-o-dó. E vou ligar pra ele agora mesmo para dedar você. – Ele sabia que era mentira, e quis fazer palhaçada.

- É mentira, seu besta.

- Quer dizer que vai ficar solteirona o reeesto da vida, né?

- Me põe nessa cadeira, tá.

- Tá bom.

Ele colocou e abriu a porta, esperou Maru entrar, passou e fechou.

- Eu vou à cozinha beber água.
- Tá bom.

Maru foi, o telefone tocou e Amaro atendeu sem falar para Maru, mas ela ficou só escutando a conversa:

- Alô? Ah, oi. É, a gente acabou de chegar... Você não sabe o que sua filha disse! Eu peguei ela no colo para colocá-la na cadeira e disse brincando o que ela faria se eu desse um beijo nela e ela saiu falando que tinha namorado, inventando história, se enrolou toda... É... É, haha, arrá, foi muito engraçado...

Maru ficou furiosa ao ouvir isso e foi imediatamente até a sala e arrancou o telefone da tomada e depois gritou:

- Eu não admito que você e o papai se juntem pra ficar rindo da minha cara!! Eu não sou nenhuma palhaça!!

- Tá bom, quem manda é você. – Amaro sentou-se relaxado na poltrona.

- ... Que pergunta vai fazer? Você levou o livro? E então, leu?

- Não... Não tive tempo. Ontem cheguei em casa e tive que fazer janta. Depois de dar uma faxina fiquei quebrado.

- Olha aqui, eu não quero saber da sua vida doméstica, não.

- Tá bom. Vejamos... Vamos repassar as informações. Quantos anos tem?

- 17.

- Quando foi o acidente?

- No começo do ano.

- Desde o acontecimento você ficou bastante chateada, então?

- Lógico.

- Onde achou o livro?

- Encontrei em cima da cama dos meus pais, do lado em que a minha mãe dormia.

- Legal... Agora eu estou reunindo fatos. E quando você percebeu das propriedades do livro?

- Logo depois. Eu fui escrever umas poesias. Aí eu peguei no sono e o resto você já deve saber.

- Eu sei... Sabe, eu gostaria de te explicar uma coisa muito interessante que eu acho que está havendo.

- O quê? Você sabe?

- Sou um detetive paranormal.

- Então diz.

- Mas isso vai ter que ficar entre a gente. Sabe quando você sonha, e você tem sonhos malucos que não lhe dizem nada?

- Sei.

- Esses são os primeiros tipo de sonhos. Tem também aqueles sonhos que parecem reais. Que a gente se lembra de tudo. Esses são os sonhos em que as pessoas dizem que vemos o futuro. O mais especial deles são os sonhos de terceiro tipo. Esses são aqueles que, estranhamente, você assume consciência. São os que se realiza tarefas e escolhas. Nem todo mundo tem esse tipo de sonho. Esses são casos de viagens astrais.

- Viagens astrais?

- Exato. Existem pessoas que praticam viagem astral consciente, isto é, elas induzem a prática.

- Mas o que é viagem astral?

- O astro significa sua alma. Toda pessoa quando descansa descarrega o espírito. Assim, seu corpo fica mais relaxado. Quem faz viagem astral se concentra, relaxa o corpo ficando quase adormecido, somente a mente funciona. As batidas do coração têm que estar muito lentas.

- Como se faz isso?

- Ritmando a respiração.

- Ah!

- Quando se faz isso, conscientemente, pode-se comandar o destino de onde se quer ir. Mas, quando sonhamos, a alma acaba indo para onde nós mais gostamos. A maioria vai para algum lugar físico especial. Mas parece que Maruland é o lugar mais querido, tanto por você, quanto pra tantos outros.

- Ah!

- Mas Maruland não existe...

- Por que não?

- Porque não.

- E o resto? Você não vai explicar?

- Ainda não sei sobre o resto. Pra isso que você tem me dizer tudo sobre isso. Assim vai ficar mais fácil.

- E o que você vai fazer quando descobrir tudo?

- Contar pro seu pai.

- Não pode! Ele vai querer acabar com o livro.

- Mas ele está me pagando.

- Quer saber? Não vou te contar nada. – E Maru saiu, indo embora rápido para o quarto.

Amaro ficou calado, olhando.

Ele começou a pensar. O lugar se chamava Maruland, que é a Terra da Maru, é lógico. Mas quem governa não é Maru, e sim uma tal Penélope. Qual é o sentido desse estranho quebra-cabeça? Ele teria de pensar muito para solucionar essa charada. E, de tanto pensar, acabou ficando com sono, muito sono...

Nori acordou em sua cama e já sentia seu pé melhor, graças ao belo e enigmático Wamp.

Ela lembrou que a princesa Penélope era muito geniosa, arrogante e mimada, isso era muito, muito auspicioso. Parecia alguém que ela conhecia... Estava disposta a sondar Penélope, e, para isso, precisaria da ajuda de um certo mago de cabelos verdes...

Enquanto isso, Wan acordava em seus aposentos. Ela reparou que havia ali uma cama a mais, que não estava lá no dia passado. Provavelmente obra de Wamp... Nesta, Lan dormia como um anjinho. Ela gostava muito de criança, seria um sonho cuidar de uma.

- Lan... Lan, acorde. Eu tenho que ir pra aula, mas vou deixar seu café pronto.

- Ah... Ahn... Ah, oi, Wan.

- Tem geléia e leite aí. Eu vou fazer umas torradas.

- Mas eu vou ficar com saudade.

- Vai lá no colégio na hora do recreio. O palácio tem um estábulo com pôneis. Brinque um pouco com eles.

- Tudo bem.

- Eu já vou, tchau.

- Tchau.

Nori caminhava pelo corredor calmamente quando viu Wan saindo do quarto e fechando a porta.

- Oi, garota da tiara colorida!

- Oi, quem é você?

- Eu sou a Wan. O Wamp me mostrou você de longe.

- Ah, olha só, você é amiga do Wamp, não é?

- Sou sim.

- Vamos comigo até o escritório dele?

- Fazer o quê?

- Eu queria conhecer a princesa Penélope pessoalmente. Tomar um chá com ela.

- Tudo bem, eu vou lá com você. Mas estão dizendo que ela não está presente agora.

- A propósito, sabe se o Wamp está lá?
- Não, ele sumiu também...
- Puxa, precisava falar com ele...
- Sabe o que ele me contou? Que viu uma mulher muito elegante nos arredores do palácio conversando com Penélope. Tinha quadris largos, seios fartos, lábios finos e olhos gentis.
- Deve ser muito bonita.
- O Wamp me disse que talvez ela será assessora dele ou vice-versa. E ainda entrarão mais dois diretores, um se chama Aoi, e o outro é um tal de Send...

Heloísa acordou com o barulho da televisão, tinha dormido em cima do sofá. Depois do telefonema de Maru, ela ficou tão pensativa que resolveu tirar um cochilo, e acabou sonhando que conheceu a jovem e geniosa Nori. Ela não sabia por que, mas estava encucada com o tal Amaro. Resolveu ligar para Maru.

- Alô, Maru?
- Alô?
- É a Helô.
- Você tava dormindo?
- Como você adivinhou?
- Está com uma voz sonolenta.
- Eu sonhei que conhecia a Nori.
- É tão chata quanto o idiota do Amaro. Ele dormiu aqui no sofá e tá acordando agora, espera um pouquinho.

Maru tampou o fone e disse para Amaro:

- Isso aqui não é hotel, não.
- Desculpe-me, eu tenho que ir. Se minhas suspeitas estiverem certas, acabo de fazer uma grande descoberta sobre Maruland. Adeus!

Amaro saiu desvairado e deixando a chave na porta e Maru com cara de besta.

- Às vezes eu acho que ele é doido. – Disse ela retomando a conversa.
- Por quê?
- Ele saiu correndo dizendo que tinha descoberto grandes coisas em Maruland.
- Ele também estava dormindo, certo?
- É, por quê?
- Segundo as minhas suspeitas, Nori é a conversão dele.

- Será?
- Eu acho que sim.
- Então quem será o Wamp?
- Eu não sei. Quem é doido de amar uma chata como aquela Nori?
- Eu não sei. Ah!! Olha só que legal! Você estava acordada agora, não é?

- Estava acordada sim, por quê?
- É que a princesa Penélope não estava lá.
- Então está provado e aprovado: ela é minha conversão.
- Eu vou ter que desligar porque o Henrique chegou.
- Tá bom, tchau, me ligue quando der.
- Tchau.

Maru estava pensativa. Se ela era, de fato, Penélope, por que ela não se lembrava de suas ações? Isso era muito estranho, mas ela ia descobrir.

Domingo de manhã. Amaro estava estupefato com suas descobertas. Então... Ele conheceu uma garota no seu sonho, fatalmente ela deveria existir, e fatalmente estava ali porque também estava dormindo. Facilmente poderemos saber quem está em Maruland e quem não está. E assim pode-se saber por que as pessoas não sabem quem são lá.

Mas, por quê?

Ele entendia cada vez mais que lia os livros. Ele sabia que no mundo dos sonhos as pessoas se transformam no que são em íntegra, mas isso não condiz com o que está lá. E... Isso também responde a algumas perguntas. Então... Realmente como eu havia pensado, as pessoas quando vão pra lá se transformam no que querem. A cega logicamente enxergaria... Resolu-
cionando o porquê de ela ter se intoxicado...

Mas todas aquelas perguntas só seriam respondidas pela pessoa que criou o lugar. Ela sabia com certeza tudo o que Maru não sabe, e que acha que sabe porque está de posse do livro...

O livro... O que há de tão especial nele em relação ao mundo dos sonhos? Um universo paralelo seguramente criado por força de vontade.

Segunda-feira Maru iniciou novamente aquela rotina de ser acordada pelo pai, pegar carona com Henrique e Heloísa e ir pra escola. Só um acontecimento quebrou a rotina:

- Maru. – A professora estava fazendo a chamada.

- Presente. – E ao falar isso ela logo reparou que havia um aluno novo. Depois do último nome da chamada, a professora chamou o rapaz:

- Classe. Esse é o aluno novo, transferido ontem à tarde. Seu nome é Domas.

- Olá! – Disse ele.

Todas as meninas suspiraram fundo. Domas chamava muito a atenção. Era forte, um pouco alto, tinha os cabelos pretos lisos e chamativos olhos violetas. Sua sobrancelha era tão delicada que parecia sumir naquele rosto pálido. Maru ficou um pouco impressionada.

- Maru. – Heloísa chamou a amiga. Maru sentava em frente dela.

- Que foi?

- Como esse menino é? Parece ser legal?

- Um pouco.

- Ele é misterioso?

- Mais ou menos.

- É mais bonito que o Amaro?

- O Amaro é muito horroroso.

- Ele é alto?

- Feio que só um gigante.

- E a boca? Lábios finos?

- Um beijo escancarado. Mais parece um sapo.

- Se veste bem?

- Cada peça de uma cor.

- Larga de ser sonsa, o cara deve ser o maior gato.

- Gato de bueiro.

- Tá... Eu entendo por que não gosta dele. Vamos mudar de assunto.

- É um petulante.

- Tá bom, não tem esse menino, o Dom...

- É um salafrário. Afronta até Deus... Idiota!

- Tá bom, Maru. Olha...

- Porque ele na...

- Oi. – Domas se aproximou de Maru que nem notou que o sinal do recreio havia batido.

- Oi. – Disse Maru.

- Desculpe vir falar com você, mas sou aluno novo... – Ele se senta na cadeira em frente à de Maru. – Eu logo vi que você era muito legal. Posso conversar com você?

- Pode.

- Claro! – Heloísa deu um beliscão no braço de Maru.
- Mas... De que lugar você veio? – Perguntou Maru tentando puxar assunto.

- Minha família anda por aí. A gente não tem paradeiro.
- Vocês são ciganos?
- O que é isso?
- Ah...
- Quer tomar um sorvete amanhã de tarde?
- Talvez.
- Ora, vamos! Que tal? Vamos nos conhecer melhor.
- É, pode ser.
- Me dê seu telefone que eu te ligo qualquer hora.
- Como quiser. – Maru pegou um papel da última folha do caderno e escreveu. Ao entregar, Domas se levantou e disse:

- Até. – E piscou charmosamente o olho.
- Até. – Maru ficou confusa.

Heloísa percebeu que Domas havia ido e perguntou:

- E aí?
- Eu não sei se quero sair com ele. Eu o achei estranho.

E ao longe Maru viu ele paquerando outras garotas.

- Ele está paquerando umas garotas lá no corredor.
- Não acredito!
- Verdade. Agora não sei mesmo se quero sair com ele.
- Esses garotos bonitos são assim mesmo. Acham que podem dar em cima de qualquer uma e sair criando falsas ilusões.

- Mas isso não vai ficar assim!
- Não mesmo.

Heloísa levantou-se começou a empurrar Maru em direção à porta.

- O que você vai fazer, sua doida?
- Vai ser pra dar um chega pra lá naquelas garotinhas e no tal novato.
- Tá bom. Olha, eles estão bem na porta. Pare a cadeira que eu vou pegar impulso sozinha. É mais rápido.

- Tá bom.
- Me espere aqui e faça cara de sonsa para ninguém desconfiar.
- Tudo bem.

Heloísa recostou-se na janela enquanto Maru começou a rodar a cadeira com força. E foi pegando impulso para “atropelar” Domas.

Maru bateu a cadeira com força nas pernas dele, e depois disse:

- Desculpe, foi sem querer. – Com a maior cara de sonsa.
- Ah, tudo bem... – Domas não se importou.
- Está machucado? – Maru queria que ele estivesse.
- Um pouco... Você com ciúmes fica linda.
- Mas não estou com ciúmes. – Maru não estava nervosa, tampouco com ciúmes.

- Por que veio de lá me dar uma lição? Eu tenho ótima audição.
- Bem... – Maru estava sem ter o que dizer.
- Vamos para o pátio. Vamos conversar. – Domas se postou atrás dela e empurrou a cadeira na direção do corredor. Maru achou esse menino tão estranho. Logo de cara ele se aproximou dela e quis convidá-la pra mil coisas. Não que ela fosse experiente, mas não era assim que as coisas aconteciam. Qual o objetivo dele? Logicamente não estava apaixonado. Pessoas apaixonadas são doces e reservadas. Não se atiram.

- Está pensativa. – Disse ele.
- É... – Maru voltou a repará-lo. Tinha um modo de falar pausado e calmo. Estranho.

- No que está pensando? – Ele nem olhava pra cara dela.
- Nada de especial. – Maru não queria dar papo.
- ...
- Você fez alguma aposta?
- Aposta? – Ele não se alterava.
- Aposta. Apostou com alguém que sairia comigo.
- Eu não.
- Por que quer sair comigo?
- Porque você é bonita. – Mas não estava sendo convincente.
- Não está muito convincente para dizer a verdade. – Maru não estava fazendo charme.

- Sabe... – Ele deu a volta e ficou cara a cara com Maru, prestes a beijá-la.

- Não me beije. – Maru viu o corredor lotado, não gostava do garoto e nunca tinha beijado na vida.

- E se eu quiser te beijar?
- Eu vou te dar um tapa na cara.
- ... Acho que não. – Ele esboçou um sorrisinho.
- Não tô brincando. – Maru estava falando sério.

Domas esticou seu pescoço e de olhos bem abertos procurava pelos lábios de Maru. Ela ficou paralisada. Quando Domas estava bem próximo,

olhando nos olhos de Maru, ela virou com tudo e deu-lhe um tabefe no rosto. Chegou a ecoar no corredor em silêncio: todos estavam prestando atenção.

Domas continuou parado do mesmo jeito que estava. Visivelmente abalado. Seu rosto estava avermelhado por causa do tapa forte. Escorreu um fio de sangue de sua boca rosada. Com um tapa daquelas proporções qualquer um ficaria com os olhos marejados, mas ele parecia tão controlado com a dor. Ele foi se aproximar novamente de Maru quando ela sentiu duas mãos pesadas nos seus ombros. Ambos olharam e viram: Amaro.

- Está agarrando ela no corredor? – Disse ele.
- Você é irmão dela? – Domas se ergueu.
- Não. Sou o médico.

Com isso, o corredor inteiro começou a cochichar. Falando coisas sobre aquele cara lindo que vinha “salvar” a Maru.

- Então me desculpe, mas o SENHOR não tem a ver com isso.

Amaro ficou espantado com a frieza do garoto.

- Não quero que a Maru dê seu primeiro beijo obrigada.

Todos no corredor começaram a rir quando souberam que Maru nunca havia beijado. Maru abaixou a cabeça morta de vergonha.

- Era o primeiro beijo dela? – Domas ficou interessado.

- Você entendeu. Agora não toque nela, ela te deu o tapa, fique longe.

- Por quê?

Amaro mostrou o punho calejado.

- Não ameaça quem você não conhece. – Domas diz, dá meia volta e sai andando friamente pelo corredor.

Amaro então percebe que Maru está com vergonha e empurra a cadeira para fora do colégio. Ela diz:

- Amaro. Por que falou uma coisa daquelas? Está doido?
- Não vai agradecer?
- Ah! Eu já não sou popular e olha o que você faz!
- Não vai agradecer?

Então ambos escutaram o seguinte diálogo em suas mentes.

"- Ainda não agradeceu, por falar nisso.

- Espere... – Wamp estava inclinado seu rosto sobre o de Nori.
- Que está fazendo?
- Vou te agradecer.

Wamp aproximou seus lábios e beijou Nori docemente."

Maru e Amaro estavam se olhando paralisados e assustados. Então,

Amaro disse:

- Você espera tanto assim de um primeiro beijo?
- Toda garota espera. – Maru estava pagando pra ver.
- Quer que eu te dê o beijo? Só pra dizer que você já beijou.
- Está brincando de novo?
- Não. – Amaro sério daquele jeito parecia um deus.
- Então. Me beije. – Maru estava linda, parecia um anjo.

Amaro deu a volta pela frente da cadeira, se ajoelhou e colocou suas mãos no rosto dela. Maru estava tremendo de emoção. Ele aproximou seus rostos delicadamente e olhou dentro dos olhos dela. Maru se sentiu invadida. Ele tinha um jeito selvagem que a fazia nua, bem ali. Seus olhos verdes, escuros e brilhantes, pareciam querer vê-la no fundo da alma. Então, ele fechou docemente os olhos e Maru ficou observando, quando ele se aproximou, sentiu a textura da bochecha de Maru com os lábios e beijou. Depois abriu seus olhos e sorriu:

- Pronto. Dei o seu primeiro beijo. Que boba!
- Idiota! – Maru foi dar um tapão na cara dele, mas ele segurou sua mão. Agora, olhando-a muito diferente, como uma fera, ele a arrancou a cadeira, e segurando seu corpo delicado de menina, sem pestanejar, fechou seus olhos e com virilidade lhe deu um beijo inesquecível. Sua língua doce com sabor de drops ensinava a Maru o jeito adulto de beijar com paixão. Ele a beijou intensamente, como se fossem se perder um no outro. Um beijo tão especial denunciava que eles foram feitos um para o outro. Que eram almas gêmeas. Mas... Amaro de repente tirou seus lábios e colocou Maru de volta na cadeira. Ela não sabia o que dizer.

- Agora já pode dizer a todos que beijou um cara muito mais velho. Seu charme fez efeito.

- Mas... Seu grosso! Eu não estava fazendo charme!
- Já tem o que dizer. – Amaro saiu do jardim e caminhou em direção ao carro. No fundo ele estava um pouco magoado. Queria inventar mil desculpas pra beijar Maru e achava que o único objetivo dela era tirar vantagem de sua maturidade e experiência.

Maru ficou com tanta raiva de Amaro. Esperava que depois de um beijo as pessoas comesçassem a namorar. Mas ele a tratou tão mal que nem valera a pena... Maru se sentia tão diferente. Ela havia esperado muito de um primeiro beijo, mas esse foi muito mais do que ela pensou que fosse um simples beijo. Ela sentiu formigações e um calor intenso. Um desejo tomava conta de seu corpo. Seu rosto ficou ruborizado. Mesmo que odiasse Amaro

desde sempre sentia algo que ia muito além dos corpos dos dois. Era uma vontade de saber sobre ele, seus mistérios de homem mais velho. Sua boca sensual que tinha tomado seu primeiro beijo. Mas ele não gostava dela. Ele era um idiota disposto a infernizá-la e fazê-la sofrer.

Mas o que ninguém sabia é que Amaro, na volta, dirigindo feito louco, chorava lágrimas atroztes. Ele não sabia o que fazer com aquele sentimento dentro de seu peito. Não queria entregar seu coração para aquela menina mimada. Ele tinha sérios problemas de relacionamento, todo mundo sempre o chamou de chato e inconveniente. Ele nunca soube lidar com o coração. E tinha feito uma das coisas mais idiotas da sua vida. Se o pai dela soubesse estava frito. E o pior é que aquele homem feito, aquele marmanjo, estava entregue de vez para aquela garotinha que devia brincar de bonecas.

Amaro chegou em casa atormentado. Tomou um bom gole de café preto e se jogou no trabalho, abrindo o livro de Maruland. Mas Maru infernizava sua mente, até que ele viu algo muito surpreendente: Um novo relato que provavelmente havia aparecido naquela manhã:

“Então princesa Penélope reapareceu com toda a pompa habitual. Ela disse a todos que tinha uma surpresa, e então apresentou três figuras de muito brilho. Uma mulher de quem muitos já haviam ouvido falar, chamada Cherry. Depois dela um rapaz com cabelos rosas, cortados de forma irregular. Do lado direito curto e do lado esquerdo longo, cobrindo o rosto. Ele tinha olhos de tonalidade amarela e vestia uma roupa muito estranha, seu nome era Send. O terceiro integrante era um rapaz da mesma altura que Send, mas com os cabelos brancos quase azuis claros, olhos azuis de gelo e com um corte de cabelo não menos irregular que o primeiro: os fios grossos formavam um cabelo volumoso, ele deixava uma parte mais curta solta e a parte comprida, que chegava no joelho, ele prendia na metade. Seu nome era Aoi.”

Maru ficou chateada. Voltou pra casa e quando sonhou com Maruland não aconteceu nada de muito interessante. Novamente seu pai não a chamou de manhã cedo, mas parecia que ela havia acordado antes da hora, muito adiantada. Então decidiu ir até o quarto de seu pai acordá-lo, afinal, os dois não estavam lá essas coisas. Mas quando chegou no batente da porta teve uma visão estarrecedora: Sônia estava dormindo nua, coberta por lençóis, na cama que era de seu pai e sua mãe. Maru ficou de queixo

caído. Parecia que na noite anterior eles haviam tido uma noite juntos. O pai de Maru devia estar na cozinha, por isso ela ia voltar silenciosa para seu quarto. O pior é que deu de cara com ele voltando com uma bandeja de café da manhã, assim como ele fazia com a falecida.

- Maru! – Ele exclamou surpreso.
- Pai... Eu, eu queria te dar bom dia.
- Maru, não é nada do que você está pensando.

Nesse momento Sônia acordou com a movimentação.

- Ah... Maru, bom dia...
- Bom dia!

A bela mulher ficou um tanto envergonhada, mas Maru preferiu descontinuar no seu pai.

- Podia pelo menos ter ido a um motel!
- Maru!!
- Tudo bem, não briguem por minha causa. – Sônia levantou-se coberta pelo lençol e foi até a suíte.

- Viu o que você fez com ela?
- Eu fiz? – Maru ficou de certa forma preocupada com os sentimentos de Sônia. – Ninguém mandou trazê-la pra cá, você sabe como eu sou. Não queria magoá-la.

O pai de Maru virou as costas. E ela foi bem devagar para a suíte onde Sônia, já vestida, retocava a maquiagem.

- Me desculpe.
- Não tem nada.
- Você não liga para o que uma menina boba como eu diz, né?
- Maru. – Ela se virou. – Eu sei que você não falou isso do coração.
- É verdade. – Aquela mulher estranha estava sendo muito compreensiva.

- Eu sei que você não gosta muito de mim, mas eu queria ser sua amiga.

- ... Mas está sendo.

A mulher sorriu para Maru com muita simplicidade e Maru estendeu a mão dizendo:

- Amigas?
- Amigas!
- Seu nome é Sônia, né.
- É. Eu tenho que ir agora.
- Espere, eu tive uma ideia. Depois que o papai sair amanhã você

passa aqui pra gente passar o dia junto. Ele nem vai desconfiar, porque eu saio depois dele e ele geralmente volta depois de mim.

- Eu topo.
- Então tá combinado.
- Tchau.
- Tchau.

Maru fica pensativa sobre o comportamento legal e tão sem motivo. Parece até o tal Domas...

Alguém toca a campainha da casa no final da rua Mayer.

- Pois não?
- Poderia falar com a srta. Penélope?
- Ela não está, mas vai voltar hoje do hospital. Ela tem que voltar a estudar.

- Ah, sim... Pois diga que Magno a procurou e necessita falar com ela.
- Sim.

O rapazinho de cabelos dourados e olhos negros então desce as escadas.

Shopping. Sônia empurra Maru e as duas passam pelas passarelas que dão acesso às lojas. Elas passaram o dia se divertindo a valer, as duas se deram tão bem depois daquele mal-entendido. Maru viu os verdadeiros interesses da bela jovem.

- Sônia, você é tão legal!
- O que é isso!
- Não, é verdade. Você está sendo muito legal, desperdiçando o dia pra ficar comigo.
- Não é desperdício. Você tem muita personalidade e opinião. Apesar de jovem tem uma conversa agradável e de alto nível.
- Puxa! Você usa muito bem as palavras. Aposto que trabalha com sua voz.
- Mais ou menos...
- Ah... Sabe, antes de ontem aconteceu uma coisa, e eu nem falei com a Heloísa ainda, porque eu ainda quero falar com alguém mais velho.
- Quer falar comigo?
- Bem... Eu quero.
- Sobre o que é?
- É sobre um cara.

- Seu namorado?
- Eu não tenho um namorado. Anteontem nós nos beijamos.
- Vocês se beijaram! Que emocionante!
- Quer dizer, foi ele que me beijou.
- Puxa! Nessa idade e cheio de atitude! Aposto que foi seu primeiro beijo.

- É, foi.
- Qual o nome dele?
- Não vai contar pro meu pai?
- Não.
- Foi o Amaro.
- Ele te agarrou à força?
- Não... Mais ou menos.
- Maru... Nunca pensei que ele fosse assim. Ele te fez algum mal?
- Não.
- Você está apaixonada?
- Não.
- Que bom. Rapazes assim sempre dão pra enganar as mocinhas.
- ...
- E depois que ele te beijou?
- Ele foi embora. Mas o pior...
- O quê?
- É que eu queria ser beijada porque sou uma das únicas meninas que não beijaram.

- Que bobagem! Entregou seu primeiro beijo assim?
- Mas teve uma coisa pior.
- O que foi?
- Ele ficou mais estranho comigo. Ele foi embora emburrado sem falar nada. Acho que não quer compromisso.

- Entendo.
- E ele é muito velho, já sabe o que quer.
- Maru, o Amaro talvez não tenha feito isso porque goste de você.
Os homens às vezes fazem essas coisas para seus próprios prazeres.

- Como assim?
- É como se ele tivesse se aproveitado. Ele sabia da sua situação frágil em relação a esse assunto.

- É...
- E ele te beijou mal?

- Como assim?
- Sabe, tem uns beijos sem graça, parecem como um dia de inverno. Existem os beijos de amor, que aquecem o coração. Mas...
- Mas?
- Existem os beijos que aquecem o corpo.
- Sei...
- Como o beijo dele foi?
- Aqueceu tudo. Eu fiquei toda arrepiada.
- E...
- Eu gostei.
- Não fique envergonhada. Você está amadurecendo. Tem que ser assim. Sabe, existem relações que se alimentam de variados tipos de beijos. As mais duradouras são as do que se beijam com amor. A relação de duas pessoas, no entanto, deve ser mantida em duas balanças: desejo e afeto.
- Ah...
- E você sabe o que um homem faz com uma mulher.
- Sei.
- Portanto, não dê muita “asa” para as investidas de Amaro.
- Tudo bem.
- Se quiser posso pedir pro seu pai despedir ele.
- Não... No fundo a culpa foi minha!
- Por quê?
- Porque eu pedi pra que ele me beijasse.
- Maru! – Sorriu Sônia.

Maru e Heloísa trocaram mil figurinhas. Maru contou todas as novidades e Heloísa também. O curioso é que Helô disse que nunca sentiu nada parecido com o que Maru havia sentido com o beijo de Amaro. Talvez um pouquinho, mas não aquela enxurrada de emoções. Ao descerem do carro, Maru viu uma menina passando por elas. Muito pálida, muito mesmo, como se não tivesse tomado sol há anos. Branquinha, olhos verdes claros, olhar meigo e calmo, andar de pássaro. Cabelos enormes, loiros claros, lisos escorridos, flutuavam com a brisa. Maru ficou boquiaberta.

- Penélope voltou para o colégio. – Ela ouviu alguém comentar atrás de si.
- Nossa, será que ela se recuperou? – O cochicho tomava conta da entrada do colégio.
- Penélope? – Maru ficou confusa.

Nada mais aconteceu na escola. Maru e Heloísa ficaram sabendo, pelas fofocas, que Penélope era uma tal garota que tinha uma doença, que ninguém sabia qual era, e que tinha aulas em casa quando precisava faltar. E também que ela era um doce de pessoa, mas que poucos a conheciam pela sua evasão e porque ela era muito tímida e reservada. Maru foi deixada em casa por Henrique e logo de cara, quando abriu a porta, viu Amaro lhe esperando dormindo em cima do sofá. Ele estava tão gato. E parecia ter trabalhado muito porque sua barba estava um pouco crescida. Isso aumentava ainda mais a diferença de idade entre eles. Maru se aproximou para vê-lo melhor e quando viu que estava acordando deu um ninja:

- Amaro! Que ideia absurda e essa de ficar dormindo toda hora no sofá?

- ... Não tô muito bom pros seus mimos não.

- ...

- Eu vim aqui falar com você. A Sônia me falou muitas coisas.

- Mas ela...

- Ela me contou porque era certo. Eu não gosto de você. Não vou encostar mais um dedo nem que me peça, assim como fez antes.

- Não é pra jogar na cara.

- Mas é o correto. Arrume um jovem da sua idade. Case, tenha muitos filhos e seja feliz.

- Ela não devia ter falado com você.

- Por que não? Quer ficar brincando de me seduzir com seu jeito de menina? Ela estava muito certa. Não vou me envolver com você, não tenho idade nem tempo. E tampouco gosto de você.

- Eu já entendi o recado.

- Agora não quero mais conversar com você. Falarei somente o necessário. E já estou indo. – Amaro se levanta e caminha na direção da porta. Mas Maru tem uma de suas ideias para saber se Amaro gosta dela ou não:

- Amaro, você sabia que nas últimas vezes que eu sonhei com Maru-land eu conheci uma menina com o temperamento genioso assim como o seu?

- Nunca li aquele livro e não vou ficar perdendo o meu tempo sonhando com essas bobagens. Viver é mais especial. – Amaro então abre a porta e vai embora.

- Idiota. – Diz Maru assim que Amaro se vai. – Quem será a Nori então?

Penélope naquela manhã estava com um péssimo humor. Levantou-se, vestiu-se e saiu como uma desvairada, sem rumo. A primeira pessoa que viu foi Cherry.

- Ainda não está fazendo nada? – Perguntou a princesa.
- Mas você não pediu para que eu fizesse coisa alguma.
- Você, como uma criação inanimada, não pode ficar simplesmente ignorando minhas ordens, sejam elas dadas ou não. Agora, como eu pedi, vá chamar o Wamp, aquele vagabundo.

- Sim. – Cherry sai rápido.

Penélope está sozinha olhando o horizonte e esperando por Wamp quando sente a presença de uma pessoa. Ela se vira e vê Send.

- Send?
- Penélope... Que bom que acordou hoje.
- É. Você viu o Wamp ainda hoje?
- Não. Me disseram que ele havia ido passear com Nori.
- Ele não faz outra coisa, não é?
- Mais ou menos.
- Como assim?
- Ele está investigando por conta própria todos os seus segredos.

Assim que souber, tudo vai mudar...

- Eu sei... Mas isso não diz respeito a ele.
- O que vai fazer?
- Você verá.

Logo que ela diz isso, Cherry aparece guiando Wamp para vê-la.

- Penélope?
- Wamp... – Ela o olhou com um sorriso amarelo.
- Quer alguma coisa?
- Não. Apenas tenho uma coisa pra dizer. A partir de hoje não será mais um mago e não poderá usar seus poderes. Você é um simples estudante como todos os outros. Procure um alojamento ou pode ir embora.

- Mas...

Penélope deu meia volta e voltou para seu quarto. Send a seguiu.

- Pelo visto não verei mais seu rosto... – Diz Cherry para Wamp.

Wamp tinha a impressão de que ALGO de muito estranho estava acontecendo. Ele praticamente foi enxotado dali, e, por fim, Cherry fechou as portas, ficou tudo escuro no aposento. Aoi surgiu das sombras com seu ar romântico e misterioso dizendo:

- Tudo está correndo da maneira como que eu previ.
- Estou também me dando bem lá.
- Só o cachorrinho do Send anda estragando tudo.
- Se ele se atrever a deixar essa pentelha aqui com a gente perma-

nentemente antes de terminarmos o serviço nós o matamos, está ouvindo?

- Estou. Mas calma... Tudo vai sair como o planejado na terra.

Wamp ficou perplexo ao ouvir isso por trás da fechadura. O que eles estavam querendo dizer com TERRA? Haveria algum outro lugar além de Maruland? Rapidamente ele correu até o alojamento nobre, onde estava seu antigo quarto e os quartos dos atuais capachos da princesa. Send, Cherry e Aoi não poderiam desconfiar dele. Ele viu então o quarto em que os três dormiam. A porta estava trancada. Wamp ia arrombar, mas lembrou que isso poderia chamar a atenção. Movendo suas mãos, ele recitou:

- Abrir portas.

E a porta estalou. Wamp moveu-a devagar sem fazer ruído. Olhou e entrou. As cortinas estavam entreabertas para as luzes da manhã, era a única coisa que dava pra enxergar com clareza no aposento taciturno.

Wamp começou a caminhar devagar procurando por alguma coisa que pudesse responder as suas perguntas. Então, ele viu algo que nunca havia visto na vida: um objeto emoldurado lindíssimo, que refletia a luz como um lago. Ao postar-se em frente ao mesmo, teve uma incrível revelação. O reflexo do rio, da cachoeira, e de qualquer outra superfície mostrava o Wamp que ele conhecia. Este, lhe mostrava uma jovem de 17 anos numa cadeira de rodas. O que isso queria dizer? A prata revelava quem ele era em outro lugar. Do nada, ele ouviu o som de uma voz poderosa e suave. Quando se virou para a janela, viu o emissor, um anjo:

- Wamp. Você está destinado a saber toda a verdade.

- Quem é você?

- Sou um anjo enviado por força maior que nós todos. Eu vim pra lhe dizer muitas coisas.

- Que coisas? Quem é essa menina que reflete na prata?

- Ela é Maru. Do plano terreno. Ela sofre muito assim como todas as pessoas que estão aqui. Você é ela.

- Eu sou ela? Mas eu não lembro de nada disso.

- Você não se lembra porque você tem que viver aqui e ser feliz sem se lembrar das tristezas do seu mundo. Maru não vai se lembrar disso, mas você vai. Atualmente você está mais desenvolvido e aberto a situações que ela não está.

- ...

- E é seu dever, agora que sabe, não dizer nada disso para ninguém.

- Mas, se essa terra de que você fala, é a origem de tudo, o que é Maruland?

- Descubra por si mesmo.

- Por que esse espelho me revelou tanta coisa?

- Descubra com a terra.

- Mas... O que esse espelho estava fazendo no quarto dos três?
- Pergunte a eles.
- Mas...
- Deus o abençoe... – O anjo então desapareceu como uma explosão de penas.

Wamp ficou estarrecido, confuso, mas um pouco mais esclarecido. Agora ele sabia que aquilo pelo menos não era o universo definitivo, e que havia muito mais lá fora, na terra. Enquanto tecia pensamentos, ele ouviu a maçaneta rodando.

- Engraçado, está aberta. – Ele ouviu a voz de Cherry lá fora.

Desesperado, Wamp se agachou. Naquele breu, difícil alguém ver que ele estava ali. Mas o pior é que Aoi e Cherry entraram e fecharam a porta. Cherry então disse:

- Esses dias atrás eu li um livro que eu roubei da biblioteca da Penélope. Me ajudou muito quando eu fui dizer pra Maru uns conselhos femininos. Impossível eu saber daquele monte de coisas! Eu fui muito esperta, não acha?

- Acho.
- Quer dar uma olhada?
- É.
- Sei que vai precisar dessas artimanhas. Acenda as velas.

Wamp ficou em pânico. Ele estava perto dos dois, com certeza o veriam com a boca na botija, e ele não podia dar qualquer desculpa esfarrapada porque eles eram espertos. Quando Aoi riscou o fósforo, Wamp teve que se encolher mais e acabou tocando no metal do espelho. Assim que seus dedos sentiram o gelar, eles acabaram por ser absorvidos pela prata do espelho. Wamp, que não é burro, percebeu que podia entrar no espelho. Ao fazer isso, a luz se acendeu e ele caiu numa chuva de estrelas. Passou por uma porção de nuvens, caindo suavemente num local sombrio, uma espécie de cemitério. Ele se levantou e olhou a sua volta, nem sinal de população. Parecia tarde da noite, por volta de duas horas da manhã. Wamp então começou a caminhar e, depois de um tempo, chegou numa rua deserta que levava para a cidade. Wamp então girou seus dedos finos e recitou:

- Voar.

E ele subiu alguns centímetros do chão. Em fração de segundos voava rapidamente. Ultrapassava a barreira do som, sem perceber. Seus cabelos voavam com o vento forte e a cidade parava ao ver um vulto fantástico voando pelo céu, sem forma definida. Passou tão rápido que muitos disseram que se tratava de uma aparição, outros ainda que era uma nave espacial. Ao passar em frente à casa de Maru, sentiu uma energia. Pousou em cima do telhado e entrou pela janela do sótão, depois da palavra mágica “abrir”.

Entrando e pisando cautelosamente, Wamp não estava enxergando nada, afinal a luz estava apagada. Ele encontrou o alçapão para a escada e desceu. Lá em baixo estava menos escuro, mas as luzes estavam igualmente apagadas.

- Esta deve ser a casa da Maru.

Ele sabia como que por instinto que aquela era a casa da garota cujo nome fazia parte do seu mundo. Maru. Maruland. Que era governado por Penélope. Qual era o sentido desse jogo de fantasia?

Wamp atravessou o corredor, passando pela cozinha e por um banheiro e viu um quarto amplo com um homem dormindo na cama. Mais à frente, uma sala com objetos relativamente modernos, isto é, para o mago. Coisas como televisão, telefone, rádio e fax não existiam em Maruland.

Ele avistou de trás do sofá um quarto com a porta entreaberta e resolveu se aproximar. Mal sabia ele que dentro daquele aposento estava a chave de grandes mistérios da sua vida.



CAPÍTULO III

O CORDÃO DE PRATA

Wamp abriu a porta com calma e cuidado. Olhou para todos os lados e viu, de repente, Maru. Ela era tudo. Ficou tão atraído em saber que ela era ele que quis acordá-la, mas ficou quieto sem chamar atenção. Fechou a porta e caminhou. Ele não era um espírito sem corpo vagando, era material e sólido. Sentou-se na cama ao lado dela e afagou seus cabelos. Maru se mexeu um pouco e acordou. Viu Wamp afagando seus cabelos.

- Boa noite. – Disse ele.
- Estou sonhando? – Maru disse meio dormindo.
- Quase isso...
- Espere! – Maru se suspendeu para poder ficar sentada. Assim que ficou totalmente lúcida, sentiu uma enorme tonteira. Sua cabeça começou a zunir. A mesma coisa aconteceu com Wamp, e ele começou a tremer: ambos estavam enfraquecidos:

- Nossa... – Wamp colocou as mãos nos olhos.
- Você... Está ficando invisível. – Ela disse, tocando seu manto. Sua voz estava fraca e quase inaudível.
- Maru... Eu preciso conversar com você. É muito importante.
- Sim... – Ela, assim como ele, estava quase adormecida.
- Mas eu preciso ser rápido, então escute: Você viu três pessoas,

uma mulher de cabelos ruivos, um homem de cabelos brancos e outro de cabelos rosas, todos os três jovens?

- Não...
- Sabe como posso procurá-los?
- Não...

Wamp então se levantou, cambaleando. Maru disse algumas palavras antes de dormir:

- Talvez devesse falar com o detetive.
- ...

E ela dormiu. Assim que isso aconteceu, Wamp recuperou as forças. Foi uma experiência dolorosa e cansativa. A mesma alma dividida em duas. Era mais do que entendível a fraqueza com que ambas conversavam. Mas isso também tornava cada vez mais confusa a situação. Como podia uma mesma alma falar com ela mesma? E o cérebro? Não existe? Wamp folheou a agenda de Maru e conseguiu o número do telefone do detetive Amaro. Mas isso não iria resolver. Logo embaixo havia o endereço. Ele memorizou e partiu da mesma maneira que havia chegado. Voltou ao cemitério, encontrou o espelho no fundo de um poço e mergulhou de volta para Maruland.

Maru estava passando uma tarde relativamente chata. Heloísa tinha saído com Henrique e ela não gostava de segurar vela. E como seu pai tinha saído em pleno sábado, realmente não tinha nada pra fazer. Ligou a televisão e assistiu alguns programas pela metade, todos entediantes. O pior é que nem cozinhar nada ela podia. E tampouco fazer qualquer outra coisa, Amaro não tinha devolvido seu livro, com isso Maruland havia saído um pouco do seu domínio, e ela não sabia de muita coisa. Só de uns boatos de uns três que haviam aparecido. O que ela não lembrava era de Wamp. Ele havia apagado tudo de sua mente. Naquele dia, que foi quarta feira, Maru acordou sem qualquer disposição, sem energia. Ninguém entendeu.

Ela era uma menina mimada e chata. Mas no frígir dos ovos ninguém entendia realmente o que significa estar presa. Não poder se movimentar livremente, saber que jamais voltará a caminhar e nem dançar. Ela dançava balé como uma princesinha, dizia sua mãe. Além desse transtorno, Maru ainda achava a morte de seis meses da mãe recente, as duas eram unha e carne. Não se largavam. Tinham intimidades de duas amigas e irmãs. Quando ela morreu Maru ainda não sabia que estava paraplégica. No dia do enterro ninguém pôde vê-la. Estava num caixão lacrado. Ela tinha ficado irreconhe-

cível, estava sem cinto de segurança e ficou presa entre as ferragens do vidro.

O pai de Maru a levou para vários fisioterapeutas e ainda está tentando recuperar o dinheiro gasto. Durante cinco meses a vida deles se resumia a tratamentos sem resultado. Apesar do que os médicos diziam, ele sempre queria procurar um novo método. Mas nada deu resultado. Os dois acabaram frustrados. Maru ainda ficou uns tempos com uma enfermeira, mas como era muito voluntariosa e o dinheiro estava de certo modo curto, o pai preferiu dispensá-la.

Mas Maru logo se arrependeu. Seu pai passou a cumprir sua carga horária total no emprego e ela teve que passar o dia sozinha. No começo foi muito difícil, mas logo ela estava acostumada. Mas nunca disse de fato que havia se arrependido.

Sua paralisia estava inteiramente ligada ao movimento das pernas. Seus órgãos estavam funcionando normalmente, menos mal. Assim, pelo menos ela não tinha problemas quanto a tantos outros, que acabam evacuando sem ter sentido. Eles foram agradecer várias vezes na igreja por Deus ter lhe dado essa bênção, e Maru ficou muito mais crente de sua fé. Mas mesmo assim era um custo fazer coisas normais que ela estava acostumada. Quando sentia vontade de ir ao banheiro tinha que fazer uma enorme força com os braços, erguendo seu corpo. No começo era cansativo e doloroso, mas logo foi virando rotina. Maru também sentia dificuldade em vestir suas próprias roupas e pegar coisas nos armários. Com o tempo esse problema foi resolvido. O pior é que depois de seis meses ainda não era tão fácil. A cadeira era pesada. Ela sempre chamava muita atenção, e apesar de não querer fazer fisioterapia de novo ela tinha que fazer, senão suas pernas atrofiariam. Por isso seu pai, de três em três dias, praticava exercícios com ela, à noite. Ele havia aprendido com o médico.

Apesar de todos os esforços dele para ser um bom pai, falhou por muitas vezes. Ele não tinha o costume de ser carinhoso com Maru, já que na sua infância ele sempre teve que trabalhar o dia inteiro para manter uma situação estável. Maru sentia a falta da figura paterna. E agora que sua mãe tinha morrido, eles teriam de aprender muito para não criarem um clima de apatia e irritabilidade dentro de casa.

Maru não gostava daquela situação e tentava de todas as formas ser uma boa filha, mas de um jeito ou de outro eles acabavam discutindo por coisas ridículas.

Olhando a TV, Maru tentava acompanhar um programa apelativo aonde um deficiente pedia uma cadeira de rodas.

O dia estava tão chato e ao mesmo tempo tão bonito lá fora.

Resolveu fazer uma coisa inusitada: Ligar para Amaro e perguntar se ele podia dar uma passada lá para uma partida de xadrez.

Amaro estava em casa quando o telefone tocou.

- Alô. – Atendeu uma voz sonolenta.
- Alô, Amaro é a Maru.
- O que que a pentelhinha quer agora?
- Você não pode vir aqui?
- Olha, a sua madrasta já conversou comigo e eu...
- Não é isso idiota!! É que estou sozinha e não tem nada pra fazer...Você não pode vir aqui pra gente jogar umas partidinhas de xadrez?
- Não vai dar, eu tenho um encontro. É com minha ex.
- Você não tem namorada!
- Eu disse EX.
- Não interessa. – Maru apelou. – Eu estou pagando.
- Tá bom, o escravo já está indo pra casa da senhora do engenho.
- Larga de palhaçada e vem logo.
- Tá doidinha pra ver o lindão aqui.

Ela tinha desligado.

Amaro se levantou do sofá (ele tinha um fraco por sofás) e pôs a carmisa. Toda a sua vida fora passada sem ninguém para lhe dar conselhos ou para dizer como devia se comportar. Quando tinha cinco anos, seus pais descobriram que o casamento deles estava uma droga. E estava mesmo. Sua mãe era uma doméstica como outra qualquer. Seu pai bebia muito e gastava seu dinheiro com uma amante assumida. O fato é que eles estavam sempre discutindo e arrumando briga, no final os dois acabavam se agredindo como dois animais. Amaro via aquilo tudo desde o início de sua vida. Ele nunca foi realmente normal.

Após o divórcio, Amaro foi viver com o seu pai, com quem, assim como Maru, não tinha um pingão de intimidade. Foi viver obrigado, sim, pois perante a justiça, sua mãe não tinha condições financeiras pra criá-lo. O pior, ele pensou, que já havia passado. Mas a Lucíola, a namorada de seu pai, era uma incoseqüente e irresponsável. Ele vivia largado enquanto seu pai trabalhava. Ele nunca falou isso pro pai dele. Ele ainda vive e os dois mal se falam. No natal ele telefonou e desejou boas festas. Amaro mal abriu sua boca. Não desejou nada. Ficou sabendo que havia se separado mais uma vez.

Ele não sabia se sua dificuldade com relacionamentos era genética ou se era um trauma. Ele sofreu tanto com seus pais que achou que sua infelicidade era culpa dos dois. Quando ficava muito triste lembrava deles e os amaldiçoava amargamente. Afinal, quem vai culpar uma criança? A verdade é que ele viu sua mãe pela última vez no enterro. Ela havia tido um derrame com 50 anos. Não havia casado de novo. Mas tinha lhe dado de presente um ursinho. E bastante tristeza.

Amaro repentinamente se viu numa fossa incrível. Perdeu toda a vontade de ver a cara de Maru. Resolveu telefonar, mas achou melhor nem avisar que não ia, afinal, ela iria perceber. Daí, saiu para dar uma volta com Spark.

Maru percebeu que Amaro não viria depois de se passar uma hora. Resolveu ligar para Heloísa.

Heloísa atendeu ao telefone depois de alguns toques:

- Alô?

- Helô?

- Oi, Maru.

- Está desanimada?

- Estou. Meu pai e minha mãe saíram. O Henrique foi na casa dos avós e só vai voltar na segunda.

- Vem aqui em casa para conversarmos? Eu convidei o Amaro, mas aquele idiota não quis vir, eu acho.

- Depois de tudo que houve você ainda quer que ele vá na sua casa, você aí sozinha?

- Eu... Acho que ele não iria fazer nada.

- Você é quem sabe. Mas eu não vou poder ir. Minha mãe disse pra eu ficar em casa, além disso, é um transtorno pra eu andar sozinha.

- Tudo bem, eu entendo. Foi uma ideia idiota mesmo. Até segunda no colégio.

- Até.

- Tchau.

- Tchau. – Heloísa pôs o telefone no gancho depois de umas duas tentativas de encaixe, nunca colocava certinho. Seu mundo era escuro sempre. Não passava nenhuma luz através da janela de seus olhos. Havia sido assim desde sempre. Sempre. E pra sempre iria ser. Quando ela tinha três anos lhe disseram que seria assim que ela enxergaria, ou não enxergaria. Sempre se machucava. Uma vez lhe compraram um cão guia, infelizmente ele faleceu depois de anos. Os brinquedos que tinha eram todos os

seus toques. Seu tato era tão sensível quanto seu olfato. Um animalzinho no escuro. Henrique foi seu médico de vista e professor de Braille. Ele lhe ensinou muito mais do que estava previsto. Também lhe ensinou a tocar piano, decorar as teclas. Embora não fizesse tão bem quanto o professor, eles eram incríveis tocando duetos. Heloísa se apaixonou pela voz, pelo cheiro, pela conversa, pela alma dele. Nada a faria mudar seu sentimento. Ele nem o imaginava. Não tinha referencial. Mas o via com os olhos do coração.

Henrique dirigia pela estrada que cortava o estado indo em direção às montanhas. Mesmo sem querer se lembrava constantemente de Heloísa. Ele era um sujeito muito “adolescente”. Diferente de Amaro, Henrique tinha ar infantil e carinhoso. Ao mesmo tempo ingênuo sem pretensão. Diziam “O Henrique parece até um anjinho”. Ele havia sido muito feliz ao lado de sua família entre o nascimento e os sete anos de idade. Seu irmão mais velho, Rodrigo, era ativo e esperto. Tinha 14 anos. O levava para os lugares mais fantásticos. Na roça, tudo era motivo de brincadeira. Mas a magia acabara num fatídico dia de chuva. As estradas interestaduais que cortavam a cidadezinha estavam super movimentadas com um feriado grande. Henrique deixou sua bola cair no meio do asfalto. Quando já estava quase do outro lado com a bola, viu um carro vindo em sua direção. Ele zunia e o menino, provavelmente, pelo seu tamanho, não seria visto. Henrique não conseguiu se mexer tamanho o medo, por isso, fechou os olhos bem forte. Foi quando sentiu um empurrão, abriu seus olhos, mas já estava do outro lado da pista, caído, sujo de terra. Quando olhou a estrada, viu a terrível imagem de Rodrigo atropelado. Ele conseguiria lembrar pra sempre de seus olhos sem vida, sua cabeça sangrando e seu corpo torto como de um boneco quebrado. Henrique nem chorou. Nem conseguiu. Todos ficaram dizendo que Henrique sofria, que ele podia chorar, que era pra chorar. Mas ele sonhou vários dias, e até hoje ele não conseguia esquecer daqueles olhos pedindo ajuda.

Henrique então colocou na sua cabeça várias situações. Por que ele foi pegar a bola? Por que não a deixou lá? Por que foi jogar perto da estrada? E se Rodrigo não o tivesse empurrado? E se o carro tivesse parado? E se Rodrigo e ele estivessem juntos? Seria tão bom em qualquer lugar, no céu ou na terra. Mas ele achava que nunca conseguiria contar pra ninguém seu passado, porque se achava assassino.

A vida de nenhum dos quatro poderia ser chamada de normal. Mas, quem é? E também não há nada de errado em sofrer. Isso mostra que se é sensível.

Ah, o que está achando do livro? Eu venho me empenhando muito em aprender novas coisas. E até estou escrevendo bem rápido, porque não tenho muito que fazer. E também estive pensando: será que eu digo aos leitores quem eu sou? Não... Melhor deixar para o final do livro, assim vocês vão ter uma feliz surpresa.

O pai de Maru, sábado à noite, chegou de carro com Sônia. Os dois saíram e entraram comentando muitas coisas sobre seu passeio. Ao abrirem a porta, deram de cara com Maru vendo televisão:

- Olá. – Disse ela gentilmente.
- Oi. – Disseram os dois.
- Vocês se divertiram bastante, hein? Dá pra ver.
- É verdade. – Disse o pai sem graça. – E temos uma surpresa pra você.
- O quê?
- Isso! – Sônia tira da bolsa um pacote com balas e doces.
- Nossa, que legal! Obrigada, eu passei um dia super chato, não tinha nada passando na televisão. – Maru pegou os doces para olhar.
- Esperem aqui. Vou pegar algo pra gente comer. – O pai de Maru deixa Sônia e ela na sala.
- Maru. – Sônia se senta ao lado dela. – Eu tenho uma coisa pra te perguntar.
- Fala. – Maru pegou uns doces.
- O que acharia se eu noivasse com seu pai?
- ... Mas se conhecem há semanas.
- Eu sei... Mas eu acho que o amo.
- Sônia. Eu sou sua amiga, mas não esperava que me perguntasse uma coisa dessas.
- Eu queria saber. Ele me perguntou hoje, mas eu quis saber se você está de acordo.
- Bem... – Maru não estava lá essas coisas. Ela gostava de Sônia, mas noivar já era outra situação. Afinal, sua vida mudaria, logo, logo ela iria ser sua madrastra. – Olha, a decisão não é minha. Não estou querendo ser chata. Se está a fim, vá em frente. Eu não quero opinar.
- Obrigado, querida! - Sônia lhe abraçou e lhe beijou o rosto.

- ... – Maru estava um pouco desanimada com o noivado, mas se batesse o pé poderia ser pior. Seu pai não iria desistir e não iria adiantar de nada.

Domingo de manhã, Maru acordou primeiro que seu pai e a primeira coisa que fez depois de se sentar na cadeira foi ir para a cozinha fazer o café. Tudo bem que ela não tinha muita mobilidade, mas o que valia era a intenção. Na noite anterior, os dois ficaram tão felizes com a aprovação de Maru. Maru também ficou tão contente. Por isso estava ali fazendo a mesa para seu pai e Sônia. Depois, foi abrir a porta para pegar o jornal. Inclinou-se, pegou, depois voltou e colocou em cima da mesa. Passou quinze minutos e os dois não haviam acordado ainda. Maru então foi dar uma folheada no jornal. Ao passar rapidamente, seu olhos viram uma coisa espantosa. Maru voltou a página de falecidos. Em uma das primeiras colunas estavam celebrando uma missa e convidando pessoas a comparecer. Era Sônia. A mulher da foto, que foi morta envenenada, era com certeza ela. O mesmo cabelo, os mesmos olhos, a boca. Tudo. Maru ficou paralisada. Pegou o jornal, enrolou e foi para o quarto ler a matéria. Leu três vezes e continuou sem nada entender. Guardou o jornal dentro da gaveta e telefonou para Amaro, mas ninguém atendeu. Nesse momento, Sônia olha pra dentro de seu quarto:

- Oi, Maru!
- AH! – Maru olha assustada.
- Menina, o que foi? – Sônia entra para falar com ela.
- Não entre. Espere!
- O que foi? Está me deixando preocupada.
- ... – Maru estava olhando tão aterrorizada que Sônia não podia deixar de ficar preocupada. E Maru não conseguia se acalmar para fingir.
- Bom dia! Quem deixou a porta aberta? – Amaro já estava chegando na sala. Maru saiu rápido para falar com ele:
- Amaro! Eu tenho que falar com você muito rápido.
- Eu disse que não queria falar com você.
- Mas é que é sobre a sua investigação!
- Investigação? Você descobriu alguma coisa?
- Arrã. Vamos sair daqui!
- Tudo bem.
- ... – Maru olhou ainda para Sônia. Ela estava estranha com o comportamento dela.

Amaro e Maru saíram de carro e dobraram a esquina. Maru estava apreensiva olhando Sônia da janela, ela estava observando o carro da casa.

- O que deu em você, menina? – Perguntou Amaro olhando a rua.
- Eu descobri uma coisa...
- O quê? – Amaro olhou para Maru.
- A Sônia está morta!
- Está ficando doida! Que é isso. Sei que não gosta dela, mas...
- Olhe! – Maru estende o jornal colocando-o frente a frente com

Amaro. Amaro fica sem atenção e perde o controle do automóvel.

- Veja! – Maru aponta.
- Mas... Ela...
- É. Ela está morta, veja na coluna.

Mas ambos escutam o som de uma buzina forte. Ao verem assustados pela janela, percebem que deveriam ter parado no sinal, na direção do carro, vinha um caminhão.

- Amaro! – Maru tampa seus olhos.
- Droga! – Amaro pisa no freio virando o volante para a direita.
- Socorro!
- Droga! Não tá parando! – O carro está rodando na pista enquanto

o caminhão e mais outros carros tentam uma manobra.

- Puxa o freio de mão!
- A gente vai conseguir! – Amaro lança sua mão e puxa o freio. O carro dá um cavalo de pau e em seguida pára. Todos na rua buzina. Amaro e Maru se olham, estarrecidos com o acidente e com o jornal.

- Amaro... Eu estou muito feliz por estarmos vivos! – Maru começa a chorar.

- Eu também. E eu estou feliz por não ter feito você passar por mais uma tragédia.

- O que você vai fazer agora?
- Agora? Eu estou tremendo, veja! Eu não sei se vou falar com a Sônia, se vamos... Sei lá.

- Se ela estiver mesmo morta não vai dizer.
- E você acredita mesmo nisso?
- Puxa! Você é um detetive paranormal e não acredita?
- Eu sei lá? Eu estudo, mas nunca vi uma coisa dessas!
- Você estuda? Você é um incompetente!
- Essa situação não é motivo de você chatear. Cala a boca.
- ...!

- E agora a gente vai lá em casa discutir isso melhor. Por hora eu tenho que manobrar o carro antes que os policiais cheguem. Você quer voltar pra casa? No mínimo eles vão querer saber do seu pai. Agora vamos.

Em meio ao falatório dos motoristas, Amaro manobra o carro com dificuldade e prossegue. Um engarrafamento havia acabado de começar.

Os dois prosseguem calados. Ao chegar em frente ao prédio, Amaro tira a cadeira de rodas, arma e coloca Maru sentada. Depois, a empurra pelas escadas da entrada:

- Ainda bem que esse prédio tem elevador.
- Puxa, a inválida só atrapalha.
- Não, é porque eu tô cansado mesmo.
- Ah.
- Chegando lá em cima, vou tomar um banho porque eu estava fazendo caminhada antes de pegar o carro e ir na sua casa.

- Por que você foi lá?
- Porque a Sônia queria me contar uma boa notícia. Era uma coisa sobre ela e o seu pai.

- Eles estão noivos.
- Seu pai já está viúvo antes de casar... Não posso acreditar!
- Como assim não pode?
- É absurdo! Além disso, conheci a Sônia no mesmo dia em que o seu pai. Nós dois estávamos conversando no escritório dele e ela errou de sala. Apesar de não passar de uma pequena falha, ela ficou conversando. Muito legal. E muito gata. Gost...

- Gostosa?
- Não... - Amaro chegou em frente à porta gasta de seu apartamento chulo. Usou a chave e abriu a porta. Estava tudo desarrumado. Maru olhou meio de lado e olhou pra cara de Amaro:

- Sua empregada não arruma a casa?
- Eu não tenho empregada.
- Ah... - Maru se locomoveu até a janela. - Pelo menos você tem uma vista legal. Você vai naquele parque?
- Às vezes com o Spark. - E foi entrando no quarto com a suíte.
- Onde está o seu cachorro?
- Eu deixo ele na dispensa quando saio. Não quero que o senhorio descubra. Depois vou tira-lo de lá.

- De que raça ele é?
- Meio vira-lata.

- ... – Maru visualizou todo o parque. Modesto, mas simpático. Super arborizado e cheio de pombos. – Esses pombos são uma gracinha.

- Pombos transmitem doenças. – Amaro ligou o chuveiro.

- ... – Maru se sentiu muito bem ali, apesar da enorme sujeira. No meio daquele caos, ela viu de relance um oásis de arrumação: Em cima de uma mesinha limpa havia uma foto lindíssima de uma mulher morena, lábios carnudos e pele super pálida. – Nossa! Que linda! – Maru empurrou as rodas e se aproximou, pegando o porta-retratos. Era uma foto velha, em preto e branco, mas cheia de vida. Seus olhos gentis expressavam amor e ternura. De um modo estranho, lembrava Amaro.

- Maru, se quiser pode colocar algum CD. Eu vou me enxugar e colocar uma roupa, já estou indo.

- Tá. – Maru foi até o som que havia perto da televisão, ambos no mesmo móvel, e observou a pilha de CD's. Ela encontrou um CD do ERA. Colocou a música num volume baixo e ficou escutando. De repente ela sentiu a mão de Amaro em cima de seu ombro. Estava meio molhada.

- Você gosta de ERA?

- Eu vi uma propaganda na TV, mas não consegui encontrar.

- Eu encontrei numa lojinha doida. Bem. Agora vamos falar da Sônia.

- Certo. – Maru se virou para Amaro que se sentou no sofá cheio de tralhas.

- Abra o jornal na página. Vamos ver se você errou sua conclusão.

- Olha: “Hoje celebramos a morte de Marília Ramos...”.

- Viu, não é a Sônia.

- Mas e se ela mudou de nome?

- Isso não existe. Além do mais não são a mesma pessoa e ponto final.

- Mas ainda assim desconfio dela: Veja, é a mesma pessoa praticamente!

- Vamos deixar suas desconfianças pra mim, afinal, eu sou o detetive. Agora vou te levar pra casa.

- Mas eu não quero ir. Ela ainda vai ficar lá um bom tempo!

- E o que espera fazer?

- Deixa eu ficar aqui!

- Claro que não!

- Por favor, Amaro. Eu sei que você é chato, mas tente pensar um pouco no meu lado...

- Bem, não sei. E o seu pai?

- Liga pra ele e fala que eu estou na casa da Heloísa. Ele não ia

deixar eu ficar na sua casa.

- Mas não é melhor eu te levar na casa dessa menina?
- Não... O Henrique já deve ter chegado de viagem...
- E daí?
- Daí que eles são namorados. Eu não quero ficar lá.
- Aquele cara é namorado daquela sua amiguinha? Aquela cega?
- É.
- PUXA! Pra onde esse mundo vai, onde já se viu! Que papa-anjos!
- Olha quem fala.
- O que foi que você disse aí?
- Eu... Nada!
- Ah, bem... Pensei ter ouvido uma coisa péssima. Melhor ficar calada que você ganha mais. Afinal, você está dependendo de mim.

- ...
- E você então vai passar o dia aqui.
- É.
- Não tem muita coisa pra fazer, e nem pense em arrumar a casa.
- Eu não sou sua empregada.
- Eu sei. Tem por aí um tabuleiro de xadrez e uns livros. Se quiser dar uma olhada, pode, mas não os tire do lugar e nem estrague.
- Livros? Tem algum livro de receita ou de...
- Pensando bem, é melhor não tocar neles. Você já arruma muita confusão pro meu gosto.

- Eu não sou uma tonta!
- Mas ninguém sabe. E na cozinha tem umas coisas na geladeira. Se quiser dormir pode se deitar na minha cama que eu não vou ligar. E o cachorro, como eu disse, está na dispensa. Pode soltar e brincar com ele. É pequeno, você não vai ter problemas em se machucar.

- Aonde você vai?
- Tenho que dar uma saída. Pensei em ir na livraria arrumar uns livros de viagem espiritual. Alguma coisa do tipo.
- E onde está o meu livro?
- Está por aí. Espere... – Ele pega uns livros e embaixo deles está o caderno de notas.

- Estava aí nesse lixo?
- Estava. Pegue, pode levar.
- Você leu?
- Não.

- Mas você pegou pra quê, então?
 - É uma porcaria, também não deveria perder seu tempo. Tchau.
 - Mas... Espera um pouco o meu pai ligar, eu não tô a fim de falar com ele.
 - Mas então eu vou ligar pra lá que eu tô com pressa.
- Amaro colocou a mão sobre o telefone e ele tocou.
- Alô.
 - Amaro? Aqui é o pai da Maru, ela está aí?
 - Não. Ela me pediu que a deixasse na casa da Heloísa.
 - Então eu vou dar uma ligadinha pra lá.
 - Mas as duas saíram logo em seguida com o Henrique.
 - Ah...
 - Maru falou que dormiria lá. Mas que não queria falar com o senhor.
 - Por que não?
 - Coisas de menina.
 - Certo. Eu darei um jeito de buscá-la. Sei que esta...
 - Senhor, se quiser eu posso pegá-la e depois eu deixo em casa. Sei que ela não se dá bem comigo, mas é que eu vou passar aí perto. Sabe, não custa nada...
 - Ah, então tudo bem, obrigado, tchau.
 - Tchau.
 - E aí? – Perguntou Maru quando Amaro desligou o telefone.
 - Ele acreditou. Mas não cause mais problemas.
 - Ah! Seu chato.
 - ... Olha, eu vou sair. Tchau.
 - Tchau.
- Amaro saiu trancando a porta.

Logo que amanhece, Wamp caminha para o quarto dos três misteriosos. Não tem ninguém no corredor. Eles com certeza já estavam com Penélope, Wamp viu Cherry e Aoi lá. Postando-se em frente à maçaneta, repetiu o processo e disse:

- Abrir.

A porta se abriu num estalo. Wamp moveu-a devagar. Mas, ao entrar no quarto e fechar a porta, ouviu uma voz:

- Wamp?
- ! – Wamp se virou e viu Send.
- Está procurando Cherry? Ou Aoi?

- Estou. – Era a melhor desculpa.
- O que você iria fazer na terra?
- Como você sabe?
- Eu vi você voltando aquele dia. Eu fiz Cherry e Aoi voltarem para o palácio enquanto você deixava o quarto.
- Ah... Muito obrigado. Estou muito grato.
- Mas o que vai fazer lá?
- Vou descobrir umas coisas. Tenho que visitar um homem chamado Amaro.
- Ah.
- Mas fique calmo. Eu não vou contar pra ninguém sobre o espelho. E vocês? O que fazem lá?

Send se levantou e olhou na janela. – Temos assuntos particulares. E outra coisa, tem uma coisa muito importante pra lhe avisar. Tem a ver com a sua menininha.

- A Maru? O que é?
- Fique bem atento com Cherry. Ela está entrando na vida dela.
- A Cherry?
- Mas você não a reconhecerá. Procure Sônia.
- Mas...
- Você vai me ajudar também, futuramente.
- Como assim?
- É só isso que eu posso dizer agora.
- Mas você está me deixando confuso.
- Entre no espelho e nós nos falaremos em outra ocasião... – Send sai da sala.
- Sônia... – Wamp achava Send muito estranho lhe dizendo isso de uma “amiga”.

E então Wamp entra pelo espelho e novamente passa pelo portal espiritual para a terra. Ele estava novamente no poço do cemitério. Como um radar, locomoveu-se rapidamente para a casa de Maru. Ele queria vê-la e saber como ela estava.

Wamp voava numa rapidez incrível, como descrito da primeira vez. Logo avistou a casa e deu um rasante para a janela do sótão. Estava destrancada. Ele entrou cuidadosamente para não fazer nenhum barulho, era de dia e ele tomou o cuidado de voar perto das nuvens para que ninguém lhe visse. Então reparou que a cronologia de Maruland era diferente da Terra, logo se fosse igual seria noite ali porque é dia lá.

Ele desceu as escadas sem fazer nenhum som, pois o tapete abafava o barulho dos passos.

Estava ele novamente na sala. A casa aparentemente vazia... Ele olhou

um papel em cima da TV.

“Sônia querida, eu acordei atrasado e vou tomar café na rua. Quando acordar procure a Maru, ligue para Heloísa, o telefone está na agenda. Beijos”.

Ele ficou perplexo. Então Sônia estaria ali mesmo, estabelecida em uma casa, a casa de Maru! Send estava certo, falou para procurar Sônia e ali estava ele. E Cherry, onde estaria?

Ele foi andando devagar pela casa quando ouviu música.

Sônia estava na cozinha da casa de Maru preparando o seu café da manhã. Ela estava gostando muito daquela vida a dois. Adorava a vida na Terra. Mas sentia que, por algum motivo, sua consciência pesava. Ela ligou o rádio e ficou escutando um velho rock’roll, daqueles estilo country. Quando terminou de passar geléia nas torradas, pôs tudo em cima da bandeja e se virou para ir para a sala, quando levou um susto.

Wamp foi até a porta e viu uma mulher alta e de cabelos ruivos. Ela olhou para ele.

Lá estava, frente a ela, um homem de cabelos verdes e pele pálida, com uma capa roxa e um enfeite de penas no cabelo.

Sônia deixou a bandeja de café da manhã cair no chão.

Wamp olhou fixamente para ela. No fundo de seus olhos aparentemente gentis, pôde reconhecer o olhar insensível da fria Cherry. Como se ela tivesse desmaiado, o corpo da mulher ruiva desfaleceu no chão, e deixou transparecer a verdadeira face.

E adivinhem quem era?

Cherry, a própria. Diferente do olhar imponente que apresentava em Maruland, aquela mulher estava com uma expressão acuada como um animal selvagem. Completamente descontrolada, olhava com pavor para Wamp. Como ele fora parar ali? Meu Deus, e se ele contasse tudo para Penélope?

- Wamp...
- Cherry! Como você pôde vir até aqui! Eu sabia que me odiava, mas prejudicar a menina está fora de questão.
- Não estou prejudicando ela.
- Você sabe muito bem que eu e ela somos a mesma pessoa.
- Não, eu não sabia.
- Sabia sim. Afinal, o que você pretende!
- Eu não pretendo nada! Pare! Está me deixando confusa!
- O que fez com seu corpo? Como conseguiu fazer aquilo?
- Você não entende, não é? Eu gosto muito da Maru, mas você não entende! Você não conhece nem eu, nem o Send e nem o Aoi! Não deveria nos procurar na terra! A terra não é o seu lugar.
- E por acaso não é o seu.

- Só estamos tentando ser felizes. Agora me deixe. Volte de onde veio.
- Eu não posso deixá-la aqui fazendo mal a mim mesmo. Você é muito esperta... Se aproveita de Maruland para poder gerar conflitos! Como você pode se aproveitar da vida de alguém, sabendo de seus sonhos!

- Mas...

- A Penélope deve saber de tudo.

- Vá embora!

- Mas você vai comigo.

- O seu pai já vai chegar, não quero que ele veja essa situação!

- Vamos embora!

- Não! – Cherry parte para cima de Wamp lhe desferindo um tapa no rosto.

- Mulher maldita! Cobra! – Wamp agarra suas mãos.

- O que pensa que está fazendo?

Wamp lança mão à uma rosa que estava presa na lapela de seu casaco e num passe de mágica, a mesma se transforma em um florete de prata. Cherry, se vendo nessa situação, tira do meio das dobras do vestido um punhal com a lâmina torta e começa a desferir golpes rápidos e estratégicos. Se Wamp não fosse tão ágil, um passo em falso poderia ser fatal.

Mas ele não perdeu tempo e com uma magia incrível fez uma bola de fogo e lançou na direção de Cherry que se esquivou com dificuldade, caindo no chão. Ele foi rapidamente até ela e deu um golpe, mas ela rolou astutamente, fazendo, porém, um corte no lado direito do rosto. Ela ficou furiosa quando passou a mão no ferimento e viu sangue. Ela sabia que não conseguiria vencê-lo, e então fez uma ação covarde: Tirou do cinto uma sacolinha que estava presa ali e, rápida, abriu e pegou com a mão o conteúdo, jogando no rosto de Wamp.

Ele começou a tossir e chorar, era uma espécie de pó lacrimojante com um forte cheiro de cerejas. Ele não conseguia parar de tossir, caiu no chão como se estivesse tendo um ataque epilético, e quando o pó se dissipou, ele olhou a sua volta e não viu ninguém.

- Maldita... Maldita seja você, Cherry!

- Ahahaha!!

Ele só ouviu uma sádica risada e não conseguiu saber de que direção vinha. Era melhor ele ir embora e deixar tudo como estava, eles acertariam as contas em Maruland. Ali não era hora e nem lugar para um combate. Ele se levantou do chão, recompondo-se e pôs o florete, agora já em forma de rosa, de volta na lapela e foi caminhando de volta para as escadas.

Ele estava com um olhar de revolta. Queria revanche, mesmo não tendo perdido a luta.

Já de novo no sótão, ele passou pela janela deixando-a escancarada e

saiu em disparada para o poço no cemitério. Queria voltar para Maruland e encontrar Cherry para deixá-la à sua mercê. Essa seria a sua vingança. Pretendia contar também tudo para a geniosa Nori para que os dois juntos pudessem resolver tudo.

Ele chegou no cemitério e atravessou o portal, encontrando-se logo depois no aposento de Send e Aoi. Ele foi caminhando para fora do quarto quando deu de cara com Aoi, que entrava no aposento.

- O que estava fazendo aí dentro? Não sabe que é o meu quarto?

- Sim, eu sei, mas vim conversar com Send sobre a administração do colégio. – Disfarçava Wamp.

- Se era uma reunião devia ter convocado os outros membros do conselho, eu e Cherry.

- Sim, eu sei, mas era algo meio particular.

- Mas você não devia...

- Cale-se e saia da minha frente. – Wamp Havia perdido a paciência, deixando o arrogante Aoi surpreso com sua atitude petulante frente a uma pessoa de cargo superior.

Prontamente, ele se distanciou dando passagem para Wamp.

Quando o mago estava longe, Aoi murmurou:

- A princesa ficará sabendo dessa atitude, rapaz...

Wamp caminhava rapidamente pelos corredores quando passou pela sala de aula de Nori e resolveu chamá-la. Ela pediu licença à monitora e se aproximou da porta.

- O que foi?

- Eu preciso falar sério com você. É sobre uma pessoa muito importante.

- Quem?

- Maru.

- Maru? Como assim? Mas é uma pessoa?

- Sim, eu não sei ainda direito qual a relação do nome dela com esse lugar em que vivemos. Mas não é exatamente sobre isso que vim falar.

- Então o que você quer?

- Eu queria discutir sobre a Cherry.

- O que é?

- Ela não é quem a gente pensa que seja. Eu não posso dar mais explicações, mas você tem que me ajudar a derrotá-la numa batalha ou coisa parecida. O importante é que ela suma daqui.

- Mas eu não estou entendendo nada! Você está bem hoje?

- Mais tarde a gente se fala. Tchau.

- Tchau.

Maru acorda em sua cadeira de rodas. Parecia ter pegado no sono de repente sem perceber. Pior é que estava toda dolorida e mal posicionada. Deveria deitar-se na cama de Amaro e descansar um pouco. Também era uma boa ideia ligar para Heloísa.

Ela foi até o quarto de Amaro e viu a cama desarrumada, dois travesseiros, cada um jogado para um lado diferente.

- Que bagunça.

Mas ela não ligou muito, se ergueu da cadeira para a cama e se arrumou do jeito que pôde, era muito difícil fazer todo o tipo de coisa sendo inválida daquele jeito.

Ela não estava mais com sono porque cochilou na cadeira, mas resolveu ficar ali só para relaxar, pois havia dormido de mau jeito.

Maru olhou para o lado e viu o telefone, pegou-o e discou o número de sua amiga.

O telefone na casa de Heloísa chamou três vezes até uma voz masculina atender.

- Alô?

- Henrique, é a Maru. – Ela logo reconheceu.

- Oi, Maru. Espera um pouquinho que eu vou chamar a Heloísa.

- Tá bom.

Depois de alguns segundos, ela ouve outra voz familiar.

- Oi, Maru, onde você está?

- Eu estou aqui na casa do chato do Amaro.

- Chato, né? Eu acho que vocês deviam é ficar juntos que ganhavam mais.

- Nem se eu quisesse dava porque meu pai não ia deixar. Mas deixa esse assunto pra lá, eu peguei o livro de volta!

- É sério?

- Pois é, eu pedi pra ele e agora vou escrever direto. E eu acho que ele nem suspeitou, acho que o sonso nem leu.

- Eu duvido.

- Mas é verdade! Eu perguntei e ele disse que não viu nada de mais no meu livro.

- Eu não sei...

- Deixa pra lá. Eu estou com um pouco de cansaço, só liguei mesmo pra dar um oi.

- Então a gente se vê no colégio.

- Tá bom, tchau.

- Tchau.

Na Segunda-feira, Maru já estava pronta na porta quando o carro de Henrique buzinou e ela saiu rodando a cadeira.

- Oi, pessoal.
- Maru, eu tenho uma coisa pra te falar.
- Fala. – Disse ela.
- Outro dia eu e o Henrique fomos ao parque e adivinha quem veio falar comigo?
 - Não faço a mínima ideia.
 - O idiota do Domas, aquele mauricinho lá do colégio que fica dando em cima de você.
 - E aí?
 - Ele não teve a mínima cara de pau e me apresentou uma tal de Júlia como namorada dele.
 - Que besta, ele acha que está podendo. Por que tem rapazes que são assim? Eles acham que, só porque são bonitos, todas as garotas a sua volta estão apaixonadas por ele. Mas, que estranho, acho que mesmo se eu quisesse, não sentiria nenhuma atração por ele. Ele tem uma cara de defunto.
 - Como assim?
 - Ah, sei lá. Não gosto daquele jeito galanteador dele.
 - Ele dá em cima de todo mundo descaradamente.
 - Depois dizem que as mulheres que são oferecidas. Não entendo isso.
 - Fazer o que né?
 - Mas tem umas também... Que vou te contar. Chega dar raiva. Dá vontade de dar um beliscão pra ver se toma vergonha na cara.
 - Eu não gosto de garota oferecida. Tem umas que dão em cima até de namorado das outras, eu acho ridículo.
 - E o pior é que os homens se sentem vítimas indefesas. Se a gente fala alguma coisa, eles dizem: “Você queria que eu fizesse o quê?” Com a maior cara de inocente.
 - Eu não suporto garotas assim, viu?
 - Nem eu. Detesto esse tipo de pessoa.
 - Bem, chegamos. – Disse Henrique interrompendo a conversa. – Depois vocês continuam o papo. Parecem duas comadres! Vivem de fofoquinha no telefone, acham que eu não sei.
 - Vem buscar a gente mais cedo porque hoje vai ter aula vaga.

- O que houve? – Disse ele armando a cadeira de rodas.
- É que o professor de biologia sofreu um acidente e ainda não arrumaram um substituto.

- É pra passar aqui que horas? – Perguntou ele colocando Maru na cadeira.

- Ah, deixa eu ver... Umas dez e meia.

- Então, tchau.

- Tchau. – Disseram as duas em coro.

Heloísa como sempre foi empurrando Maru para a sala de aula, quando alguém parou as duas. Era Domas.

- Oi, Maru. – Disse ele colocando a mão em cima da de Maru.

- Pare de dar em cima de mim! – Disse ela tirando a mão e olhando bem pra ele. – Olha aqui, Domas: Ouvi dizer que você estava desfilando com uma amiguinha nova, tá bom!

- Mas o que... – Ele olhou para Heloísa.

- E não adianta encher o saco da minha amiga, porque você faz as suas idiotices e fica descontando nos outros!

- Mas Maru, eu gosto de você...

- E não me encha, porque se você está achando que eu sou aquele tipinho de menina idiota que deixa o namorado botar chifre nela até não poder mais está muito enganado! Não que eu seja sua namorada.

- Maru...

- Passar bem!

Heloísa voltou a empurrar a cadeira deixando Domas falando sozinho. Sob aquela máscara de beleza via-se o orgulho ferido.

Enquanto isso, Maru e Helô já estavam na sala de aula.

- Poxa, Maru. Você deu o maior esporro nele. Gostei!

- Ele acha que eu vou ficar calada. Eu falo assim com o meu pai, por que eu não falaria assim com ele? Ele se acha muito pro meu gosto.

- Mas ele não vai desistir. Quando você menos esperar ele vai te tascar um beijo só pra adicionar mais um nome na sua lista.

- Eu nem ligo. Vem que leva um soco bem no meio da cara.

- Vamos deixar esse chato pra lá.

- Ele não tem o mínimo desconfiômetro. Se acha o malandrão da parada.

- Esquece.

- Tá bom.

- A aula já vai começar.

- Pois é... Olha, o chato ainda está lá fora.
 - Fazendo o quê?
 - Está conversando com um carinha... Até que é bonitinho.
 - Como ele é?
 - Ah, deixa eu ver... É loiro... E dos cabelos bem dourados. E parece que tem os olhos escuros... Não dá pra ver se é castanho escuro ou preto.
 - Vamos lá, e se ele for legal?
 - Tá bom. Vamos lá, vai.
- Elas vão indo e quando chegam perto, Domas sorri.
- Olá, Domas.
 - Oi, Maru.
 - Oi... – Maru ficou espantada porque depois dela falar todas aquelas verdades ele agia como se nada tivesse acontecido. – Como é seu nome, garoto? – Disse Maru para o garoto loiro.
 - Magno. Muito prazer. – Ele apertou sua mão. – É Maru, né?
 - É sim. – Disse ela sorrindo ao notar que ele não era igual ao amigo.
 - Você também vai entrar no colégio?
 - Não, eu só passei pra dar uma palavrinha com o Domas. Já estou indo, tenho muita coisa pra fazer e não posso perder o meu tempo. Se eu pudesse, ficava mais por aqui.
 - Puxa, Domas! Não me disse que tinha um amigo tão legal! – Disse Maru querendo ser irritante.
 - É... – Disse ele com sua cara de desanimado.
 - Bom, eu já vou indo. Tchau, Maru. Depois a gente se fala, Domas.
 - Tá. – E então ele olha para, Maru. – Gostei que veio se apresentar pro Magno.
 - Mas eu vim porque ele parecia muito legal. Diferente de você.
 - Maru, Maru... Você sabe que me ama e ainda nega! Isso é tão romântico!
 - Eu não tô negando. Eu só não gosto de você!
 - Mas... Podemos ser amigos?
 - Amigos?
 - É... Estou vendo que você não cai na minha conversa.
 - O que quer?
 - ... – E Heloísa estava ouvindo tudo.
 - É que eu estou precisando de uma pessoa pra desabafar. Estou muito perturbado.
 - O que é?

- Vamos comigo matar aula que eu te conto.
- Mas eu...
- Por favor! – Ele implorou com sua voz melodiosa e forte.
- Tá bom, vai. Me empurra, assim a gente termina isso mais rápido.
- Tá bom. – Domas deu um leve empurrão em Heloísa para que ela saísse. Ela ficou desconfiada do menino, afinal, que problema é esse?

Domas empurrou Maru pelos corredores até a enfermaria. Ao abrir, ele disse:

- Vê? Está vazia.
- Quer que eu entre?
- Não precisa, eu te empurro.

Domas conduziu a cadeira e fechou a porta. Maru ficou esperando meio desconfiada. Então, ele se postou em frente a ela e disse:

- E então?
- E então digo eu.
- Meu beijo, menina virgem.
- Mas... Que desaforado! Era isso que queria me contar?
- Eu estou perturbado por você não querer me beijar! Desde aquele dia.

- Mas eu não quero mesmo. Eu vou embora!
- Não ainda... Vou tirar a virgindade de seus lábios!
- Pára com isso, garoto.
- Mas é que é muito especial.
- Se significar alguma coisa, olha bem: Eu já beijei um cara.
- Que vadia! Nem se passaram alguns dias!
- Olha, já faz bem umas duas semanas.
- Mas...
- Tire-me daqui.
- Não. Vou lhe roubar um beijo.
- Não vai, eu vou te bater.
- Eu vou. – E ele estica seu pescoço e chega bem perto do rosto de Maru, frente a frente.

- Ora! – Ela ergue a mão direita.
- ...
- O quê! – Sua mão pára no ar ficando como se o tempo tivesse parado.

- Está escutando?
- O quê?

- As batidas do relógio? Os pombos arrulhando?
- ... – Mesmo que Maru estivesse nervosa ela escutava lá no final os sons das batidas dos ponteiros e os pombos.

- Agora... – Ele beijou Maru de olhos abertos. Os dois se olharam fixamente, mas ela o amaldiçoava. Domas a agarrou com furor, mas quando Maru pensou que a situação fosse ficar pior, a enfermeira do colégio entrou na sala.

- Posso saber o que está acontecendo aqui?

Como mágica, Maru teve a sensação de que tudo voltava ao normal e sua mão estalou no rosto de Domas.

- Menina! Não bata no rapaz, pode levar uma ocorrência.

- Foi sem querer.

A mulher olhou interrogativamente para Domas.

- É verdade, ela estava tentando matar um mosquito que estava aqui no meu rosto, mas acho que ele escapou.

- É, é verdade. A gente estava aqui porque eu... Eu pensei que essa fosse a secretaria e a professora pediu para eu e o Domas buscarmos giz, mas acho que erramos de sala.

- Tudo bem, voltem para a classe.

Quando eles saíram da sala, Maru disse:

- Seu idiota! Está achando o que da vida, hein? E como fez aquilo?

- Aquilo o quê?

- Eu, eu, não sei... Você parou o tempo, sei lá! E seu beijo também é muito palha! – Disse Maru, raivosa.

- Está tudo bem, eu já consegui o que eu queria... Quer dizer, não. Maru. Ouça, eu soube que está com algumas dificuldades em física, e se você não sabe, sou um ótimo aluno nessa disciplina... Se você quiser, eu posso te dar umas aulas particulares.

- Mas...

- Aulas diárias.

- Você é um traste mesmo, hein? Se aproveita até das minhas notas baixas para dar em cima de mim... Mas tudo bem, eu topo. - Maru estava com tudo planejado: Ele não poderia fazer nada porque Amaro estaria presente nas aulas e ela aproveitaria para fazer ciúmes no psicólogo. Não que ela gostasse dele.

- Tudo bem, às quatro. E todos os dias.

- Tem que ser justamente nesse horário?

- Às quatro ou nada feito.

- Tudo bem, agora vamos pra sala.
- Tá. – Domas finalmente conseguiu o que queria.

Wamp acordou à noite sem qualquer sono. De algum modo ele sabia que estava sendo chamado até o quarto de Cherry, Send e Aoi. Até o espelho. Colocou os pés no chão e se dirigiu devagar pelo corredor. Ao passar por uma janela, além de ver as estrelas e o castelo, ele viu Penélope observando as estrelas. Parecia chorosa, com a expressão deformada pelo sofrimento. De camisola.

- Será que ela sofre? Por quê?

Mas Wamp percebeu que não devia perder seu tempo com uma pessoa que o tratou mal. Retornou ao objetivo e caminhou para o quarto. A porta, como sempre, estava trancada. Recitou novamente as palavras mágicas e segurou a porta para que ela não estalasse. Ao olhar o interior, não conseguiu enxergar.

- Visão de Elfo. – Foi sua segunda magia.

Seus olhos brilharam e ele pôde enxergar muito bem, como fosse dia. E embora fosse noite ele não viu nenhum dos três ali, mas não achou muito estranho, porque afinal ele também estava acordado. Como sempre, passou pelo espelho e atravessou as nuvens até a terra. Chegando no cemitério, decidiu ir novamente até a casa de Maru. Ele se lembrou então do episódio com Cherry lá. Na verdade ainda não a havia encontrado em Maruland. O pior era que seria um acerto de contas fatal. Mas ainda não havia sido finalizado.

Chegando na casa, fez como sempre. Ao entrar no quarto, encontrou Maru dormindo na cama. Parecia exausta.

- Pensei que houvesse algo de errado... – Mas ao se voltar, Wamp encontrou em cima da escrivaninha um livro enfeitado. Ele se sentiu totalmente atraído para olhar. Ao tocar na capa, sentiu uma energia superpoderosa que o envolveu. Wamp sentiu seus poderes e sua vitalidade multiplicando-se. Era como se a força de um universo inteiro passasse naquele livro. Ao abrir, o aposento foi tomado pela luz que saía das páginas. Seus olhos ferveram. Seu coração bateu de emoção e espanto ao ler: “Maruland” na contra-capas. E ele foi passando as páginas, e lendo. Surpreendia-se a cada parágrafo. A verdade estava ali, diante de seus olhos! Os textos que Maru escrevia não eram para ele da mesma forma: Tudo ficava claro.

Quando queria dizer o nome de Wamp, que havia escrito, aparecia Maru. Assim, ele teve mais do que certeza de que ele era a alma dela. Porque mesmo depois do que Send havia dito, do quem o anjo lhe disse e da reação que ele presenciara ao ver Maru, era difícil crer. E ele continuou folheando as páginas escritas. De repente leu as situações que teve com Wan e percebeu que na terra ela se chamava Heloísa, como estava escrito. E que no nome de Lan, como na vez em que foi apresentado por ele a Wan, este estava trocado por Henrique. Depois, ele folheou até chegar na fatídica tarde do suicídio. Nori se chamava Amaro. Num lapso ele se recordou desse nome...

- Amaro... o detetive...

Era exatamente esse nome que vinha em seguida do telefone do “detetive”. Wamp nem acreditou que ele pudesse ser a carismática Nori. Wamp ficou ainda mais curioso. Leu um pedaço da parte em que havia Penélope, mas o nome estava igual, e ele ficou muito confuso. Depois a parte que havia Cherry, Aoi e Send. E por incrível que pareça, o nome deles estava grifado por uma tarja vermelha, mas era o mesmo que ele conhecia.

- Eles... Cherry é Sônia.

Wamp ficou muito pensativo. Ele ficou intrigado com o livro, que, além de revelador, era muito perigoso. É claro que Maru não sabia do tamanho da gravidade, porque não sabia que seu espírito poderia agir por conta própria. Ele queria colocar as coisas em seus devidos lugares, mas Cherry, Aoi e talvez Send, provavelmente, não. Ele não sabia se Cherry conhecia o livro, mas se soubesse dele... Qualquer alteração seria fatal! Cherry poderia mudar o destino de Maruland pra sempre, desejar o que quisesse! Seria megapoderosa. Além do que ele ficou muito insatisfeito com a explicação do livro para Penélope, porque ela era a princesa e Maru era quem estava com o livro pra fazer as alterações que bem entendesse.

- Tenho que levar esse livro daqui... – Mas ao tentar pegar sofreu uma descarga elétrica. Wamp caiu no chão meio zozado e voltou a se erguer. Ele não podia tirá-lo do lugar. Então ficou tranqüilo, afinal, se ele não conseguiu Cherry também não conseguiria. Assim, deu um beijo na testa de Maru e se foi da mesma forma que veio.

Nori está sentada embaixo de uma árvore sobre o gramado da floresta. O rio passava tranqüilo, ela gostaria de estar tão calma quanto ele. Na verdade havia alguns dias que não falava com Wamp. A última vez foi aquela em que ele o chamou na sala. Deu uma explicação muito mal dada. De

lá pra cá nem se cruzaram. Parecia estranho para alguém que jurava amor eterno. Mas ela escutou passos na folhagem e percebeu que Wamp vinha em sua direção. Ficou olhando para as folhas das árvores.

- Nori!
- Até que enfim... Depois de dias finalmente voltou a falar comigo.
- É que aconteceram coisas que me prenderam a atenção. – Ele então se senta ao lado dela.
- Vai dizer finalmente o que é?
- Vou. – Mas Wamp não planejava dizer TUDO.
- Então...
- Dias atrás, assim que eu conheci a Cherry, já a achei muito estranha. Depois então que vi Aoi e Send foi que a impressão piorou.
- E daí?
- Eu sei que Cherry é má.
- Por quê?
- Porque ela é.
- Não vai dar mais explicações?
- Acho que não... quer dizer, não tem mais nada.
- Por que tem estado tão ausente?
- Eu não posso contar, meu amor.
- Por quê?
- Me pediram. E eu gostaria de te dizer uma coisa.
- O quê?
- Pra não se esquecer quando acordar.
- Acordar?
- Cuide de Maru.

Amaro quase deu um salto da cama. Aqueles sonhos estranhos sempre o perturbavam, mas desta vez...

“Cuide de Maru.”

Como aquele cara de cabelos verdes conhecia ela? Quer dizer... Como poderia fazer um pedido daqueles para aquela garotinha de uniforme escolar azul. Os dois ali embaixo da árvore. Esse tal de Wamp conhecia Maru? Wamp! Ele estava escrito no livro!

- Como sou idiota! Como não reparei que eu estava sonhando com o que Maru sonha esse tempo todo! Eu estava no sonho dela! Idiota!
- Amaro se levantou do sofá pra procurar o livro. Mas logo em seguida lembrou que já havia devolvido pra Maru. Voltou a se sentar no sofá. Aquilo estava muito complicado.

- Preciso estudar um pouco mais. E também procurar o meu professor...

Amaro pegou o telefone e ligou para um determinado número que estava na agenda.

- Alô? É o professor Ricardo? É? Aqui quem fala é Amaro. Amaro Scuger. Lembrou? Eu queria falar com o senhor sobre umas dúvidas. O senhor com certeza deve saber. Podemos nos encontrar algum dia para uma conversa?... Espere que eu vou pegar um papel e uma caneta... – Amaro largou o telefone e pegou os referidos. – Pode falar. Arrã. No restaurante de comida chinesa!... Não, eu gosto sim. Tudo bem. Amanhã, então. Certo. Tchau.

Amaro colocou o fone no gancho e ficou durante um tempo pensativo. Fazia muito tempo que não via esse professor, um dia gostaria de saber a quantidade de coisas que esse homem sabia.

Cherry abriu as portas do aposento de Penélope com um impulso de uma fera. Penélope se surpreendeu ao ver sua face raivosa:

- O que foi, Cherry?
- Eu... Bem, tenho uma sugestão pra você.
- Sugestão? Como assim?
- É sobre o Wamp.
- O que há com ele?
- Ele é um criador de revoltas em potencial. Precisa cuidar dele!
- Mas como? Cuidar dele?
- Ele pode acabar descobrindo algo.
- ... Como assim? Você também sabe de alguma coisa? O Send te contou?

- O Send? Não, ele...
- Escute, se o Send não falou nada então você deve estar escutando atrás das portas.

- O que é isso! – Cherry foi pega de surpresa. – Penélope, pensei que me conhecesse... Nunca faria uma coisa dessas, o que é isso! Eu estava me referindo a nós três.

- Vocês três... Mas... Ah, sim. – Penélope se esquecera de que era segredo a aparição de Cherry, Aoi e Send. Se Wamp descobrisse seria terrível. Porque mesmo que não tivesse contado nem mesmo a ele, sabia que seus poderes eram idênticos.

- Eu queria lhe sugerir que o expulse daqui. Pra sempre.
- Mas não posso expulsá-lo.

- Por quê? – Cherry queria saber muito, já que Wamp estava lhe irritando, tanto em Maruland quanto na Terra.

- Porque... Bem...Tem certeza? Ele está descobrindo?

- Está vasculhando nosso quarto. Send me disse.

- Send te disse? Ele não falou comigo?

- Você sabe que ele não fala muito. Além do mais quando está perto de você só falta latir.

- O que é isso! – Penélope ficou ofendida.

- Estou dizendo que ele te ama.

- Não. Você sabe que vocês...

- Não somos só fantoches. Temos sentimentos.

- Mas...

- Você já deveria saber. Send vive te olhando. Quando você fala com ele, parece... Bem, eu não sei nem mesmo explicar. E eu queria te dizer mais uma coisa antes de sair.

- O que, diga.

- Que eu e o Aoi também somos humanos. Não somos só pedaços de estrelas. Você disse que todos aqui têm direito de se feliz. Mas não só aqui.

- Como assim?

- Não sei. Olhe ao seu redor. Você não tem que sacrificar sua felicidade por causa de Maruland. Você merece o amor do Send assim como eu mereço o amor...

- Você ama alguém?

- ... Não. – Cherry se retira.

- Volte aqui, Cherry!

Mas ela já está longe.

- Porcaria... Por que Send não disse nada?

Ao abrir a porta para sair, Cherry deu de cara com Nori ouvindo atrás da porta.

- Você estava ouvindo, garota?!

- Bem...

- Sua sonsa!

- Você faz a mesma coisa.

- Como assim?

- O que você vai fazer com o Wamp? Não acredito que pode ser tão manipuladora! Você o odeia!

- Você não sabe de nada, não é mesmo? Saia daqui! Suma!

- ... – Nori foi empurrada por Cherry e saiu da frente para que ela passasse.

As duas ficaram se encarando até que Cherry saiu do corredor. Nori não sabia muito bem de nada, mas seu namorado Wamp seria expulso.

Além de eles ficarem separados seria uma injustiça enorme. Wamp sempre deu seu sangue para o cargo que ocupava, e nem estar mais em Maruland ele pode. Que covardia! Tomou uma decisão: Faria um favor a Wamp, armaria um motim com os estudantes insatisfeitos com a política de Maruland e colocaria Penélope e todos os três cachorrinhos em seus lugares, senão fora de Maruland... Nori saiu correndo para o aposento de Wan no segundo andar da mansão. A grama e o calçado de cimento se fundiam pelo caminho. Logo ela chegou ao complexo. Subiu um lance de escadas, um andar e logo estava no corredor iluminado noite e dia. Imediatamente foi na direção do objetivo. Bateu à porta. Wan atendeu:

- Oi, Nori! Quer um chazinho? Entre, por favor.

- Claro! – Ao entrar Nori viu Wamp e Lan sentados conversando e tomando chá também.

- Nori! – Quando ele a viu sorriu.

- Oi... – Ela ficou meio desanimada porque era pra ser uma surpresa, mas resolveu falar assim mesmo depois que pegou o chá e se sentou. – Gente, eu fiquei sabendo de uma coisa horrível e resolvi tomar providências.

- Que coisa? – Wamp perguntou rápido.

- Cherry persuadiu Penélope a expulsá-lo daqui e ela aceitou.

- ... – Wamp ficou estarecido.

- Que malvada! – Disse Lan.

- Muito baixa. – Acrescentou Wan.

- E o que você decidiu? As providências? – Perguntou Wamp.

- Bem. Eu vou montar um motim com os estudantes. Quem está comigo?

- Eu estou. – Disse Wan.

- Eu também. – Disse Lan.

- Não acho uma boa ideia. – Disse Wamp.

- Como não, meu amor? Nós vamos expulsá-los daqui e pôr um fim nisso.

- Não é nosso direito. Vocês não conhecem os três, tampouco Penélope.

- Mas não é bem assim...

- Pare de ser tão teimosa.

- Mas eu não estou sendo! Só quero que a justiça seja feita.

- Você não pode fazer justiça.

- Está dizendo que não sou tão poderosa quanto você? Seu convencido.

- Está colocando palavras em minha boca.

- Entenda como quiser! – Nori vai embora do quarto.

- Nori! – Wamp vai atrás.

- Puxa! Esses dois vivem brigando! – Diz Wan.
- É. – Diz Lan.
- Apesar do gênio eles se amam.
- Eu amo você, Wan! – Diz Lan abraçando-a.
- Também amo você, meu menininho.
- Você é legal!

Lá fora, Wamp seguia Nori pelos corredores.

- Nori! Espere!
- Deixe-me em paz, seu grosso!
- Espere! – Wamp então tropeçou em seu manto e caiu com tudo no chão. Nori já estava longe. Ele não pôde evitar derramar lágrimas amargas.

No jardim, Nori recuperava seu fôlego. Ela havia corrido e agora estava chorando muito. Wamp não parecia gostar de sua decisão. Estaria subjugado à Penélope? Nori estava se sentindo muito idiota.

- Estou pronta. Acho melhor começar logo. – Disse Maru esperando Domas começar com a aula de física.

- Bem... – Domas não sabia nada de física.
- Eu queria aprender sobre esses troços aqui... Força. Tem umas coisas, essas setinhas. Um negócio de f_1 e f_2 . O que é?
- Me dá o livro.

Maru entregou e ele deu uma olhada. Após passar a palma da mão direita sobre o livro, as letras se transformaram em pequenas penugens de pombo. Claro que Maru não viu nada disso. Tratava-se de um truque de concentração e captação.

- E aí? – Perguntou Maru apressada.
- ... – Ele fechou o livro. – Já entendi. É um dos primeiros princípios da física.

- Arrã.
- Imagina um bloco qualquer.
- Tá.
- Então eu coloco uma porção de pombos para puxá-lo numa determinada direção. Vamos supor que a força desse puxão vale 2. Supondo assim, a caixa está indo com intensidade de força 2.

- Ah... E as outras setinhas?
- São forças inimigas. Colocam corvos pra puxar pro outro lado. São menos corvos, eles puxam com força 1.

- E aí?

- A força que os pombos tem que desperdiçar para anular os corvos é 1, daí, com os corvos anulados, eles continuam puxando a caixa, mas com força 1.

- Entendi...
- Que bom.
- E se tem um puxando pra cima e outro pro lado.
- Vai pra diagonal. Você tem que fazer teorema de Pitágoras.
- Nossa! Como você é esperto!
- Que isso...

Maru ficou quieta e começou a fazer uns exercícios. Eles estavam estudando na sala. Domas olhou de um lado para o outro e finalmente encontrou o que queria: o quarto de Maru.

- Maru... Você pode me trazer um copo de água?
- Claro. Espere...
- Por acaso você não tem suco?
- Não.

- Pensei que ... Já que estou dando aula de graça pra você, e até agora não tentei nenhuma gracinha...

- Tudo bem. Espere um pouco que é capaz de eu demorar. – Maru saiu para a cozinha. Imediatamente Domas se levanta e caminha para o aposento. O que ele procurava estava em cima da escrivaninha. O livro de Maruland, como ele esperava.

- Então... Finalmente! – Domas se aproximou do livro para arrancá-lo de lá. E conseguiu. O exemplar estava finalmente em suas mãos. Ele olhou com apreço. Estava prestes a realizar seu desejo. Quando pegou a caneta do bolso de sua camisa e abriu o livro, Maru entrou no quarto:

- Domas? Que está fazendo aqui? Você gostou do livro?
- ... Maru... – Ele jogou o livro de volta na escrivaninha.
- Você fez alguma coisa com o livro?

- ... – Domas jogou a caneta no chão e puxou Maru, jogando-a em cima da cama. – Você sabe que eu estava doido para ficar aqui sozinho com você no quarto.

- Sai de cima de mim.
- Não fique com medo! Eu vou ser muito carinhoso.
- Sai! Sai logo!
- Minha doce Maru... – A campainha toca na hora em que ele daria um beijo forçado nela. – Você não se importa se não atendermos, não é?
- Me importo. Todo mundo sabe que eu passo o dia em casa, se eu

não atender vão desconfiar. Agora me solta, seu tarado!

- Tarado?

A campainha voltou a ressoar.

- Isso mesmo. Se você ainda não percebeu, eu não gosto de você.

Agora sai.

- Mas... eu te adoro!

- Sai!

A campainha toca muitas vezes.

- A pessoa está impaciente. – Diz Maru tentando contornar a situação.

- Daqui a pouco vai embora, vamos continuar de onde paramos...

Mas ambos são surpreendidos por um tiro.

- O que é isso? – Ambos.

Eis que surge Amaro, em posição de atirar com a arma apontada para Domas. Ele estava com um óculos estilo policial com lentes verde-escuro em degradê, simplesmente lindo e todo descabelado, como se tivesse chegado correndo, como nos filmes.

- Saia de cima dela agora mesmo, seu vagabundo!!!

Maru ficou espantada com o jeito que ele estava. Nunca o ouviu falar assim antes. A raiva estava escrita em seus olhos. Rapidamente, Domas se ergueu recompondo-se.

- Põe as mãos na cabeça!! Anda logo! VAI!!

- Sim... – Ele estava muito nervoso mas apesar de tudo tentava transparecer calma.

Amaro revistou-o rapidamente, Domas estava tremendo muito e suando frio. Maru estava com a maior cara de sonsa, e ao mesmo tempo envergonhada.

- O que esse desgraçado estava fazendo aqui?!!

- Ele veio para me dar umas aulas de física...

- Como você deixa um animal desses entrar na sua casa, ele já tentou te agarrar!!

- Eu estou ruim em física!!

- Você é mesmo muito bobinha, Maru!! Cair na onda de um pilantra como esse aqui!!

Quando Amaro falou isso, desferiu com força uma coronhada na cabeça de Domas, que caiu no chão.

- Não faz mais nada com ele, Amaro!!

Estranhamente, Domas não tentou revidar, como se não estivesse

sentindo dor ou como se achasse que ele estava merecendo aquilo.

- Esse safado levou o que merecia...!

- Amaro... Ele está bem?

O psicólogo olhou bem para Domas, que se contorcia no chão.

- Sim, ele escapou dessa com vida, e não deve nunca mais se aproximar de você se quiser continuar com ela! – Retrucou ele faticamente.

- Meu Deus... Não precisava ser tão violento. Teve uma hora que eu pensei que...

- Você não pensou nada, aliás não deve pensar pra trazer um cana-lha desse pra dentro de casa.

- Poxa... – Maru divagou por alguns segundos. – Você veio me salvar, né...

- Que vim te salvar que nada! Eu senti um negócio ruim assim, ... eu não sei explicar. Parecia pressentimento e vim correndo pra cá do restaurante chinês.

- Obrigada, agora faz um favorzinho?

- Que que é agora?

- Me põe na cadeira de volta.

- Hunf... – Disse ele respirando fundo e guardando a pistola. Deu uma olhada para o lado mas Domas estava desmaiado. – Vem cá... – Ele levantou Maru e olhou bem pra cara dela, e disse, antes de colocá-la na cadeira:

- Vai ser oferecida, vai!

- Mas que coisa... – Maru sabia que ele ia ficar ralhando até se cansar.

- Vá embora daqui. – Disse Amaro para Domas, que já estava saindo do quarto.

- Eu já ia embora mesmo... – Domas chegou na porta da frente e se foi como um fantasma. Dali, Amaro e Maru se entreolharam. Amaro lembrou do que Wamp havia dito. “Cuide de Maru”.

- Eu já estou bem. – Disse ela voltando para a sala. – Você atirou na fechadura? O que a gente vai fazer?

- Eu vou dar um jeito de chamar um chaveiro antes do seu pai chegar.

- Você não quer que o meu pai saiba que você tem uma arma e que atirou na porta como um maluco?

- Pra sua informação eu tenho autorização para portar armas. Eu já fui da polícia, não é à toa que eu sou detetive.

- Mas se você já foi...

- É modo de dizer. Eu ainda sou um policial, mas estou de licença.

Faz apenas três meses que eu estou afastado.

- Por quê?

- Por causa de uma crise. Quando eu e Ângela nos separamos eu fiquei muito mal.

- VOCÊ ERA CASADO?

- Era. Ficamos casados desde que eu terminei a faculdade até o começo desse ano. Seis anos.

- Você gosta dela?

- Não... Nunca mais a vi. – Amaro se senta na cama e tira os óculos. – A gente vivia brigando. Nós nos casamos porque ela ficou grávida. Ela logo perdeu a criança, e me culpou dizendo que eu não ficava em casa com ela e por isso ela ficava estressada. Mas eu era um policial. Daí não consegui mais ter paz. Ela me infernizava quando eu estava em casa, e mesmo quando eu estava trabalhando no escritório ela aparecia. Depois de um ano ela ficou grávida de novo, mas acabou perdendo novamente. Aí ficamos sabendo que ela não podia ter filhos, e que sempre que engravidasse passaria por essa situação horrível. Comecei a evitá-la. Tive uma porção de casos mal resolvidos. Mesmo morando com ela sempre dava um jeito de evitá-la. Então eu abri um divórcio e ela topou. Depois que nos separamos, no começo do ano, ela me tomou tudo. Não sei como teve coragem de fazer uma coisa dessas. Eu fiquei na sarjeta mesmo. Pedi até ajuda pro meu pai, mas ele se fez de João-sem-braço. Nesses três meses eu montei o apartamento e estou tentando levar uma vida mais leve. Meu chefe deu uma liberada, mas eu ainda apareço lá e sempre resolvo os abacaxis. É por isso que eu tenho o porte de armas. Pega o telefone pra eu ligar. Não fico mexendo em nada na casa dos outros.

- Tá. – Maru falou tímida e foi pegar o telefone.

Amaro disse aquilo tudo e percebeu que falou demais. Além de odiar se expor, Maru era uma garota mimada que nunca entenderia a vida de um homem. Voltou a colocar seus óculos porque seus olhos estavam marejados pelas lembranças do passado.

- Está aqui, Amaro. – Maru lhe entregou o telefone com a extensão.

- Valeu.

Mesmo com os óculos, Maru reparou que Amaro estava chorando. Quando ele voltou a olhar pra ela, pra ver se ela havia percebido, uma lágrima escorreu por debaixo da lente até seus lábios. Ele ficou impassível. Ambos estavam se olhando.

- Olha, se você quiser, pode falar sobre isso. Sou toda ouvidos.

- Não, obrigado.
- Olha, Amaro, eu posso ser sua confidente!
- Aiaiai... Ô menina chata. – Disse ele se levantando.
- Você é um mongol mesmo.
- Por quê?
- Fica se fechando para as pessoas e achando que todo o sofrimento do mundo é seu. É o stress.
- Que que é?
- Olha Amaro, existem grupos para ajudar pessoas como você. Eu sei muito bem, estava descontando toda a sua raiva no pobre do Domas.
- Você tá me zoando?
- Não, é sério, vem cá.

Amaro vai até a cadeira e se abaixa, Maru apóia suas mãos nos ombros largos dele e diz:

- Não adianta se fazer de durão. Você sofre como todo mundo, você é humano. Tem sentimentos e é sensível como qualquer outra pessoa.

Ele desviou o olhar, e Maru disse:

- Pode me falar qual é o problema.

Relutante ele se levantou e retrucou:

- Eu vou embora agora, Maru.

Mas quando ele está saindo sente a mão de Maru prendendo-o no quarto. Amaro não consegue nem mesmo olhar pra trás.

- Volta. – Ele escuta essa fala de Maru.

Amaro solta sua mão como um barco que se solta da corda para uma tempestade. Levou o telefone junto e falou com o chaveiro da sala. Disse poucas palavras. Maru ficou quieta se perguntando o que deveria fazer. Se deveria ir até lá e dizer alguma coisa, ou não. Ficou na sua pra não aborrecê-lo ainda mais. Ela escutou então ele dar mais alguns passos. Estava indo em direção à porta.

- Amaro! – Maru o chamou mais uma vez.
- Melhor você esperar o rapaz sozinha. Ele deve chegar em alguns minutos.

- Não vai ainda... Eu preciso conversar com você.

Então Amaro voltou até o quarto. Maru estava séria:

- Você podia me escutar um pouco. Eu não sou uma garota mimada. Eu fico o dia inteiro em casa sozinha. Eu nem mesmo posso fazer o que preciso. Eu sou privada em tudo que possa pensar. Não tenho companhia familiar. Você não é o único que sofre. Todos sofrem. As histórias das pes-

soas, de todas elas, tem um fato que as marcou. Eu não o conheço muito. Acho que você tem muito mais do que uma simples separação. Eu só tenho 17 anos e veja. Eu nunca mais vou sentir a grama nos meus pés. Nunca vou andar ao lado de um namorado. Nunca vou subir o altar quando me casar. Se ficar grávida vai ser pior. Toda a minha vida passará assim, minhas pernas atrofiarão. E se seu tiver sorte... Eu possa me esforçar pra ser feliz. Mas, na sua opinião, eu sou mimada. De acordo com o que você pensa, eu não tenho nenhum motivo pra ficar mal-humorada por causa de uma simples paralisia. E esses pensamentos já rodaram na minha mente muitas vezes. Você é infeliz, eu sei. Mas não pode ser egoísta achando que eu estou sendo mimada. Eu também tenho motivos pra chorar.

- Eu...

- Eu queria falar com alguém... Amaro... De uns tempos pra cá eu tenho pensado muito. Eu tenho a sensação de que vou morrer... - Maru começou a chorar.

- Não chore. - Ele se abaixou e limpou suas lágrimas. - Não chore. Eu não quero que fique impressionada com meus problemas. Deles choro eu.

- Mas eu preciso que entenda que eu sou muito infeliz. Todos têm suas cruzes.

- Me deixe ir.

- Eu só quero dizer que te...

- Pare de falar isso agora mesmo. Não quero escutar. - Amaro saiu de uma vez por todas da casa. Entrou em seu carro como um foguete e saiu dirigindo como louco. Estava chorando como uma criança. Retirou os óculos, limpou as lágrimas e parou o carro no acostamento. Seus pensamentos desordenados e sua vista ardendo não ajudavam na direção.

- Ela ia dizer que me amava.

Em toda sua vida ninguém havia lhe tido algo tão doce. Se ele escutasse seria uma tragédia. Ficaria com o coração e a alma totalmente presos. Como uma corrente.

- Não. Ela não ia me dizer uma coisa absurda dessas.

Mas Maru ia. Quando Amaro saiu como um louco, seu coração disparou e sua alma se esvaiu como num penhasco. Sentiu-se tão próxima a ele que nem percebeu quando aquilo saiu pela sua boca. E agora... Ele não aceitou seu coração. Era idiotice ter dito aquilo! Que oferecida!

- Idiota! Maru, sua burra! Você não faz nada direito!

E ela, que já estava chorando, caiu num mar de prantos. Era um amor impossível. Ela ficou imaginando tanto, negando tanto, se escondendo,

mas achava que, talvez, um dia, quem sabe, seria namorada de Amaro. Mas ele nem mesmo deixou que ela terminasse aquela declaração imprevista. A única que tinha sorte era mesmo a Heloísa, que conseguiu ficar com o Henrique. O Amaro, um cara esquisito e cheio de manias, nunca iria querer algo com aquela garotinha. Estava só trabalhando...

Wamp acordou meio de mal-humor sem saber por quê. Apesar de aquele lugar gerar felicidade como algo sobrenatural, ele parecia ser influenciado por forças externas. Ao andar pelos corredores, temia dar de cara com Penélope e ela executar seus pensamentos de pô-lo fora dali. E pensava um pouco na Nori. Eles haviam brigado por idiotice. Ao passar pelo jardim, escutou uma voz muito familiar, a voz de Send.

Wamp decidiu descer uma escadinha que dava acesso para o labirinto de trepadeiras quando escutou a voz de Cherry e Aoi junto com a dele. Parou onde estava para escutar. Foi então que Cherry disse:

- A Penélope caiu direitinho quando eu disse a ela pra expulsar o Wamp.
- Você tem certeza que é o melhor a se fazer? – Perguntou Send.
- É. – Disse Aoi.
- Ele é um peso morto agora. Depois do que ele descobriu vive entrando e saindo do quarto. – Disse Cherry de novo.
- Mas não era esse o plano? – Perguntou Send.
- Mais ou menos. – Disse Aoi.
- Você exagerou com o tal do anjo. – Disse Cherry. – Bastava dizer pra ele sobre o espelho como havíamos combinado e já estava bom.
- Eu achei que não fosse convencê-lo. Ele é inteligente.
- Mas agora pensa que é um homem santo. – Cherry disse.
- Está bem. E quando ele se for?
- Vamos ter espaço. E ele não vai ter como contar pra Penélope nada sobre o espelho.
- É. – Disse Aoi.
- Cherry, sei que estamos correndo contra o plano, mas você não acha que está pegando pesado demais com ele? Ele é legal. – Disse Send.
- Legal nada, estive na casa de Maru e quis me matar me acusando de um monte de barbaridades que eu nem mesmo fazia ideia. Que eu sabia não sei o que sobre a Maru.
- Ele leu o livro? – Perguntou Send.
- Eu não sei.
- Porque eu sei que ele encontrou. Eu dei um jeito pra ele entrar na casa da Maru, como a gente tinha combinado, eu sei que ele achou o livro.

Foi assim que o Aoi soube que ele estava lá.

- Por que também você tinha que dizer sobre eu? – Cherry começou a ficar nervosa.

- Como assim? – Perguntou Send.

- De Sônia.

- Era pra...

- Não se faça de sonso que eu acho que você está querendo prejudicar eu e o Aoi. Agora eu entendo por que o Wamp ficou com ódio de mim. Falso!

- Não seja idiota. Você e o Aoi é que estão querendo terminar tudo antes de eu matar ela.

- Não. – Disse Aoi.

- E você Aoi? Leu o livro? – Perguntou Send.

- O Send me falou que você foi lá ontem.

- Não.

- Não o quê? – Ambos perguntaram.

- Eu estava com ele em minhas mãos quando ela surgiu. Pra enrolar ela quis lhe dar um beijo... E vocês sabem...

- Que pra enrolar o quê! Você é muito irresponsável mesmo, estava querendo se aproveitar! – Disse Cherry. – Não se esqueça em hipótese alguma que AMO aquela menina.

- Que isso!

- Você adora mesmo a terra, não é, Aoi? – Perguntou Send.

- ... – Ele ficou sorrindo como um cínico.

Wamp estava estarelecido com a conversa. Então, tudo não passava de uma farsa para usá-lo... Mas ele escutou mais algumas coisas.

- Send, antes de irmos falar com a Penélope, o que você sabe sobre o Wamp e a Maru? Eu e o Aoi não entendemos até agora o que você disse de tão especial pra ele ir como um rastilho de pólvora procurá-la.

- Nada...

- São esses segredos que tem no livro, né? E que a Penélope também sabe... Ela te contou...

- Talvez... – Ele começou a caminhar. Wamp saiu correndo sem fazer barulho. Para atrás de uma árvore, onde pôde escutar a conversa que Cherry teve enquanto seguia Send:

- Send, você deve saber de mais coisas, por que a Penélope sabe dessas coisas? O que ela pretende?

- ...

- Volta aqui!

- ...

- Aoi. Eu acho que ele está querendo nos trair.

- Já?
 - É. Ele não colabora e esconde a maioria das coisas, merece que contemos tudo que ele pretende pra ela.
 - Não. Você ainda tem o casamento. E eu vou pegar esse diabo de livro. Você vai ver.
 - Que bom que pelo menos podemos confiar um no outro. Agora é melhor você desencostar suas mãos de lobo da minha menina porque eu te conheço, seu galanteador.
 - Que isso... – Ele sorriu.
 - E você tem orgulho... Melhor a gente dar um jeito de impedir o Send, de algum modo, de se adiantar muito. Senão...
 - Toda nossa felicidade por água baixo.
 - É...
- Então Wamp sai de onde estava cautelosamente mas Cherry e Aoi o percebem. Sem pestanejar, ambos começam a andar na direção dele:
- Estava nos escutando! – Cherry.
 - Diga! – Aoi.
 - Eu só queria saber o que está acontecendo.
 - Como assim o que está acontecendo? Não é de sua conta! – Diz Cherry agressiva.
 - Vocês podiam me esclarecer algumas coisas, aí eu prometo esquecer qualquer investigação que estava fazendo.
 - Está falando isso por quê? – Perguntou Cherry.
 - Porque eu sei agora que você não estava querendo prejudicar a Maru.
 - Não sei por que está preocupado com isso, eu nunca faria nada.
 - O Send me disse para zelar por ela que Sônia estava fazendo algo.
 - Como ele pôde! Que falso! – Cherry.
 - É. – Aoi.
 - Por que vocês me usaram? Só pra descobrir onde estava o livro?
 - É. Wamp, eu agora não sei bem se posso te contar tudo. Você deve ser um cara legal mas ainda não simpatizo muito. Então, não faça mais perguntas e aceite esse conselho: Não estamos fazendo nenhum mal a ninguém. Deixe isso conosco e esqueça.
 - E sobre a Penélope me expulsar?
 - Eu vou conversar com ela pra ela não fazer isso. Então você vai se calar?
 - Tudo bem.
 - E não entre mais pelo espelho. Eu, o Aoi e o Send podemos, você pode acabar causando um desequilíbrio.
 - Tá.
 - Não vamos fazer nada com a Maru. Fique tranqüilo. Agora... Não

volte a conversar sobre esses assuntos com o Send que é melhor pra você. Nós dois daremos um jeito nele, não é Aoi?

- É. – Disse Aoi.

- Agora nós vamos cuidar de umas coisas. Nos vemos por aí, mago Wamp. Até mais ver. – Cherry sai andando.

- Até outro dia! – Aoi acena e parte junto com Cherry.

Wamp havia desistido de vez de investigar. Afinal, ele não estava ganhando nada com aquilo e estava sendo usado, ainda por cima. O importante para ele era que Maru não corria perigo, e que de algum modo Cherry a protegeria.

Agora era hora de fazer as pazes com Nori.

Maru estava conversando na hora do intervalo com Heloísa na sala de aula, afinal, as duas tinham muitas confidências pra trocar:

- Maru, então você se declarou pra ele?

- Mais ou menos... quer dizer, não!

- Claro que sim. Eu sempre disse pra você que você gostava dele. E fica negando.

- Mas olha o que eu fiz. Coisa de criança.

- E você acha que os adultos não fazem?

- Eu não sei, Helô. Pra falar a verdade estou meio desconsolada. O único que gosta de mim é o imbecil do Domas.

- Nem pense nele. Ah, eu nem te disse, minha mãe hoje vai me levar para uma consulta com um novo especialista que chegou na cidade. Dizem que ele tem um método revolucionário para os olhos. Que pode fazer enxergar.

- Que bom! Tomara que tudo dê certo.

- Minha mãe vai vir aqui me pegar, já deve estar chegando.

- Legal.

- Olhe Maru, antes de ela chegar, quero que veja isso.

- Ah?

Heloísa tira um bilhete de dentro da bolsa.

- Ele me entregou, mas eu não pude ler. Estava com pressa. Disse pra você ler.

- Tá.

- Helô. – A mãe de Heloísa entra na sala. Várias pessoas estão ali. Maru toma um susto e deixa o bilhete cair no chão. – Oi, Maru. O que vocês estão conversando?

- Coisas. – diz Heloísa.
- É... – Diz Maru sem graça.
- Ah, você deixou o papel cair no chão, deixa que eu pegu. – A mulher se abaixa e pega. O papel vem desdobrado. – Foi o Henrique que te mandou isso, filha? – O tom de voz da mulher parecia mudado.

- ... – Heloísa não disse nada.
- Senhora... – Maru quis fazer a mulher perder a atenção.
- Responda se ele te mandou isso, Heloísa!

Todos na sala começaram a prestar atenção.

- Senhora, não deveria ter lido o bilhete que o Henrique, meu namorado, mandou pra mim. – Disse Maru se fazendo de rogada.

- Ah... É seu? – Perguntou a mãe, meio duvidosa.
- É. – Maru pega o bilhete e lê em voz alta: – “Querida, espere na hora do intervalo que eu preciso falar uma coisa pra você. E te dar um beijo também. Seu apaixonado Henrique.”

Heloísa entendeu o recado. Maru disse:

- E eu daqui a pouco vou lá falar com ele. Não desconfie da sua filha porque ela é uma menina muito boa.

- Eu não estava desconfiando dela. Maru, o seu pai deixa você namorar esse rapaz velho?

- Ele já sabe faz tempo.

- Ah... – A mulher ficou sem graça. – Bom, apareça lá em casa qualquer hora. Tchau.

- Tchau. – Diz Maru.

- Tchau, Maru. – Diz Heloísa.

Chegando lá fora, a mãe de Heloísa a encosta na parede:

- Heloísa, se é pra ter amizade com uma menina saidinha como essa, pode ir parando.

- Mamãe!

- Isso mesmo! Onde já se viu, a menina se fazendo de pura pra cima de todo mundo com aquela cadeira de rodas e já namora aquele cara. Vou ter uma conversa séria com Henrique.

- Mas mamãe! Se a Maru namora ou não namora o Henrique, isso é um problema dela, não temos nada a ver com isso, e eu não deixaria de ser amiga dela por esse motivo sem pé nem cabeça. E o que tem de mais ela ser parálitica? Só porque ela não mexe as pernas não pode namorar como qualquer outra garota? Francamente, mamãe!

- Mas, Heloísa, não foi isso que eu quis dizer!! – A mulher já estava

exaltada.

- Foi sim, foi sim!! Rotulou a minha amiga de “aleijadinha” e isso significa para você que ela não tem vida íntima, né? Você é muito preconceituosa!

- Cale-se, Heloísa!! Você não tem o direito de falar assim comigo para defender aquela sua coleguinha. E ela não é boa companhia para você.

- Por que não? Você acha que só por eu andar com alguém “como a Maru” vou me tornar uma imprestável? Essas coisas estão por todos os lados e não é a influência de uma pessoa que vai modificar o que eu penso da minha vida!!

- Não quero mais discutir esse assunto. Você é muito teimosa!!

- E você não tem argumentos concretos!! Apenas sua opinião cretina e pré-fabricada sobre os outros, se achando melhor que todo mundo!!!

Pronto, essa era a gota d’água para a mulher. Com um desgosto irracional, estalou a mão na face direita da sua filha, e em seguida, recompôs-se, pegando na mão de Heloísa e se dirigindo ao portão do colégio.

- Ah, Heloísa. Seu pai me disse que gostaria de ganhar alguma jóia de ouro branco!

- ...

- Elas são lindas. Eu sei que você nunca as viu, mas que são seu sonho de consumo.

- ...

Ela ainda Não tinha se tocado de que Heloísa não queria papo, pelo menos por enquanto.

Lá dentro, na sala, Maru estava feliz por ter ajudado a amiga. Todas as meninas estavam olhando, porque todas conheciam o médico Henrique das vezes que ele as trazia pra escola.

- Você é muito galinha mesmo, hein, Maru?

- ãh? – Maru levantou suas vistas e olhou para trás. Lá estava Damas com aquele olhar falso.

- Isso mesmo que você ouviu. Primeiro você era minha namorada e agora namora outro. O que ele faria se soubesse?

- Mas eu...

- Você nada! Nós nos beijamos na enfermaria e outras vezes. Agora você diz que tem namorado, e eu fico meio em dúvida da sua reputação.

- Minha reputação! Você quase me estuprou!

- Mas você deixou que eu ficasse sozinho com você em casa. Você

sabia dos meus interesses.

- Mas eu...
- Você realmente não presta, Maru... eu acreditava que você era pura. Já deve ter entregado muito mais que um beijo pra esse cara.
- O quê? Eu não sou o que você está pensando!
- Eu duvido...
- Idiota! Você deve me odiar pra fazer uma coisa dessas comigo!

Todos estão olhando! Desminta!

- Que decepção...
- Desminta!
- Só vou desmentir se me mostrar melhor o que tem debaixo das saias.
- Descarado!
- Conte tudo ao seu segurança. Assim ele aproveita e me dá uma surra.
- É isso! Está com raiva porque apanhou!
- Eu não. Ele vai ter o troco uma hora dessas...
- Desgraçado... – Maru começou a chorar de desespero.
- Chorar é a última coisa que lhe resta, meu bem. Porque não vou conseguir guardar esses segredos só pra mim... – E se foi, saindo da sala.
- Droga... Por que tudo acontece comigo? – E seu pranto não secava.
- Maru! – Maru escutou a voz de Heloísa.
- Heloísa?
- Maru! Eu não vou pro médico. – Ela estava voltando com o rosto meio rosado.

- O que houve com seu rosto?
- Minha mãe me deu um bofetão. Eu não fui e não vou para a porcaria do médico. Você está chorando?
- Não foi nada...
- Por quê?
- O Domas ouviu tudo. Ele disse pra todos e vai começar a espalhar ainda mais que eu não presto. Que beijei ele, que levei ele pra minha casa e já tinha um namorado.
- Me desculpe, Maru, a culpa foi toda minha.
- Fui eu que deixei o papel cair no chão.
- Eu vou dar um jeito nesse Domas. A próxima aula vai começar e ele vai ter que voltar pra sala. Me avise se ele chegar.
- Ali vem ele.

Domas vinha vindo com toda cara de sonso. Ao perceber que Maru estava com Heloísa, já foi logo passando pelo lado.

- Diz pra ela o que você disse pra mim. – disse Maru.
- Eu não disse nada. Uma menina linda e graciosa como a Heloísa não deve se misturar com tipos como você.

- Pode ir parando. – Disse Heloísa. – Você não pode ofender a minha amiga.

- Não tô fazendo isso.

- Tá sim que ela me contou.

- Mas é uma mentirosa!

- Não seja abusado. Você disse barbaridades. Agora peça desculpas. Eu sei muito bem que você dá em cima de todo mundo. Tentou forçar Maru a fazer o que você queria e como o Amaro chegou bem em cima da hora você fica fazendo ela passar essa vergonha!

- Eu não.

- E você não vai contar pra porcaria de colégio inteiro nenhum. Ouvia?

- Não... Não escutei...

- Domas, você é o menino mais idiota que eu já vi. Se você não parar de implicar com ela eu... eu... Eu vou chamar o Henrique!

- ... Por acaso vocês duas dividem o mesmo namorado? Essa foi boa...

- Que comentário horrível! – Maru se joga com tudo em cima de Domas para lhe dar uma surra, e acaba caindo da cadeira de rodas. Os dois caem no chão. Maru começa a puxar os cabelos dele e dar socos, Heloísa não está entendendo nada. Os alunos começam a rir, outros a ficar preocupados.

- Sai de cima de mim, sua garota aleijada! – Domas não podia usar seus poderes na frente de todos.

- Não saio, seu cafajeste! – E começou a bater com mais e mais violência.

- Pára sua garota doida! – Maru havia dado um soco no nariz de Domas, que o fez pensar que havia quebrado.

- Você vai ver só uma coisa!!!

Maru estava tão enfurecida com toda aquela coisa que resolveu fazer um ato inesperado: Não hesitou e mordeu com força o nariz de Domas.

- Ai! Meu nariz!!

- Você vai aprender a não mexer com os outros!! – Maru estava toda descabelada e com a boca suja de sangue quando a diretora foi entrando na sala e gritando:

- O que está acontecendo aqui?!

- Saia de cima de mim! – Disse Domas, e, aproveitando a hora em

que Maru olhou para ver o que estava acontecendo, jogou-a de lado.

- Qual é o problema?

Alguns alunos intrometidos começaram a tentar explicar a baderna para a diretora, mas Helô foi até ela com dificuldade e tomou a frente.

- Sabe o que é? É que esse menino novo, esse Domas aí, fica tentando agarrar a Maru direto e reto. Um verdadeiro tarado! – Disse ela enfatizando a descrição do comportamento de Domas.

- E o que a Maru estava fazendo no chão, agarrada com ele?

- Ele ficou provocando-a e dizendo coisas obscenas, e ela não aceitou: Se jogou da cadeira e começou a bater nele.

- Hmm... Eu vejo que Maru está certa, mas sala de aula não é lugar para brigas. Vou dar três dias de suspensão para Maru e quinze dias para Domas, pra ele aprender que não deve ficar mexendo com mocinhas de família.

- Sim, senhora. – Disse Heloísa para apaziguar os ânimos.

A mulher foi embora e alguns garotos amigos de Maru colocaram-na de volta na cadeira. Ela foi até Heloísa e disse:

- Vamos ao banheiro comigo, eu quero lavar minha boca.

- Tá bem.

As duas saíram como sempre: Heloísa empurrando e Maru guiando. Domas estava no chão terminando de se limpar. Todos estavam comentando da menina que mordeu o nariz do menino e rindo muito.

- Você fez bem em bater nele, Maru.

- Eu não sei... agora é que as pessoas vão falar de mim mesmo.

- Eu vou estar sempre ao seu lado, tá?

- ... Helô... Eu não tô me sentindo muito bem.

- O que é?

- Estou com os olhos ardendo. Estou ficando com muito... muito sono.

- Faça o seguinte: Abra bem eles e não deixe que essa sensação tome conta de você... Escutou? Maru?

Mas Maru já estava em sono profundo.

Wamp acordou assustado. Ele tinha sonhado com tudo que havia acontecido no colégio com Maru. Isso nunca havia acontecido, então era como se realmente ele tivesse que tomar uma providência. Se levantou da cama rápido, vestiu suas roupas e foi procurar Aoi. Caminhou até o aposento dos três e bateu na porta. Quem atendeu foi Cherry:

- Wamp?

- Por acaso você sabe se eu posso voltar na terra?
- Não, por quê?
- Um menino chamado Domas... Onde está o Aoi?
- Então ele ainda não voltou da terra.
- Eu sonhei que esse Domas estava maltratando a Maru no colégio.

Acusou ela de uma porção de barbaridades e ainda teve coragem de rolar no chão com ela.

- Que idiota! Por que ele fez isso?
- Porque o tal Amaro bateu nele anteriormente.
- Ele é um covarde, mas nunca pensei que pudesse chegar a tanto.

Você viu o Send?

- Não. Era pra ter visto?
- Desde aquela conversa eu não o vejo. Ficou com raiva de mim e

de Aoi.

- Naquele dia eu nem te perguntei, ele está querendo matar alguém?
- Matar? Bem...

E então Aoi sai de dentro do espelho. Wamp e Cherry param de conversar e vão depressa encostar Aoi na parede.

- Você é o Domas? – Pergunta Wamp.
- Você bateu na Maru? – Pergunta Cherry.
- Eu...

Send aparece na porta do quarto e diz:

- Agora nós quatro podemos abrir o jogo. Pelo visto meu comando dos sonhos ajudou o Wamp a saber tudo que estava acontecendo.

- Foi você! – Cherry.

- E de agora em diante eu não quero mais saber de brigas. Eu posso até mentir de vez em quando e fazer umas ilusões, mas eu não estou colocando uma pessoa contra a outra.

- O que é isso então? – Cherry diz.

- É só pra mostrar que o Aoi não presta e que está passando o Wamp e você pra trás. Usou a afeição que Cherry tem por Maru pra afastar Wamp também. Mas ele não contou que quase abusou da menina. – Diz Send.

- Aoi! – Cherry fica perplexa.

- ... – Aoi fica calando, olhando para os lados.

- Mas a Cherry precisa do favor que o Aoi vai fazer assim que atingir seus objetivos. Aoi, por que não decide o que quer? – Send.

- Vocês três estão me deixando confuso. – Wamp.

- Eu só queria esclarecer isso. E eu não sou o elo quebrado, nem a maçã podre. Eu só fiz o que me mandaram. – Send.

- E por que você não conta seus segredos? Você fica nos espiando!

- Aoi.

- Porque meus segredos são da Penélope. Não posso traí-la.
- Eu só vim aqui acertar as contas com alguém e eu já encontrei quem é o responsável. Vamos lá pra fora, Aoi. – Diz Wamp.
- Não. – Aoi.
- Se quiser bater nele terá que passar por cima de mim primeiro. – Diz Send.
- Send? – Aoi.
- Apesar de tudo somos irmãos. Podemos ter defeitos mas o que eu fiz é para que sejamos mais unidos, não que nos matemos. Wamp, não faça nada.
- Não pode me dizer o que fazer! -Wamp.
- Wamp, se ele se atrever a fazer mais alguma coisa, nós mesmos o matamos. - Cherry.
- Verdade. – Send.
- ! – Aoi.
- Tudo bem. – Wamp se vai sem mesmo olhar para a cara de Aoi.
- Idiota. – Cherry.
- Tudo bem. – diz Aoi. – Obrigado por me livrarem dessa... puxa, ele acreditou...
- Como assim? – Send.
- Que vocês iam me matar... Que burro!
- Mas nós vamos. – diz Send.
- Quê? Estavam falando sério?
- Sim. – Cherry.
- ... – Aoi.

Maru acorda calmamente na cama de seu quarto. É de noite, a luz do abajur está acesa.

- Ahh... Que horas são?

Ela se vira e vê Amaro dormindo em uma cadeirinha do lado da cama. Ele dormia profundamente.

- Amaro! O que você está fazendo no meu quarto?!
- Ahn... ah... Maru?! O que aconteceu com você? Está bem? Como se sente? – Ele começou a examiná-la rapidamente, abrindo-lhe a boca e puxando a pálpebra inferior.
- O que aconteceu com você pergunto eu!! Está com umas olheiras horríveis!!
- Eu estive dormindo aqui no seu quarto. – Disse ele sem parar o exame.
- Como assim? Sua casa pegou fogo?

- Não, eu estava te vigiando!
- Como assim me vigiando? Eu não vou fugir de casa!
- Maru, entenda... Você dormiu durante TRÊS DIAS!!
- O que, mas como... Mas como assim três dias??
- A Heloísa ligou do colégio lá pra minha casa porque você tinha desmaiado repentinamente, e ela e todos da sala de aula estavam desesperados. Eu fui buscá-la, mesmo porque seu pai não estava em casa.

- Mas três dias... Eu pensei que ia tirar uma soneca rápida, não ia nem dar tempo de chegar o recreio... Pelo menos não vou precisar falar com papai sobre a suspensão... Aliás, que sorte, já passou o prazo!

- É, né...

Ela olhou bem para Amaro e disse:

- Ah, não Amaro! Você deve estar me gozando! Pode parar a palhaçada, viu?! Três meses? Você está brincando, com certeza!

- Mas eu estou falando sério!
- Essa sua cara de sonso não me engana!! Deve estar se segurando todo pra não soltar uma gargalhada da palhaça aqui!

- Mas você deu um susto no seu pai.

- Só no meu pai? E em você também!

- Claro que não.

- Claro que sim!

- Tudo bem. Eu não vou discutir com você. Melhor que não se aborreça. Vai que você começa a dormir de novo.

- Por que você acha que eu dormi tanto?

- Deve ser por causa dos nervos.

- Ah... Boa explicação.

- Eu acho que é.

Ambos são interrompidos por passos no corredor. Sônia olha pelo canto da porta e percebe que Maru está acordada:

- Maru!

- Oi, Sônia...

- Querida, fiquei muito preocupada...

- Legal... – Maru ainda está um pouco impressionada com a notícia do jornal.

- Eu trouxe uma visita pra você, pra falar a verdade duas: Pode entrar, Domas.

Domas entra com o nariz enfaixado. Ele está com algumas marcas roxas.

- Oi, Maru.

- Domas? O que está fazendo aqui?
- Ah? – Amaro toma um susto.
- Eu vim aqui pra te pedir desculpas. A Sônia me disse que você ficou sofrendo muito depois daquele dia no colégio.
- É.
- Olha, desculpa Maru. Eu fui muito idiota. Mas é porque eu tenho alguns problemas... esqueça... Não tem nada ver, eu fui um grosso mesmo.
- Tá. – Maru não conseguia acreditar naquilo.
- Maru, não pense que eu sou cúmplice dele, mas é que o meu irmão não me contava nada do que acontecia. – Sônia diz, de maneira calma.
- O Domas é seu irmão?!
- É. Esse aqui também. – Sônia puxa de trás da porta ninguém menos que Magno.
- Oi, Maru, como vai? – Diz o rapaz.
- Mais ou menos.
- Quando eu e a Sônia ficamos sabendo do acontecido, viemos correndo e demos uma boa bronca no Domas, ele merecia sua surra.
- ... – Domas fica quieto.
- E gostaríamos muito que vocês dois fizessem as pazes. – Diz Magno.
- Tá. Você está perdoado, Domas.
- Obrigado, Maru.

Embora Maru não tenha percebido nada, a não ser a estranheza da família, Amaro percebeu muito. Não só pela ligação repentina dos três mas pelo fato de terem aparecido ali na exata hora em que Maru acordou e pelo fato de Magno e Domas estarem ali com ela.

- Vocês parecem uma família tão linda, de onde vieram? – Amaro perguntou.
 - ... – Sônia.
 - De vários lugares, somos quase ciganos! – Domas.
 - Nós sempre viajamos muito, como nossos pais. – Magno.
 - Ah, seus pais... Como se chamavam?
 - Nossa mãe se chama Penélope. – Disse Domas com convicção.
 - Penélope? – Amaro se assustou.
- Sônia e Magno também ficaram assustados com aquela resposta.
- Engraçado, esse nome não me é estranho... – Amaro disse.
 - É o nome da princesa de Maruland! – Maru disse.
 - Princesa? Que princesa? – Disse Magno.

- Esqueça... – Amaro olhou pra cara de Maru.
- Maru, nós três gostaríamos de que você tenha muita saúde daqui em diante, e que não ocorra mais nada do que houve. – Sônia.
- Obrigada, Sônia. – Maru.
- Eu e o Magno já vamos indo, temos que passar no hospital. Domas você quer ficar? – Sônia perguntou ao irmão.
- Quero. É sempre bom dar mais uns esclarecimentos. – Domas.
- Amaro, você nos acompanha até a porta? – Magno.
- O pai da Maru deve estar lá embaixo.
- E se ele não estiver? – Magno.
- Garanto.
- Então adeus. – Magno sai com Sônia. Domas se senta ao lado da cama de Maru, onde tem uma cadeira, do outro lado.
- Maru, eu queria te dizer que... Você vai entender algum dia o porquê de eu fazer umas coisas estranhas, tipo aquelas.
- Algum dia?
- É. Não agora.
- Mas por que você não explica logo?
- Porque você ainda não deve saber.
- Então tudo bem, não sou uma rancorosa, você já está perdoado.
- Que bom. – Então Domas vê o livro em cima da escrivaninha, perto de Amaro.
- ... – Amaro observa tudo quieto.
- Se lembra de eu estar olhando aquele livro ali?
- Lembro...
- Eu posso dar uma olhada? Achei as poesias lindas. Sua letra também é maravilhosa.
- Tudo bem. – Maru pega o livro, deixando Amaro irrequieto.
- Nossa... – Domas olha o livro maravilhado. Toda a sua vida estava ali. Passando as páginas rapidamente, ele nem percebeu o que o Wamp havia lido, das pessoas e suas conversões. Apenas chegou a última anotação. Depois do
- “Como assim? – Send.
- Que vocês iam me matar... Que burro!
- Mas nós vamos. – diz Send.
- Quê? Estavam falando sério?
- Sim. – Cherry.
- ... – Aoi”.

Ele ficou encantado. A página seguinte estava totalmente em branco. Uma caneta estava dentro do bolso da sua camisa.

- O que é esse livro? É uma agenda?
- Não, é um caderno de notas. Eu escrevo umas poesias.
- Será que eu podia deixar um negócio escrito pra você?
- ... Eu não sei... Geralmente só eu que escrevo nele.
- Por favor! Eu achei uma ideia tão original... olha, eu vou escrever uma linda poesia dedicada.
- ... Ah, tudo bem.
- ... - Amaro ficou de olho.
- Obrigado. - Domas estava quase pulando de felicidade dentro de si. Era como ter o poder de Deus! Sem hesitar, pegou a caneta do bolso e destampou com a boca. Colocou a tampa na outra extremidade e pôs-a sobre o papel macio. Começou a escrever.

“Maruland agora estava em paz. As aves passavam pelos campos trazendo flores. Foi como num segundo, várias nuvens pesadas de chuva se reuniram e de um raio que caiu nasceu uma mulher. Seus cabelos pretos meio violetas amarrados como na China. Ela parecia chinesa. Era esbelta e de pele muito alva. Estava nua pela sua formação, e seu nome era Koba.”

Após escrever isso tudo, Domas passou a mão sobre a página e as letras se transformaram em penas de pombos bem pequenas. Depois, ele fez um punhado com elas e esfregou na página, as letras desapareceram. Amaro e Maru, embora tivessem prestando atenção, não perceberam por que ele estava com o livro erguido. Depois, Domas escreveu.

“Maru, obrigado por me perdoar. Eu não mereço tanto carinho. Seu amigo, Domas.”

Depois, fechou o livro. Maru disse:

- Me dá aqui pra eu ler!
- Tá. - Domas entregou e ela leu exatamente o segunda coisa que ele havia escrito.
- Domas, muito obrigada! Foi muito legal da sua parte.
- Não há de quê.
- E agora eu queria dizer que, mesmo com todos os problemas, eu estou muito feliz de estar cercada de amigos, a Helô, o Henrique, você, Domas, a Sônia, o Magno, e você também, Amaro.
- Pensei que não fosse lembrar de mim.

- Eu te acho muito legal. Um pouco cabeça dura, ignorante, grosso, metido a saber de tudo e ...
- Tudo bem, eu já entendi...

Penélope acordou feliz e animada como nunca, parecia que alguma coisa muito especial havia acontecido com ela, a primeira coisa que fez ao colocar os pés no chão foi caminhar até a sacada e chamar todas as pessoas de Maruland:

- Bom dia, estudantes... Eu tenho uma coisa pra comunicar pra vocês. Estão atentos?

Todos pararam seus afazeres pra prestar atenção nela, então, finalmente ela disse:

- Tenho uma coisa pra anunciar. Vocês devem ter reparado que eu fiquei um bom tempo adormecida, e que deixei tudo nas mãos dos meus novos e excelentes assistentes Cherry, Aoi e Send. Então... onde eles estão?

As pessoas começam a cochichar no pátio. Em fração de tempo aparecem Send, Cherry e Aoi correndo.

- Onde vocês estavam? – Penélope pergunta.
- Estávamos conversando no nosso quarto, mil perdões. – Cherry.
- Tudo bem, não importa, o que eu tenho pra falar é muito mais divertido do que reclamar com vocês: Eu criei um jogo.

Mais cochichos percorrem os estudantes.

- É, um jogo. Eu criei esse bastão, estão vendo? – Ela mostra um bastão enfeitado.

Cherry, Aoi e Send ficam surpresos por ela não ter contado nada a nenhum dos três.

- Então, ele serve para gravar os rostos das pessoas. Capta a imagem e prende numa carta de baralho.

- Por que carta de baralho? – Pergunta Cherry.
- Porque eu adoro as cartas de baralhos e os símbolos que elas tem.
- ...
- E, como eu estava dizendo, as cartas vão ficar personalizadas. Então, vamos fazer a caça às cartas, quem tiver a carta de todos os seus amigos, que vão ser separados no jogo, ganha. O objetivo é tirar uma cópia de qualquer jeito, vale se esconder, lutar, fazer qualquer coisa.

As pessoas vibram com a novidade que parece animadora.

- E é claro que cada um vai ter um bastão. Então... Eu vou fazer o sorteio.

Todos comemoram a iniciativa tão legal e fantástica. Um jogo movimentaria muito a rotina e traria bastante felicidade, o que faz Maruland

ficar cada vez mais próspera e bonita.

De acordo com o sorteio realizado pela própria Penélope, os grupos ficaram divididos em oito pessoas. E os sorteados para um dos grupos foram:

- 1 Wamp
- 2 Nori
- 3 Wan
- 4 Lan
- 5 Aoi
- 6 Send
- 7 Cherry
- 8 Penélope.



CAPÍTULO IV

ABERTA A TEMPORADA DE CAÇA ÀS CARTAS!

Algumas pessoas questionaram a formação do grupo pelas pessoas que havia nele, mas afinal os interesses de quem estava sorteando não poderiam ser questionados. Se ela queria um grupo daquele pra ela, então...

- Mas Penélope... - Ia dizer Send.

- Eu sei o que você vai dizer, Send, portanto, vem aqui comigo que eu vou lhe esclarecer.

Penélope foi andando e Send foi atrás sem saber o que ela iria dizer. Cherry e Aoi ficaram um pouco enciumados por Send sempre saber de todas as coisas e eles não. Ficaram se entreolhando. De repente, pra quebrar o clima de expectativa, Cherry disse:

- E como ficou você com a Maru? Ela não desconfiou de nada?

- Não... quer dizer...

- Quer dizer o quê?

- Sobre aquele detetive impertinente, o Amaro. Ele já me bateu e sempre parece estar me vigiando. Sabe o que eu acho?

- O quê?

- Que ele é o Wamp.

- Como assim? Ele me conhece desde que eu encontrei o Felipe pela primeira vez, e só aquela vez foi tirar satisfação.

- Acho que é um fingido. Não importa, acho que é ele e pronto.

O fato é que se não for o Wamp deve ser outra pessoa. Eu sei que ele está investigando tudo sobre Maru.

- Como foi que você pensou tudo isso?

- Apesar de você achar que não, eu tenho tantos miolos quanto o rei de Maruland, Send. Eu ouvi falar na escola que eu estudo que a Maru tinha alguns problemas em casa por causa de muito tempo dormindo, coisa do tipo, aí eu pensei no livro e fui perguntar pra Heloísa, se ela sabia se a Maru estava com o livro pra eu ler as poesias. Inocentemente, ela me contou que, na época, Amaro tinha pegado o tal do livro pra examinar. Não é possível que com isso ele não tenha tido contato com Maruland e sonhado. Então, pela minha conclusão brilhante, ele deve estar por aí vagando desconfiado sem a gente saber.

- Eu acho que não podemos ficar desconfiando tanto do pobre coitado do Wamp. Afinal, ele não tem mesmo motivos pra ficar maquinando tanto contra nós três. Ele nem nos conhece. – Disse Cherry, tranquilizando o rapaz.

- Por esse motivo mesmo.

- Olha... eu sou sua irmã... mas eu não me atreveria a bater no Wamp. Apesar daquele dia eu ter me dado bem, eu não garanto que isso possa acontecer novamente.

- Mas você não disse que deu uma surra nele?

- ... Mas eu não... bem... Agora eu quero te perguntar uma coisa. Que história é aquela da nossa mãe se chamar Penélope? Por favor!

- Eu não pensei em outra coisa...

- Deixasse que o Send pensasse. Ele sim é o inteligente do trio.

- Tudo ele. Por que não me mata logo pra não te dar trabalho? Claro que não, não é? Afinal, vai precisar de mim mais tarde. Todos me usam, que porcaria! – E Aoi sai como uma locomotiva, pisando fundo.

- Ora. O que foi que eu disse? – Cherry fica confusa.

Lá dentro, Penélope pede que Send se sente e ele faz isso, depois ela se senta bem em frente:

- Send, eu sabia que você iria me perguntar umas coisas, mas eu já pensei na resposta para todas elas.

- Sim.

- Então deixe que eu diga. Bem, você ia perguntar como é que as pessoas vão ficar tanto tempo acordadas em Maruland para que a brincadeira se realize. É verdade, elas não dormirão por dias em Maruland. Mas tem coisas que você ainda não sabe sobre essa terra maravilhosa criada por mim. Uma delas é sobre o lugar. Você sabe onde estamos? Onde Maruland se encontra?

- Não.
- Pois é. Maruland existe porque eu sonho com ela. Eu e a Maru. Ela está em algum lugar entre o céu e o inferno, um Eliseus criado pela minha vontade. Bom... você sabe que eu praticava a viagem astral, mas que eu não estava feliz...

- Sim, eu lembro de você ter comentado.
- É. Eu não estava feliz porque mesmo indo a qualquer lugar não existia mesmo um lugar especial onde eu quisesse estar. Assim, durante anos, eu pensava muito num lugar como este. É perfeito. Um lugar em que meu espírito pudesse descansar em paz. Mas descansar do que, não é mesmo? Afinal, eu vivo minha vida confinada numa cama. Eu resolvi criar este lugar, ele era movido pela minha força de vontade e ... Deixa pra lá, melhor você não saber disso tudo. O importante é que... bom... as pessoas ficarão presas aqui.

- Como?
- Não é bem assim. Falei muito drasticamente, não é mesmo?
- Melhor explicar.
- Você sabe que eu não quero o mal de ninguém, longe de mim. A verdade é que quando os espíritos das pessoas estiverem aqui, ficarão entretidos. As pessoas que de verdade não querem voltar tão cedo para a Terra ficarão aqui até que a brincadeira se acabe. Essas pessoas não têm motivos pra acordar e nem pra viver, são muito infelizes, assim como eu.

- Mas...
- São essas pessoas que mais tarde me farão companhia. Eu sei que muitas pessoas que estão aqui estão numa crise temporária, mas pelo menos aqueles que eu sorteei para ficar no meu grupo vão ficar aqui pra sempre, brincando e sendo felizes. Nunca mais vão voltar para uma vida miserável e que só nos faz chorar.

- E...
- E é isso. Enquanto estivermos jogando essas pessoas não abandonarão por nenhum motivo. Elas não têm por que abandonar esse sonho lindo pra viver numa realidade imunda e amarga. É fazer de Maruland sua realidade.

- Você quer fazer de Maruland sua realidade, não é, minha doce menina? Por que não me deixa... deixa pra lá. – Send sai da sala às pressas.

- Send? – Penélope ficou confusa com o que Send ia dizer.
Mas ele já tinha saído. Penélope tinha de ser rápida e aprontar tudo porque agora era uma hora exata para prender todos lá, eles estariam acordando agora para seus afazeres diários e ela aproveitaria para iniciar hoje mesmo a captura de caça às cartas.

Foi até o toailete e trocou de roupa: pôs um vestido bem fofo e alegre

de renda e seda azul e fez um penteado cheio de tranças com presilhas também azuis, calçou sapatilhas pretas e saiu, descendo as escadas. Estava tão empolgada!! Esse acontecimento daria um novo rumo a Maruland, que atualmente estava muito desanimada.

Enquanto isso, no hospital, uma enfermeira dava a notícia pelo telefone:

- Sim, isso mesmo, senhor. Ela entrou em coma de novo.

A princesa Penélope ia andando afobada pelo corredor quando avistou Aoi, que distraidamente afagava alguns pombos.

- Aoi! Venha até aqui!

- O que você deseja, Penélope?

- Chame Cherry e Send agora mesmo, quero que vocês três reúnam todos os alunos e coordenadores no auditório. Vamos começar a captura agora mesmo! – Disse ela com um sorriso no rosto .

- Sim, senhorita.

Ele saiu rápido para seus aposentos e comunicou os outros dois ajudantes. Eles se separaram e velozmente foram percorrendo os corredores, escadas e patamares chamando todos os alunos e dizendo que era para irem todos para o auditório pois cada um receberia um presente.

A princesa já aguardava em cima do palanque. Rapidamente os alunos e residentes foram chegando.

- Meus queridos alunos! Eu quero presentear todos vocês com kits de captura de cartas, podem começar a pegar os seus.

Send e Aoi estavam distribuindo mini bastões mágicos e uma caixa para armazenar as cartas capturadas e passando todas as instruções de como “cardinizar” os outros competidores.

- Muito bem. Agora todos vocês já em grupos organizados e sorteados deverão se dispersar e se esconder. Ao soar o sinal, vocês poderão começar a caça! Mais uma coisa, não serão válidas cartas de integrantes de outros grupos.

Os alunos foram saindo pouco a pouco, Wamp foi um dos últimos a pegar seu bastão junto com Wan e Lan.

- Prepare-se para perder! – Disse Nori se aproximando de Wamp.

- Veremos! – Retrucou Wamp.

A princesa Penélope pegou seu bastão e saiu da sala. Então foi a vez de Cherry e Aoi, pois Send também já tinha pegado uma.

- O que você acha disso, Aoi?

- Eu tenho certeza de que ela está fazendo isso para prender to-

dos aqui.

- É, ... Tenho de admitir que é muito inteligente. - Ela deu um sorriso e continuou. - Vamos à caça às cartas!!

E saiu correndo da sala. Parecia uma criancinha, o próprio Aoi ficou surpreso ao ver a pérfida Cherry falar uma coisa daquelas e ainda sair em disparada. Aderindo à brincadeira, pegou um bastão e saiu por último, trancando a sala vazia.

O colégio estava em polvorosa. Todos estavam animados e ansiosos pelo sinal de início. Corriam, procurando lugares de se esconder e esconderijos para conseguir as melhores cartas. Até o próprio Wamp estava procurando um canto bem escondido para ficar de tocaia, enquanto a geniosa Nori ainda caminhava para pegar o melhor lugar.

Wan e Lan já tinham desaparecido e a princesa estava tentando achar um bom esconderijo no jardim. Send e Aoi estavam juntos e estavam desesperados, pois não sabiam aonde se esconder. Cherry era outra que não se via mais, provavelmente já estaria bem escondida em algum canto do colégio.

Todos os outros grupos se dispersavam lentamente, até que, de repente, todos ouviram um som estridente: Era o sinal!

Começou um grande corre-corre, seguido de gritinhos de felicidade. Nori corria tentando se ocultar, porque ela não tinha achado nenhum esconderijo bom, sorte que nenhum dos integrantes de seu grupo estava por perto.

Ela foi caminhando cautelosamente pelo jardim, quando ela vê Send um pouco adiante, olhando para outro lado.

- Essa não!

Ela se abaixou rapidamente se ocultando atrás de um arbusto e ficou lá escondida esperando ele passar. Ela levantou um pouco a cabeça e o viu indo por um caminho contrário, deixando-a aliviada. Rapidamente se levantou e saiu. A primeira carta que pretendia pegar era a de Wamp!

Um que não estava em boas condições era Aoi. Ele não conseguia encontrar um bom esconderijo, pois todos os que ele achava já estavam ocupados. Pensou até em desistir, esse definitivamente não era o seu tipo de brincadeira favorita. Nesse momento, ele viu Penélope andando de costas em sua direção. Era o momento de pegar a primeira carta, se não ganhasse o jogo pelo menos teria tido algum divertimento. Mirou o bastão e o rodou com um movimento sutil. Um fecho de luz cheio de brilho tomou conta do corpo de Penélope e um dos papéis que estava com Aoi ficou preto. Depois, como uma revelação, apareceu o rosto de Penélope formando uma carta de baralho, com o naipe de ouros. Percebendo as luzes, ela se virou rápido para flagrar o seu adversário, mas já era tarde demais: Aoi havia pulado para cima de uma árvore que havia atrás dele.

- Que coisa! - Disse ela, num misto de raiva e felicidade por esta-

rem brincando.

Longe dali, no outro canto do campo, Wamp estava escondido vendo Nori passar desesperada. Levantou-se, mas quando ia lançar a luz em Nori, escutou atrás de si:

- Não vai conseguir escapar de mim, Wamp...

- Quem... Cherry?!

- Está preso pra sempre na carta! – Ela rodou o bastão e o feche foi executado. Wamp foi tomado por vários pontos brilhantes. A carta de Wamp apareceu com o naipe de espadas. Wamp se virou pra trás para pegar Cherry mas ela não estava mais lá. O pior é que ele escutou:

- Te peguei, Wamp! – Era Nori. Wamp ainda tentou ser rápido mas a garota o pegou em cheio. Wamp se virou para fazer também a carta de Nori mas ela saiu correndo. Wamp se levantou de onde estava mas mais uma vez foi surpreendido por uma voz que vinha de trás:

- Agora sou eu, Wamp.

- Aoi?!

- É... Mas eu não vou só te transformar em carta... Vou bater muito em você por estar me atrapalhando com a Maru!

- Do que você está fal... – Mas Aoi não deu tempo para Wamp terminar. Fez um movimento brusco com as mãos e Wamp foi jogado no chão por uma revoada de pombos vindos do nada. Ao olhar pra cima, viu atrás de Aoi uma figura de um relógio com os números antiquados. Os segundos batiam mas ele não podia se mexer.

- Agora você está perdido... – Disse Aoi, quando várias penas de pombos brancos começaram a cair sobre o corpo de Wamp. – Agora que estou em Maruland, você não tem ideia sobre os meus poderes sobre o tempo... – E então penas negras recaem sobre as brancas.

Ao longe, Nori corre para fugir de Wamp mas percebe que não há nenhum movimento. Ao olhar pra trás, vê Wamp coberto de plumas e Aoi bem à sua frente.

- Wamp! – Nori grita.

Mas Wamp não pode falar. Então Nori percebe que há perigo, correndo na direção dos dois, Nori voando como se estivesse levitando.

- Saia de perto dele!

- Ah?

Aoi só percebe que Nori está vindo quando ela lhe desfere um grande chute no rosto. Aoi cai no chão e o feitiço se desfaz como água.

- Wamp! – Ela se abaixa para ajudá-lo, porque mesmo brigados ela o amava e tinha que zelar por ele.

- Você não está mais com raiva de mim...

- Claro que estou, seu bobo, mas não era por isso que eu ia te deixar

aqui. Aoi é muito perigoso.

- Você voa!

- É. É bem bobo comparado com o que você pode fazer, mas... eu sei dar meus golpes... chá, ruá, pá! – Nori dava suas demonstrações.

- Nori...

- Rá! – Sem querer Nori acerta o estômago de Wamp com o cotovelo.

- Ai! – Wamp não consegue evitar a forte dor.

- Ai, desculpa! – E então os dois sentem uma luz os envolver. Ambos olham mas ninguém sabe de onde veio.

Aoi está andando de volta para o castelo. No percurso encontra por acidente Cherry e esta lhe tira um “retrato”.

- Que cara é essa? – Ela pergunta, percebendo que ele nem esboçou uma reação.

- Tudo dá errado pra mim.

- O que foi dessa vez?

- Dessa vez eu já estava quase banindo o Wamp daqui quando a Nori apareceu e me deu um chute na cara.

- Só você pra perder para aquela pirralha.

- ...

- Onde você está indo?

- Continue seu joguinho que você ganha mais. Eu já perdi.

Aoi foi caminhando meio desiludido da vida. Cherry ficou um pouco tocada mas logo voltou ao espírito e continuou a jogar.

Longe dali, Send encontrou Penélope um pouco atrapalhada. Sem pestanejar, pegou as cartas de Aoi, Cherry, Wan e entregou pra ela:

- Agora é só tirar uma foto minha e daqui a pouco você ganha...

- Mas eu não posso fazer isso... vai estragar o jogo.

- Por favor... Na verdade eu estou jogando por sua causa.

- ...

- O que foi? – Send se aproxima de Penélope.

- ... – Penélope olha em seus olhos. Send hesita por um instante, mas logo depois afaga seu rosto.

- Por favor, não me negue esse beijo.

- Não...

Send se inclinou e olhou nos olhos dela novamente. Penélope fechou suas pálpebras e pousou suas mãos nos ombros dele. Send a beijou docemente. Lágrimas foram derramadas pelos dois, ao sentir que sempre estariam separados. As folhas pequenas da grama levantaram quando um vento passou. Ambos se abraçaram com a música da brisa tocando seus ouvidos. As lágrimas foram tiradas de suas faces pelo imperdoável tempo.

- Send, me desculpe por tê-lo fadado a uma vida escrava... – Disse

Penélope.

- Eu não me importo. Eu tenho o seu o seu amor.
- E eu não posso... Você sabe...
- Olhe pra mim.
- Send... – Penélope ergue seus olhos.
- Jura que vai ficar aqui comigo pra sempre...
- Não é permitido!
- Jura!
- ... – Penélope simplesmente o abraça. Send fica confuso sem saber se Penélope havia ou não concordado com ele. Afinal, seus planos já estavam sendo adiados há muito tempo.

Maru acordou em seu quarto. As luzes do abajur estavam acesas e era noite. Sem saber que horas eram, simplesmente colocou um xale sobre a camisola e sentou-se na cadeira de rodas. Ao passar pelo quarto do pai, reparou que ele dormia tranqüilo abraçado com Sônia. Depois foi até a cozinha para tomar um copo com água. O relógio acusava três horas da madrugada.

- Puxa... que dia será amanhã? – Maru havia perdido um pouco o sentidos das coisas, se lembrava quase que perfeitamente dos maravilhosos sonhos que havia tido em Maruland. Se bem que ela não conseguiu ver o jogo até o final, porque acordou de repente. Ao passar pela porta do armário, viu o calendário. Começou a analisar a data e tomou um susto. Seu copo caiu no chão. Partiu-se em uma porção de pedacinhos. Fazia exatamente um mês que ela não ia à aula, que não via seu pai, que não conversava com Heloísa ou que não via o chato do Amaro. UM MÊS DORMINDO!

- Um mês dormindo!!!!

Saiu empurrando a cadeira às pressas para falar com seu pai. Foi até o quarto. Empurrou a porta barulhentemente mas parece que ninguém havia acordado. As rodas foram deslizando pelo piso e Maru se aproximou de seu pai. Ele dormia profundamente.

- Pai... – Ela o sacudia.

Ele continuava dormindo.

- Pai! – Ela balançou o braço dele muito forte. Num susto, Felipe acordou.

- Maru! Maru! Sônia, Maru acordou... – Mas Sônia continuou dormindo.

- Pai! – Maru abraçou seu pai muito forte.

- Minha filha!

Pela manhã, a situação voltou à uma quase normalidade.

- Maru, eu e Sônia quase ficamos loucos!

Sônia demonstrava um sorriso de alívio.

- Você dormiu um dia e nunca mais acordou. De vez em quando vinha, se levantava e voltava a dormir. Nós fomos instruídos pelo Amaro para que não a acordássemos, mas mesmo se quiséssemos você não acordaria. Ele veio aqui no comecinho e disse pra colocarmos um soro em você, mas depois desapareceu. O telefone não atende há mais ou menos umas três semanas. Eu só não enlouqueci por causa da Sônia. O tempo todo, quer dizer, quase, ela ficou comigo me dando apoio.

- Puxa... eu nem consigo acreditar que dormi tanto.

- Se não tivéssemos cuidado do seu soro você podia ter morrido dormindo. Você não acordou nem mesmo quando estava com fome. Perdeu as provas do bimestre e vai ter que fazer recuperação.

- E a Heloísa?

- Eu não sei.

- ... Eu estou com saudade dela.

- E falar em vida, agora que a situação já voltou ao normal, eu vou dar um telefonema pro Amaro e falar que eu não quero mais os serviços dele. Eu o contratei por sua causa e ele nem está aí se você dormir durante um ano.

- Não diga isso pai.

- Maru?

- Talvez ele também esteja dormindo.

- Não seja ridícula, só você que é doente...

- ... - Maru ficou ofendida.

- O que então você acha que eu devo fazer? Simplesmente nada?

Ora! Eu não o estou pagando para simplesmente ficar “dormindo” numa de suas crises.

- Crises?

- É. Crises.

- Olha aqui...

- Gente... - Sônia interviu. - Amanhã a Maru tem aula e nós não podemos ficar estressando ela. Maru, por favor, entenda eu e o seu pai. Nós dois ficamos muito preocupados com você. Mas, Felipe, você não pode descontar sua preocupação no Amaro. Afinal, ele disse que estava fazendo alguns estu-

dos. Não pode simplesmente julgá-lo incompetente sem antes verificar.

- ... – O pai de Maru fez uma pausa e concluiu: – Está bem... vamos deixar tudo como está... eu... eu estou ficando muito cansado... – E ele saiu como um velho aposentado. Parecia infeliz e insatisfeito com a vida.

- ... – Maru ficou pensativa sobre aquela reação de seu pai. Ele nunca tinha ficado tão desanimado.

- Maru, agora eu acho melhor você se preparar para a aula de amanhã. Você deverá concluir este semestre. Apesar dos esforços meu e do seu pai, você provavelmente será prejudicada por faltar tanto.

- Puxa.

- É uma pena... Eu sei que você não queria isso. – E Sônia colocou a mão sobre o ombro da menina.

- Sônia... Estou sentindo um cheiro bom... Você por acaso está usando algum perfume?

- Perfume? Eu não sei... - Sônia não sabia do que estava falando.

- Um cheiro gostoso de cereja!

- ... Cereja! – Sônia foi pega por uma rajada de pânico. Saiu correndo na direção do banheiro.

- Sônia... – Maru achou estranhíssimo. Ao mesmo tempo lembrou-se da notícia de jornal. Era terrível viver naquela desconfiança...

Amaro saiu de seu carro e bateu a porta com força. Sem querer. Estava irritado com a vida, tinha acordado de mau humor, e o pior, tinha dormido tanto tempo quanto Maru. Embora não quisesse admitir, ele sentia que precisava de Maruland assim como todas aquelas pessoas miseráveis sem razão de viver... Ele não sabia o quão frustrado era. Ele novamente estava em frente daquela pacata construção da rua Mayer, da menina chamada Penélope. Caminhou em passos severos e logo estava em frente à porta: tocou a campainha e esperou durante um tempo.

Nada. Absolutamente. A casa estava num silêncio mortal. Amaro respirou fundo e tocou de novo o botão, pressionando por mais tempo.

- Mas que azar... – Disse ele se virando para tomar seu caminho quando escutou um gemido.

O gemido era fino e inexpressivo. Ele vinha da casa. A espinha dorsal de Amaro gelou e ele foi tomado por um arrepio repentino. Observou novamente toda a casa e percebeu, finalmente, que a janela do segundo andar estava aberta: as cortinas moviam-se como fantasmas. Silenciosamente, ele se esgueirou até a porta dos fundos, que por azar também estava tran-

cada. Era uma porta simples de madeira com tela, mas segura. Ele estava num jardim de rosas amarelas murchas, o outono estava por começar. Tirou a arma do suporte do braço e deu um leve e seguro golpe com a coroinha. A tranca cedeu. Amaro guardou a arma e se dirigiu pela cozinha. Seu coração batia depressa, ele estava trêmulo e atento, quando novamente um gemido surgiu. Era um silvo que fez com que arrepiasse novamente seu corpo. Era como o som que vinha da boca machucada de sua mãe, quando ela apanhava. Pisou sobre as tábuas velhas o mais macio possível, alcançou a sala e subiu as escadas, pé ante pé.

Haviam três quartos no segundo piso. Um pequeno hall dividia o cômodo principal, e havia uma escada presa ao teto, para ir ao sótão.

- Hau... - O gemido fino parecia vir de dentro do quarto com a porta aberta.

Amaro abriu bem seus olhos e caminhou até a porta. Tentava, apesar da forte tensão, medir a respiração, pra que não fizesse qualquer ruído, mas era impossível, além do que seus sapatos faziam muito barulho. Ele teve um esforço pra andar pausado. Chegou então ao quarto. Estava ali, seja o que estivesse que estava gemendo... Amaro observou com seus olhos verdes sobre a madeira da porta entre aberta dois vultos sobre a cama. Mas eles não estavam fazendo amor... era ... o que era?

Amaro entrou devagar e ficou revoltado ao ver um rapaz de cabelos loiros sobre uma forma frágil. Essa forma frágil gemia e estava sobre cobertas grossas, ela não se debatia, parecia não ter forças.

- Saia de cima dela!!! - Amaro gritou.

- Ah? - O rapaz loiro se virou. Era Magno. Amaro lembrou ter visto seu rosto anteriormente na casa de Maru, no dia em que ele foi visitá-la.

- Saia!

O rapaz voou para o lado, prendendo a visão estarecida de Amaro. A jovem na cama era a princesa Penélope! Amaro ficou meio sem ação ao ver aquela cena. A princesa ali e ao seu lado Magno, fazendo não se sabe o que naquela casa... Ele parou um instante e tentou raciocinar em cima da situação que havia presenciado, enquanto o rapaz loiro estava deitado no chão como que desmaiado e a garota na cama se recuperando. Mas se recuperando de quê? Amaro pensou bem e se deu conta de que ele estava nada mais nada menos que tentando sufocá-la.

- Meu Deus... - Disse Amaro atônito. - Se eu não estivesse chegando aqui na hora, poderia ter acontecido uma desgraça...

- Hef...Cof... - A garota tentava se recuperar aos poucos.

- Calma levante os braços. – Disse ele se recuperando do transe.
- Você vai ficar boa... Espere, eu vou chamar uma ambulância e pegar esse safado e...

Quando ele olhou para o lado, Magno não estava mais lá.

- Mas o quê...?

Ele correu rápido até a janela e avistou. Não viu o rapaz na rua. Aguardou mais uns instantes, mas nada aconteceu.

- Droga, ele escapou...

Se aproximando de Penélope, ele disse, solidário:

- Ele te violentou, minha filha?

- ... – Simplesmente balançou a cabeça negativamente.

- Olha, pode falar, ele não vai saber que foi você e...

- ... – A garota permaneceu calada. Mas uma coisa estranha aconteceu: Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto pálido, mas ela não expressava nenhum sentimento. Como se o corpo não sentisse, e apenas o espírito estivesse chorando.

- Ele deve ter algum problema mental... – Disse Amaro preocupado. – Não deve ter comando sobre o corpo...

- ... – E continuava chorando.

- ... Droga!

Sem dizer mais nada, Amaro pegou Penélope nos braços e desceu as escadas correndo, abriu a porta do carro com dificuldade e colocou-a no banco de trás deitada. Ela permanecia inerte como se estivesse morta. Amaro entrou rápido no veículo e girou a chave com afobação. Saiu cantando pneus, estava louco para chegar em casa. De um jeito ou de outro, ele sabia que aquela menina tinha alguma ligação com Maruland. Por que era tão parecida com a princesa da terra encantada? Por que ela não fez nada enquanto Magno tentava sufocá-la? E por que o rapaz sumiu do quarto num piscar de olhos, se ele nem havia escutado os passos? Por que, por que, por quê? Mil perguntas martelavam em sua cabeça e ele estava ansioso para saber a resposta de todas elas. Mas de uma coisa ele não tinha dúvida: Penélope teria a chave do fim de toda a sua curiosidade.

Maru sentou-se na cadeira com a dificuldade habitual e foi rodando até a cozinha. Sentia fome. Estava curiosa sobre por que Sônia tinha saído correndo daquela forma. Talvez seu perfume floral estivesse vencido, pensou ela, divertida. Mas não havia de ser nada. Talvez fosse seu xampu que

cheirava a cerejas... Ela própria tinha um que tinha cheirinho de chiclete! Posicionando-se na mesa de jantar, ela pegou uma torrada e passou calmamente uma grossa camada de geléia de ameixa, colocou um pouco de manteiga de amendoim em outra torrada e uniu as duas com uma fatia de queijo. Pegou um pouco de suco de laranja em um copo e numa xícara misturou café com leite. Pôs tudo em cima da bandeja e foi para a sala assistir televisão, quando seu pai passou e a fitou com o olhar melancólico:

- Maru, eu estou indo trabalhar... Não precisa ir para o colégio hoje se não quiser, pois tem que se recuperar bem. Peça à Sônia para comprar alguma coisa gostosa para você comer... E não se esqueça de levar essa bandeja para a pia, senão essa sala fica um chiqueiro.

- Está bem. – Ela disse sem tirar os olhos da tela.

Ele saiu silenciosamente e trancou a porta. Maru começou a comer as torradas como se nem sentisse o gosto, tão avidamente. Pensava em mil coisas idiotas, mas estava especialmente preocupada com as aulas... Se reprovasse ia ser o fim! Catou o telefone com as mãos sujas e discou para Heloísa. O telefone tocou algumas vezes e logo alguém o tirou do gancho:

- Alô?

- Alô, é a Maru, eu poderia, por favor, falar com a Heloísa?

- Claro, espere um momento...

Após uma pequena pausa, uma voz insegura veio em resposta:

- Maru?

- Oi, algum problema? Está estranha...

- Não... Que isso...

Algo fazia Maru não acreditar em tal sentença.

- Mas... Eu só liguei porque estava sem nada pra fazer... – Ela enchiu sua boca de torrada. – Como vai você?

- Ah... Bem... Eu... Mais tarde a gente se fala, tchau!

- Mas...

E ela desligou o telefone estranhamente... Maru ficou sem mastigar a torrada em sua boca.

Amaro ia dirigindo feito louco quando presenciou a coisa mais estranha: A menina abriu seus olhos. Parecia um zumbi levantando da tumba à meia noite. Ele continuou observando pelo espelho quando ela disse:

- Você só pode ser Amaro...

- Você me conhece?

- Não... – A voz dela era cadavérica, e sua pele era tão pálida que

podia se ver as veias, cruzando como estradas verdes.

- Eu preciso levá-la rápido ao hospital.
- Não me leve pra lá ainda.
- Você deve estar muito doente.
- É o que todos dizem. – Com um esforço que pareceu infinito, ela

se ergueu sobre seus braços finos e se pôs sentada.

- Menina, deite-se.
- Estou bem... – Ela suspirou muito fundo, Amaro ouviu um silvo

pequeno.

- Você tem pneumonia? Doença respiratória?
- Pare de fazer perguntas sobre meu corpo... Eu o odeio.
- ... – E Amaro percebeu um olhar determinado pelo que tinha dito.
- O que você quer de mim?
- Eu... Aquele menino ia te matar? Você o conhece? Chama-se

Magno, não?

- Eu não o conheço.
- Mas...
- Não é a primeira vez que tenta fazer isso comigo. Mas temo que

seja alguém...

- Como é que é? – Amaro tentava prestar o máximo de atenção, mas a menina falava pausadamente.

- Eu sei, mas não quero acreditar... Eu também sei quem você é.
- ... – Amaro parou o carro no acostamento. Eles estavam numa

rua pouco movimentada perto de um parque.

- Leve-me pra minha cama. – Ela disse friamente.
- Você conhece Maru?
- Eu já a vi.
- Não minta, eu sei exatamente quando as pessoas mentem, e você

não deve ter muita prática.

- ... O que você quer saber?
- Eu quero saber sobre Maruland.
- Seja específico.
- Mas que droga! Você deve saber de tudo o que acontece e sim-

plesmente omite os fatos... Maru pode morrer por causa de Maruland e você não dá a mínima!

- Está errado.
- Você deve ser o cérebro!
- Eu não sou nada... Eu sou uma pobre coitada.

- Você é muito forte. Eu acho que nunca vi um poder espiritual tão grande. No início eu pensava que Maru era a fonte de Maruland, mas não era. Ela não tem nada a ver com o livro. Ela não faz nada!

- ...

- E você é a princesa!

- Todos merecem ser felizes.

- Mas que conversa de maluco é essa? Você acha que a felicidade é só isso? Se meter num mundo que não existe e dormir até morrer?

- Eu só estou buscando a felicidade.

- Olha, eu não quero discutir com você. Eu só quero saber como que eu termino com Maruland.

- Ninguém vai terminar nada.

- Mas quem você pensa que é pra dizer isso? Vidas estão em jogo!

- Eu sou uma pessoa infeliz pelas mãos do destino. Eu nunca fiz nada a ninguém e já nasci num completo ninho de infelicidade. Quem você pensa que é pra me dizer que eu não posso ser feliz?

- Mas eu não estou dizendo isso!

- Você não sabe o que é ser como eu sou. Meu corpo é fraco e sem saúde. Tenho passado meses em coma.

- Você vai me dizer ou não como tirar Maru desse lugar pra sempre? Eu só quero saber isso.

- Maru não pode sair de lá. Eu preciso dela.

- Você vai ter que aprender a não precisar.

- Ela também precisa. A infelicidade também faz com que ela queira ir pra Maruland, será que não entende?

- Não, eu não entendo. Eu não entendo que felicidade é essa. É uma utopia.

- Então por que você precisa ir pra lá?

- Não sei do que está falando... - Ele estava vacilando.

- Você sabe, NORI.

- ... - Amaro se virou. Estava falando realmente com princesa

Penélope.

- Não te darei as respostas.

- Por que não?

- Porque não quero.

- Mas você está prejudicando a Maru.

- Todos têm um destino. Não sou tão forte para mudá-lo.

- Eu não sei, talvez seja.

- ... Leve-me pra minha cama.
- E o livro?
- O que tem ele?
- Qual a importância dele nisso tudo?
- Ele é Maruland. Maruland está lá... É tudo que eu posso te explicar.
- Mas eu não entendo. Você não explicou nada. Aliás, complicou mais ainda!

- O livro é o meio que eu encontrei para que Maruland pudesse existir no mundo material. Se alguma página for riscada, vai acontecer lá, e se for arrancada, os fatos serão esquecidos. Se o livro for queimado, todos se esquecerão de Maruland e ninguém poderá voltar. No entanto, se ele estiver pra sempre vivo, Maruland poderá existir e as pessoas poderão ir e vir. No entanto se ele deixar de existir, Maruland ficará trancada.

- Você foi tola colocando esse livro nas mãos de Maru. – Amaro sorriu vitorioso. – Eu vou queimá-lo.

- O livro irá levar pra lá quem quiser ficar lá pra sempre, e você nunca mais verá Maru.

- ...

- O livro tem que existir. Eu não posso controlar tudo sozinha, Maru me ajuda. Ela zela pelo livro, por Maruland, enquanto eu, com meu corpo frágil, não poderia fazer isso. Ela escreve, abrilhantando nossa terra com sua alma.

- Você está usando ela!

- Absolutamente. Somos dois fragmentos e uma só alma.

- O quê?!

- ... Você não saberá de tudo! Saia do meu caminho! – Ela fechou seus olhos sarcasticamente.

- Menina!

- Hahaha... – Ela adormeceu rindo.

- Mas...

Penélope já dormia profundamente no banco traseiro do carro.

- Como essa menina pôde fazer algo assim comigo? Será que ela não sabe o quanto eu estou querendo resolver esse problema? A Maru depende de mim...

Penélope estava tranqüila como se tivesse sido levada pela morte. Amaro pousou sua cabeça no volante e lamentou muito. Ele queria que Maru ficasse livre daquela terrível mácula. E ele também... Mas será que ele queria mesmo?

Maru estava chorando muito. Ela não sabia o que fazer a respeito de Heloísa. Sua amiga parecia com problemas e estava tão fria. E Maruland estava tão longe! Maru esfregou seus olhos cheios de lágrimas e empurrou a cadeira de rodas para os fundos da casa, onde havia um pequeno jardim e um balanço. Era outono...

- Mãe...

Ela se lembrou de quando ela empurrava sua mãe naquele balanço, agora cheio de folhas caídas... Eram momentos tão felizes que agora só vertiam mais lágrimas...

- Oh, mamãe... Como eu posso ser tão infeliz... Como tantas pessoas podem viver numa escuridão de tristeza? Há pessoas que passam fome. Pessoas que sofrem, pessoas doentes, pessoas sem dinheiro... Mas tem aquelas que nunca voltarão a ser como antes... Por que as crianças sofrem? Que droga de mundo!

Maru voltou a derramar as lágrimas.

Aoi estava tomando o chá nervosamente. Ele sabia que algo ruim iria acontecer... Estava sentindo o medo em sua respiração.

A porta foi aberta num baque que fez com que ele derrubasse a xícara no chão.

- Ah!

- Aoi!

Cherry entrou e viu os montes de pedaços no chão. Depois disse:

- Olha, eu não sei como você fez, mas você fez.

- Do que você está falando?

- Eu vi uma mulher vagando na floresta. Ela tinha uma aparência estranha e tal, mas eu tenho certeza de que ela não é da terra. De onde ela é?

- Eu não sei do que você está falando. Pare com esse interrogatório sem nexos.

- O nome dela é Koba. Ela disse. Eu acho que você está mentindo...

- O que é isso... - Ele não conseguia esconder o nervosismo.

- Por que está tão nervoso? Aconteceu alguma coisa?

- Aconteceu... Eu acho que eu, você e o Send vamos ser expurgados daqui de uma vez por todas.

- Por quê?

- Send estava transtornado quando apareceu aqui. Ele tentou matá-la, mas ela acordou. E o pior é que o idiota do Amaro apareceu lá...

- O que vai acontecer agora?

- Não sei, até agora ela não chegou...

Mas então os dois sentem um vento frio e sinuoso cortar os corredores. Os cabelos de ambos revolveram em suas faces.

- Cherry... – Disse Aoi inseguro.

- Eu sei, Aoi... A hora do julgamento chegou... É o fim da linha pra nós três...

- Mas isso não pode ficar assim! Vamos... Vamos matar o Send.

- Não, não vamos fazer isso.

- Por que não?

- Porque se queremos ser humanos temos que começar a agir como tais. E é bom que você comece a agir assim também, sem mentiras.

- ... Está bem.

- ... – Cherry ficou quieta esperando Penélope chegar no aposento.

- Cherry, eu criei a Koba, eu escrevi no livro, acho que você deveria fazer o mesmo. E o Send também... assim pelo menos teremos tempo para nos dedicar aos nossos próprios objetivos.

- Mas... como você pôde! Se somos almas sem corpo, o que ela é??

- Esqueça... já está feito.

- Você acha que eu devo fazer o mesmo?

- Sim, você e o Send.

- Eu vou procurá-lo agora mesmo. Vamos pra lá resolver isso. E além de tudo o peso do espelho não pode cair sobre os ombros dele. Você sabe muito bem que se a Penélope for tomar satisfações...

- O que você acha que ela vai fazer?

- Acho que destruí-lo.

- O que você acha?

- Eu não quero que o nosso irmão morra.

- Eu também não.

Ambos se entreolharam. Eles estavam muito diferentes de antes.

Send estava caminhando apressado. Ele olhava para todos os lados, o dia estava nublado e esquisito. A única coisa que ouvia era o tic-tac incansante de seu relógio de bolso. De repente, ele esbarrou em alguém. Muito assustado para que não fosse Penélope, ele se virou. Era Cherry.

- Cherry... – Disse ele aliviado.

- Send. -Ela o abraçou.

- ... – Send abraçou fortemente Cherry. Ele sentiu um sentimento fraterno.

- Eu tenho um aviso do Aoi. Vamos rápido para a terra.

- Por quê?

- Ele deu uma excelente ideia. Vamos rápido antes que a Penélope

nos encontre.

- Sim.

Os dois saíram de mãos dadas correndo pelos corredores. Sem disse:

- Espero que Aoi esteja do nosso lado.

- Ele está, ele é nosso irmão, apesar de tudo.

Send e Cherry entraram no quarto muito depressa, mas assim que fecharam a porta começaram a escutar passos vindos do corredor do lado de fora.

- Será que é a Penélope? – Aoi perguntou.

- Não sei, vamos Send! – Cherry o puxou na direção do espelho.

- Vamos!

Quando eles iriam avançar, a porta se abriu. Aoi abriu suas mãos e seus cabelos se movimentaram rápido. Ele fechou os olhos e ouviu-se o som de vários pombos levantando vôo e arrulhando. Penas se espalharam pela sala, a porta começou a se mover muito vagarosamente. Aoi disse:

- Melhor irem enquanto eu controlo o tempo.

Send e Cherry entraram no espelho. A sala foi tomada por um enorme brilho. Uma gota de suor escorreu da testa de Aoi. Ele estava fazendo um grande esforço pra segurar o tempo numa determinada área do local. Ele relaxou seus braços e a porta se abriu. Penélope entrou.

- Olá, Aoi. – Disse ela sonolentemente.

- Boa tarde, princesa Penélope. Deseja algo que seu humilde servo possa realizar? – Perguntou Aoi sonsamente, tentando enrolá-la.

- Onde estão Send e Cherry?

- Eu não faço ideia, senhorita.

- Mas eu os vi subindo para cá agora! – Exclamou ela num tom de sarcasmo.

- Bem, eu não os vi. Agora eu tenho que ir. Estou muito atarefado.

- Disse ele, passando por ela.

- Pois quando os vir diga que desejo muito que tenhamos uma conversa.

- Sim, pode deixar que eu dou o recado. – Disse ele já indo embora.

- Aoi, você sabia que eu criei vocês três para cuidar de Maruland, e não por meros motivos pessoais?

- Sim, eu sabia. – Disse ele como se não tivesse entendido. – Isso por acaso é uma indireta?

- Talvez sim, talvez não... – Divagou a princesa, enquanto remexia em algumas anotações.

- ...

- Você sabe do que eu falo, não?

- Eu não. Não tenho que entender o que a senhorita fala, apenas

realizar os pedidos. – Disse ele numa expressão clássica de quem não está muito se importando. – Agora me dê licença... – E finalmente Aoi saiu.

Penélope ficou um pouco confusa... Ela sabia que Send e Cherry haviam entrado no quarto. Foi quando ela percebeu o espelho de prata no fundo do quarto.

- O que um espelho de prata faz aqui? – Se perguntou ela.

Wamp entrou no quarto e ela se virou.

- Princesa Penélope, quanto tempo que não a via!

- Ah... Wamp, é você.

- Estava a procurando para conversar sobre uma moça que encontrei na floresta.

- Mas você não é mais integrante do conselho ou coisa parecida.

Não deveria se intrometer no que não é de sua conta.

- Então... – Disse Wamp prontamente. – Acho melhor eu ir. Adeus. – E saiu.

- ... – Penélope se virou, mas o espelho não significava mais nada. Era apenas um espelho bobo que refletia na prata. Mais nada. – Wamp... Por que eu não consigo ser uma pessoa como você?

Ela se sentou no sofá com estofado de veludo vermelho e ajustou seu vestido de modo que ficasse arrumado. Então, percebeu um grande vazio... Lágrimas. Lágrimas se formaram em seus olhos que fitavam o vazio. Ela e Maru... Nunca se falaram, mas eram partes de uma mesma alma. Uma alma cujos sentimentos estavam traçados como duas linhas rumando para o infinito, que era Maruland. Fizesse o que fizesse ela ainda era aquela menina fraca que ficava numa cama durante meses, em coma... Uma enferma. Sua saúde debilitada ditava as regras de sua vida, a única parte realmente feliz de existir era Maruland... E Maruland estava um total caos, fugindo do seu controle. Suas criações, Cherry, Aoi e Send estavam mais rebeldes que nunca...

Send e Cherry colocaram seus pés na grama macia. Seus sapatos se umedeceram com o orvalho matutino da relva.

- Não temos muito tempo. – Disse Cherry.

- E se alguém nos vir desse jeito? – Disse Send. – Vamos ter que fazer o possível para não sermos notados...

- Estamos espalhafatosos para estarmos numa cidade como esta...

- Mas não dará tempo de pegarmos os corpos na casa.

- Eu sei...

- Vamos assim mesmo. Qualquer problema, damos um jeito.

- Tudo bem... – Disse ela.

Os dois correram apressados até alcançarem uma avenida. Cherry avistou duas pessoas que vinham descendo a rua do outro lado. Mesmo aflita, ela pegou uma pequena sacola que trazia na cintura e retirou de lá um pequeno punhado de pó. Com os dedos, espalhou a poeira rosa em torno dela e de Send, fazendo com que um forte aroma de cerejas tomasse o local. Quando as pessoas passaram, ficaram tão encantadas com o perfume que nem notaram a presença deles.

- Está ficando cada vez mais habilidosa. – Disse Send.

- Eu sei... – Disse ela sorrindo. – E o mais incrível é que até agora não vi seus poderes...

- Eu não tenho nenhum... – Disse ele, sem a menor vontade de ser convincente na mentira que estava contando.

- Você tem, meu irmão querido...

- É verdade, mas é muito fraco em comparação com o que você e Aoi possuem, agora vamos nos apressar...

Os dois foram andando, sentindo o perfume em torno deles. Send arrumou seus cabelos lisos para que não o incomodassem, e percebeu que Cherry estava estranha. Ele estava pensando muito sobre isso, sobre o fato de ela tentar ser humana. Isso poderia trazer frutos ruins, mas, sem dúvida, era uma coisa peculiar e até divertida. Ele ficava pensando em sua irmã, no quanto ela estava diferente, por ela querer usar cada vez mais roupas humanas, querer estar bonita, e não sensual. Querer ser bondosa e até aprender a cozinhar...

Cherry olhou para Send, mas não conseguiu compreender o que ele estava pensando. Ele era muito fechado.

- Você gosta da Penélope, mas o que vai fazer quando ela finalmente estiver morta e ficar com raiva de você?

- Eu queria saber por que ela não quer a morte.

- Porque não gosta de você. Só pode ser isso.

- ... – Ele olhou bem pra cara de Cherry.

- Que foi? – Disse ela.

- Nada.

- Pode falar, não tenho medo da verdade.

- Deve então começar a ter. Você pode magoar os outros dizendo algo que acha que é verdade, e achando que a verdade é o que você pensa que é. Você pode estar enganada. Eu não sei sobre os motivos da Penélope, e nem você.

- Mas... Ora... – Ela ficou irritada.

Eles chegaram finalmente em frente à casa de Maru. Parecia vazia, mas Maru devia estar lá. Send caminhou até a porta e tocou na fechadura, estava aberta.

- Como pode estar aberta? – Disse Cherry.
- Não sei... – Send entrou sem hesitar.

Cherry o seguiu com pressa. Ambos se dirigiram para o quarto da menina, e estava o livro, fechado em cima da cama.

Cherry se adiantou e pegou o objeto. Abriu na última anotação e, pegando a caneta que estava ao lado, começou a rabiscar.

Send ficou esperando. Estava de ouvidos atentos para qualquer acontecimento alheio. Prestando atenção, ele conseguiu identificar que Maru estava no quintal. Mas não soube se a porta estava destrancada.

- Cherry, por que o Aoi teve essa ideia?
- Que ideia?
- De que a gente teria que criar ajudantes.
- Eu não sei, mas soa bem.
- Hmm... Não acho tão boa ideia assim. Não vê o nosso caso?
- Como assim?
- ... – Send ficou tomado por seus pensamentos. Se eles haviam se

“rebelado” contra Penélope o mesmo viria a acontecer com as seguintes criações.

- Pronto, terminei. – Disse ela.

Send pegou o livro e leu. Para seu total contra-gosto, a mais nova criação para Maruland era praticamente um semideus. Chamava-se Dashin. Tinha os cabelos vermelhos, com a raiz preta, olhos cinza e era muito poderoso. Seus poderes estavam além dos que Penélope tinha, por que além do dom de criar, ele tinha o dom da vida sobre a morte...

- O que é esse poder de “vida sobre a morte”?
- Ah, ele pode ressuscitar...
- Você criou uma pessoa muito poderosa, Cherry.
- Mas ele ama a mulher que Aoi criou, Koba. Uma pessoa que ama

não pode ser maligna.

- Você instituiu alguém que ele amasse???
- Sim, por que não?
- Você gostaria que alguém fizesse isso?
- Ele é só uma criação!
- ... – Send pegou a caneta e escreveu medindo palavras. Criou Ma-

thieu, um jovem de cabelos cinza-claro que tinha livre arbítrio. Possuía poderes simples e fáceis, não ofensivos e pacíficos. Era uma pessoa inteligente e sábia.

- O que você criou?

E então os dois escutaram Maru entrando pela cozinha. Ambos se entreolharam e ficaram super assustados.

- Send! – Disse Cherry num tom quase inaudível.

- Vamos sair daqui rápido... Pela janela.

Quando Maru foi até seu quarto, pensando ter ouvido vozes, nada encontrou... Apenas a cortina tremulando com o vento.

Henrique acordou no hospital. Estava numa cama e parecia machucado. Uma enfermeira estava preparando uma injeção quando ele a interrompeu:

- Senhora, o que eu estou fazendo aqui?

- Ah... Espere... Eu vou chamar o médico... – Disse ela meio surpresa.

Ela saiu deixando-o com muitas perguntas na cabeça. Alguns minutos depois, o médico surgiu e com uma grande expressão de alegria exclamou:

- Henrique! Você saiu do coma!

- Josué! – Era um amigo seu da faculdade.

- Henrique... – Ele se aproximou e fitou. – Você estava entre a vida e a morte...

- Mas... O que houve?

- Você bateu seu carro na estrada próxima à interestadual.

- ... Bati?

- Sim... Você estava dormindo ao volante. Provavelmente. Ou você pode ter desmaiado. Não sei por que demorou tanto para acordar, você tinha saído do perigo e ainda continuava dormindo profundamente.

- Quanto tempo eu estou aqui?

- Mais de um mês. Você recebeu muitas visitas. Uma família veio, junto com uma menina cega que me chamou muito a atenção. Sua família também esteve aqui.

- Heloísa.

- É, esse era o nome da menina. Devo agora mesmo ligar para ela, ela exigiu que assim que você acordasse eu deveria ligar.

- Então telefone, quero vê-la!

- Tudo bem... – E o médico saiu deixando Henrique sozinho no quarto.

Amaro continuava com Penélope em seu carro. Decidiu levar a garota pra casa antes que fosse tarde demais. Dirigindo rapidamente, atravessou duas quadras em questão de minutos. Assim que virou para cruzar a próxima rua, Amaro se deparou com duas figuras que atravessaram bem em cima. Freou o carro com uma guinada súbita que fez com que Penélope caísse do banco de trás direto para o chão acarpetado, emaranhando os cabelos finos sobre todo o corpo.

- Ah! – O susto foi imediato. Quase havia atropelado duas pessoas, e espantosamente ele as conhecia, Cherry e Send.

A porta se abre para duas figuras estranhas. O mais alto tinha feições finas, cabelos em fios grossos e prateados como os raios da lua, compridos e lisos até a cintura, olhos em tom vinho. O outro era mais baixo e forte, com os cabelos ruivos, embora com raízes negras, curtos, em corte surfista, olhos cinza-claríssimos quase brancos.

- Entrem... – Koba, vestida em trajes justos e em estilo oriental, vermelho e com detalhes miúdos e dourados.

Mathieu e Dashin, respectivamente, adentraram o quarto dos três aliados de Penélope, e logo Koba fechou a porta atrás deles.

- Você deve ser Koba... – Disse Mathieu, certo de sua afirmação.
- Sim... Nós temos que cumprir nosso destino.
- Exato.

Eles eram vazios e simplistas. Sabiam que haviam sido criados com um único propósito: Ajudar seus criadores fazendo algo por Maruland.

- Sério? – Maru estava pasma.

- Arrã. Ele acabou de mandar avisar, Maru, eu vou pra lá. – Era Heloísa ao telefone. Estava apressada e falava ofegante.

- Mas... Puxa. Que horrível. Não posso nem acreditar. -Maru estava realmente sentida da situação. Nunca havia imaginado saber de mais um acidente de carro tão próximo, como o que a deixou entrevada. Era horripilante só de voltar no tempo, um frio desceu pela espinha e ela se arrepiou.

- Sim... Maru, eu vou desligar, qualquer coisa eu ligo, depois a gente se fala, tá?
- Arrã.

- Certo. Tchau. – Clique.
- – Maru estava pasma. Colocou o telefone de volta no lugar e pensou bastante sobre isso. Mas mesmo depois de um tempão ela não encontrou se quer um motivo lógico. Henrique dirigia muito bem, como ele pôde ter batido o carro? E ainda mais dormindo... Um pensamento absurdo surgiu em sua mente. Poderia ser Maruland. Foi uma verdadeira desgraça. Como? Mas...

Maru ficou ali por minutos a fio. Seus olhinhos verdes fitavam o nada tentando uma saída lógica para um sentimento de culpa que surgia furtivamente. Ligou rápido para Amaro, para saber o que poderia ser feito, mas infelizmente o celular estava fora da área de cobertura. Embora Maru inicialmente tivesse ficado com raiva disso, deixou por menos, afinal, Amaro queria destruir Maruland e isso só aumentaria a lista de motivos.

- Detetive! – Send se assustou mais do que Cherry. Ela notou essa nuance e lembrou-se de quando encontrou Send no mesmo dia, anteriormente. Ele estava nervoso com neste momento.

- – Amaro continuava dentro do carro. Ele estava como da primeira vez em que encontrou Wamp: pasmo.

- Send. O que vamos fazer... – Cherry sussurrava quase sem mexer os lábios.

- – Send continuava esperando um contato. Ele sabia que Amaro estava com Penélope no carro e isso era algo ruim. Queria saber como a menina estava, e se estava morta.

Espantosamente, Amaro desmaiou. Sua cabeça caiu sobre o volante e disparou a buzina sem fazer com que voltasse ao normal. Send e Cherry se entreolharam, totalmente assustados, procurando algo para pensar. A rua estava deserta, parecia uma fagulha do tempo parado naquele espaço. Os cabelos róseos de Send revolviam ao vento tranqüilo que passava carregando um aroma bom de cereja. Cherry fitava a tudo atônita:

- Send.
- As coisas estão saindo do nosso controle, irmã. Não posso parar de pensar em problemas futuros. E não sei como podemos impedir tais acontecimentos. Nunca deveríamos ter saído de Maruland.
- Não seja covarde numa hora dessas.
- Não estou sendo. Estou passando um pouco de realidade para essa sua cabeça de vento.

- ... – Ela olhou para seu irmão. – Está me chamando de sonsa? Acha que eu não percebo as coisas?

- Não é isso. Temos que fazer o máximo para não tirar mais ainda o controle disso.

- Está com medo, não é?

- ... Eu... – Send olhou para Cherry. Foi pego de surpresa, nunca lhe tinham perguntado coisa alguma sobre seus sentimentos num momento como aquele. Ele entristeceu subitamente e caminhou devagar na direção dela, abrindo seus braços tímidos e a envolvendo sem pedir. Encostou seus cabelos macios na face dela e ficou quieto.

- Send... Desculpa por fazer você ficar com toda a responsabilidade sempre. – Ela o abraçava com o carinho que nunca demonstrou, até mesmo porque não pensou algum dia se tinha sentimentos.

- Cherry... – Send se desencostou dela, estava com um olhar meigo e calmo. – Somos almas humanas. Temos sentimentos. Por que esse perjúrio, esse castigo? Por que não temos existência na terra?

- ... – Ela se debulhou em lágrimas, que desciam como finos fios de lástima pela pele macia do rosto.

- Eu sei. Somos amaldiçoados... Não sei o que há comigo. Por que somos diferentes? Eu queria entender! – Uma luz rosa emanou de dentro do coração de Send. Seus cabelos flutuavam como se dançassem. Um estalido de relógio foi ouvido, seco, por toda a humanidade, e então o carro de Amaro não estava mais ali.

Amaro acordou silenciosamente em um gramado gostoso. Ele abriu e fechou seus olhos tentando entender algumas coisas, e quando percebeu a estranheza de tudo se ergueu, apoiado pelos dois braços, e ficou sentado no chão. Ele estava no parque municipal da cidade e seu carro estava na calçada. Tudo parecia estar bem. Um zunido incrível pairava no ouvido, parecia proposital para atrapalhá-lo enquanto ele tentava lembrar do que havia acontecido. Num estalo, levantou rápido e foi ver o carro, mas Penélope não estava lá. Era terrível. Amaro colocou a mão sobre a boca, perplexo. Eram Send e Cherry quem ele havia visto. Send e Cherry, companheiros de Aoi, dos sonhos, de Maruland. E o que eles estavam fazendo ali?

Heloísa ia sendo puxada pela sua mãe, ela estava muito apressada e enquanto cruzavam os corredores falava alto.

- Mãe! Mais rápido!

- Calma, Heloísa, o Henrique não vai sair de lá.
- Quando chegarmos lá ele já recebeu alta, mãe.
- Mas que coisa, menina! Como se ele tivesse tempo de pensar em você, ele é muito ocupado... Nossa, como o Henrique é um homem de fibra, ele sobreviveu àquele acidente horrível.
- ... Eu sei.
- Então... Ele é muito forte. Henrique é como um filho pra mim. Eu sei que a família dele mora longe, acho que é por isso que fico tão preocupada.
- Arrã.
- Estive olhando, filha... Você por acaso gosta do Henrique?
- ... – Aquilo foi muito imprevisível. Heloísa se sentia péssima sendo questionada, sem nada enxergar, numa total escuridão, sem ter pra onde fugir.
- Mas que bobeira, mamãe! – Disse ela, rapidamente se desviando
- Eu não gosto nem um pouco de homens velhos como o Henrique, ou seja: Ele não faz o meu tipo.
- É verdade? Pois eu poderia jurar que estava apaixonada.
- Eu, apaixonada? Só você para pensar um negócio absurdo desses!!
- Tudo bem. Veja, é aqui o quarto em que ele está. – Disse Elisa abrindo a porta e conduzindo Heloísa para dentro.
- Henrique! – Gritou ela atirando-se no leito e abraçando o rapaz.
- ... – A mãe de Heloísa ficou em silêncio repensando suas suspeitas, tamanha a alegria da filha ao reencontrar o jovem médico.
- Eu estava morrendo de saudades de você, Henrique!!
- Eu também já não estava mais em agüentando, tanta era a vontade de te ver, Helô.
- Mamãe, a senhora podia nos deixar a sós por uns instantes? É que preciso falar algo muito importante para o Henrique. – E, vendo que sua mãe não ia acreditar, emendou: É uma coisa que a Maru me pediu que dissesse para ele.
- Ah, se é assim, tudo bem. Deus me livre estar na pele dos pais dessa Maru. – Disse ela encostando a porta.
- Depois de alguns segundos em silêncio, Heloísa disse:
- Só assim para a mamãe acreditar.
- Hehehehe, você quando quer é uma bela mentirosa.
- Eu só fiz isso porque precisava muito te falar algo que já venho planejando a algum tempo...
- O que é?

- ... Bem... O que acharia se eu dissesse...
- O quê?
- ... Eu, eu estou disposta a fugir com você para bem longe.
- Mas, mas Heloísa como...

Por um momento a garota ouviu as risadas do médico, até ele continuar a falar:

- Meu amor, não podemos fugir. Tem de haver outra maneira de acertarmos as coisas. Eu seria preso antes mesmo de sairmos da cidade e seus pais iriam mandar você para um colégio interno, ou talvez outro lugar. É impossível.

- Nada é impossível quando duas almas se amam. Além disso logo vou ter 18 anos, e tudo vai mudar!

Ele a envolveu com carinho e a beijou. Alguém bateu na porta:

- Heloísa, posso entrar? Temos que ir agora.
- Tudo bem mamãe, eu já vou abrir. Nós conversamos depois.
- Sim, minha menina.

Heloísa caminhou com dificuldade até a porta e abriu-a, dizendo:

- Já podemos ir. Já dei o recado de Maru.
- Tudo bem. Vamos agora, o horário de visitas acabou.
- Ninguém mandou chegarmos atrasadas.
- Certo, da próxima vez chegaremos mais cedo. Até mais, Henrique.
- Até logo, senhora. Heloísa, não se esqueça de dar lembranças

a Maru.

- Sim - disse ela sorrindo.

Já dentro do carro, Heloísa questionou sua mãe:

- Pra onde vamos agora?
- Eu não sei, para onde quiser.
- Tudo bem, então vamos para a casa da Maru.
- Certo... Posso te pegar na hora do jantar?
- Sim, já vai ter dado tempo de colocar as fofocas em dia.

Maru penteava o cabelo quando a campainha tocou.

- Papai, você pode atender?
- Sim, eu já vou.

Poucos minutos depois, ela ouviu uma voz familiar:

- Oi, Maru! Estava com saudades! - Heloísa entrou no quarto esbarrando na cômoda.

- Helô!! Oi! - disse Maru, puxando-a para sentá-la na cama.
- Feche a porta, tenho novidades quentinhas.

- Puxa, então diga o que é! – Disse ela indo fechar a porta, quando seu pai irrompeu:

- Maru, eu vou dar uma saída rápida.

- É? Vai aonde?

- A mãe de Heloísa me convidou para comer alguma coisa em um lugar aqui perto. Parece que a senhorita andou aprontando alguma.

- Eeu? Mas eu mal saio de casa! Vou de casa para o colégio e do colégio para casa...

- Sim, é o que eu vou ver... Talvez eu demore um pouco mais... Acho que vou dar uma passada no shopping e comprar umas camisas. Estou mais que necessitado.

- Tudo bem, mas se for mesmo, não esqueça de passar naquela lojinha e comprar alguns vestidos. Eu também estou muito precisada.

- Tudo bem, tchau, meninas.

- Tchau. – Disseram as duas em uníssonos, enquanto ele fechava a porta.

- Puxa, acho que já sei o que minha mãe quer contar a seu pai.

- E o que é? Será que ela descobriu algo sobre o idiota do Domas e quer alertá-lo?

- Não... Hoje comentei mais um negócio sobre seu suposto namoro com o Henrique. Me desculpe, amiga.

- Não tem problema, eu explico para o meu pai. Mas então, quais são as novidades??

- Hoje eu fui falar com o Henrique.

- E aí? – Perguntou Maru, interessadíssima.

- Eu disse que pretendia que fugissemos juntos.

- É mesmo?? E ele aceitou?

- Não, ele disse que seria impossível.

- Puxa...

- Mas não se preocupe, vou fazê-lo aceitar. Eu já planejei tudo: Virei dormir aqui, então, lá pela meia noite, ele vem me buscar de carro.

- Mas você vai ser pega!

- Eu passo pela janela! Você me ajuda, né?

- Claro que sim, amigas são pra essas coisas. Além disso, eu dou a maior força para vocês dois.

- É verdade?

- É claro! Sempre adorei histórias de amor, ainda mais as reais.

- Boba, como se não tivesse uma história de amor.

- Eu não tenho. – Maru se virou para a parede e ficou fitando a coloração branca.

- Ah... O que há com você e o Amaro?

- Você chama isso de amor? Ah... Ele me despreza.

- Se eu fosse você não ficava falando essas coisas. Ainda não tem nada terminado.

- Sim, mas acontece que não tem nada a ver. Eu e ele não temos nada pra dar certo. – Maru virou a cadeira de rodas com um pouco de habilidade. – Além do mais, vá falar isso pra ele.

- Então quer dizer que por você está tudo certo, né?

- Eu não disse isso.

- Você acabou de dizer!

- Mentira!

- Maru! Faz o favor, né! – Heloísa estava se divertindo com a sessão de infantilidade de Maru.

- ... Quando o Henrique sai?

- Eu não tenho muita certeza. Ele estava na UTI há pouco mais de três semanas. Acho que deve sair em breve, agora que acordou. E não mude de assunto.

- Mas não estou mudando, foi você que mudou primeiro. Eu estava falando de você e do Henrique e você começou a falar do insuportável do Amaro.

- Tá bom.

- Ele é um chato. E você gosta dele!

- EU?

- Não, eu.

- Você gosta...

E ambas continuaram conversando longamente.

Era uma manhã agradável quando os primeiros raios de sol começaram a derramar seu esplendor pelos cabelos loiros daquela menina doente. Os fios finos e fracos, de um dourado tênue, se espalhavam quando a enfermeira colocava Penélope sobre a cama do hospital. Ela estava saindo de uma crise pelo seu coração, que havia sofrido um choque emocional. Penélope parecia estar dormindo tranqüilamente como se ignorasse os problemas que seus pais passavam e o desespero deles sempre que isso acontecia. Sua camisola branca com fitas rosas se esparramava enquanto ia sendo medicada e entubada.

- Verdade? – Maru falou, com Heloísa ao seu lado perplexa. O que Domas acabara de contar havia sido horrível.
- É, ela foi internada ontem, eu estava passando de bicicleta quando vi. Puxa. – Domas fazia uma cara insossa.
- Nossa, pobrezinha. – Disse Heloísa com uma expressão triste.
- Se bem que eu não conhecia ela, né... – Maru falou despreocupada.
- Maru! Eu falei pra você, lembra que eu te mostrei num dia que ela veio aqui na escola? – Disse Domas
- Eu sei... Aquela loira.
- ... Domas, você sabe pra onde ela foi levada? – Perguntou Heloísa.
- Pro hospital estadual. – Ele estava distante. Seus cabelos negros caíram sobre seus olhos quando o vento outonal passou agitando as folhas. -Eu vou entrar pra aula. Até depois. – O menino entrou rápido passando por elas.
- ... O Domas tá estranho. – Disse Maru fitando enquanto o menino passava por ela.
- Não sei o que há com ele. Mas... Pelo que disse é o mesmo hospital em que está o Henrique. Será que deixam a gente fazer uma visita?
- Danada! Você só tá querendo uma desculpa, e que esfarrapada!
- ... Tá, Maru, mas eu me importo com a Penélope, ela é da nossa idade, e eu fiquei sabendo pelas meninas da sala que ela é muito doente, e que está piorando, imagina se ela morrer qualquer hora dessas?
- Vira essa boca pra lá, Helô... Nem quero pensar numa coisa dessas... – Maru lembrou brevemente da sua mãe e tratou de esquecer no mesmo instante.
- Vamos lá agora?
- Como a gente vai? A pé? É meio longe e a gente faz parte de um grupo que eu acredito não ser dos melhores pedestres...
- A gente chama o Amaro.
- Helô! – Maru se indignou. – Como você pode pedir algo assim?
- Eu não pedi nada. – Heloísa se fez de sonsa.
- Pediu pra eu telefonar pro chato e pedir pra ele vir aqui pegar a gente.
- Eu não.
- E o que você quer? Você acha que ele vai vir aqui por adivinhação? Que que é?
- Não se altere por causa do seu amado... – Heloísa fez um sorriso estranhamente maroto.

- Por que esse sorrisinho?
- Záz! – Heloísa tomou a mochila que Maru levava em cima das pernas. Saiu correndo para a calçada que ficava do lado de fora da escola.
- Heloísa! Você vai bater em alguma coisa! Fica parada! – Maru colocou as mãos pequenas nas rodas para movimentar rápido, a fim de fazer algo por Heloísa.
- Não, Maru, eu já sei o que fazer e onde está o orelhão... Eu estudo aqui tem um tempão, esqueceu? – Heloísa foi tateando até chegar a um telefone público que estava perto dos portões. Muito esperta, pegou um pequeno caderno que Maru anotava telefones e começou a tatear páginas, ela sabia que deveria estar na primeira lista, por que era a letra "A". Então, tateando a escrita de Maru e o jeito forçado com que pousava a caneta sobre o papel macio, pode identificar o nome de Amaro. Pegou uma moeda do seu bolso e colocou no telefone, e começou a discar o número que estava escrito, tateando.
- Heloísa! – Maru estava chegando perto. -Não acredito que você pode fazer uma coisa dessas!!! Sua espia!
- Ah... O Henrique me ensinou uma porção de coisas, sua lenta... – O telefone estava chamando.
- Helô! Me dá essa porcaria desse telefone! Você não vai ligar! – Maru estava ficando nervosa.
- Não. – Heloísa era mais alta do que Maru, que ficava sentada na cadeira, Maru ficava puxando a blusa do uniforme de Heloísa enquanto ela esperava, tentando se desviar inconscientemente de Maru, de repente, o outro lado atendeu:
 - Alô? – Amaro parecia ofegante.
 - Oi, aqui é a Heloísa Sedel, amiga da Maru, lembra de mim?
 - ... A cega?
 - ... Isso... – Heloísa sempre passava por esse ponto de referência.
 - Ah, desculpa pelo que eu acabei de dizer... Tudo bem? – Amaro se sentou, estava acabando de subir. Felizmente havia acordado no parque em frente ao seu apartamento.
 - É, está sim. É que tem um assunto que eu quero falar com você.
 - Que assunto? – Amaro afrouxava a gravata na camisa social.
 - Que assunto? – Maru olhou para cima, para saber de Heloísa o que ela estava querendo.
 - É uma coisa da Maru, que ela pediu para eu dizer para você...
 - Heloísa Sedel!! Se você fizer uma coisa dessas eu nunca mais digo

um A com você!! – Disse Maru, desesperada, pensando que a colega fosse comentar o que ela sentia por Amaro.

- É que nós duas queremos ir até o hospital visitar uma colega e não sabemos como ir...

- Ah... Ainda bem que era isso... – Disse Maru, aliviada.

- E a Maru fez questão que você levasse a gente, porque além de ser bonito, dirige super bem.

- Ela disse isso? – Questionou ele, incrédulo e assanhado.

- Disse sim... AI!!

Maru deu um beliscão na bunda de Helô com toda a força.

- Para, Maru! Não precisa ficar disfarçando!! – Disse Heloísa sonhamente, sem tampar o fone

- Ah... Heloísa você me paga!! – Disse ela, sem ação.

- Mas o que está acontecendo aí?? – Disse Amaro sem entender nada.

- Nada... eu bati com o braço aqui...

- Mas o que você estava dizendo?

- Ah, sim... A Maru pediu encarecidamente para eu ligar para você e pedir para você passar aqui e avisar na diretoria que precisamos sair.

- Tudo bem... eu já estou indo.

- Tá... A Maru está esperando ansiosa.

Ele desligou o telefone e entrou no carro, acelerando em direção ao colégio.

- Que mal educado! Desligou na minha cara sem nem dizer tchau!

- Ele é assim mesmo, aquele grosso... Não seria bem educado mesmo se tivesse conversando com o Papa.

- Ai, ai... Não adianta disfarçar. Sinceramente, só não nota que você está apaixonada por ele quem é doido.

- Olha... Eu nem vou levar a sério essa provocação... Mas você me paga por ter dito que eu o elogiei... Ah, paga...!

- Calma menina. Isso só vai facilitar a aproximação entre os dois. E eu vou dar mais uma mãozinha hoje, já planejei tudo.

- O que você planejou?

- Nada... – Heloísa voltou para dentro do pátio, tropeçando um pouco.

- Venha cá!! Agora você vai me contar o que está armando!! – Maru ia fechando a mochila enquanto seguia Heloísa lentamente.

- Não estou armando nada... Fique calminha tá...

- Hum... Tá bem. – Disse ela meio desacreditada, só pra ver no

que ia dar.

As duas ficaram paradas um instante, e de repente Maru viu o carro de Amaro virando a esquina.

- Olha, olha! - Disse ela puxando a saia de Heloísa.
- O que foi?? Para de me puxar senão daqui a pouco você vai me deixar pelada aqui!!

- O idiota do Amaro já chegou!!
- E você está feliz.
- Sim, quero dizer, não! Sua sonsa!! Só quero ir visitar nossa colega!!
- Ahã... Quando eu sugeri essa ideia você não se animou tanto...
- Olha... Ele não está vindo para cá.
- Bem... então ele deve ter ido passar na secretaria primeiro.
- Deve ser. Vamos esperar.
- Sim.
- ...
- ...
- Vamos ficar assim caladas?
- Ué, você não fala nada. Eu sou cega.
- Não tem nada a ver uma coisa com a outra!
- Calma, garota... Seu amor já deve estar chegando.
- Não é tão rápido assim e... - Maru avistou Amaro se aproximando.
- O que foi?
- Ele já chegou!
- Ué, tão rápido? Parece que nem deu tempo de ele entrar e sair da secretaria.

- Não sei, vou perguntar.

Amaro se aproxima.

- Oi Maru. Oi Hê.
- O que? - Disse Maru, surpresa com o modo como Amaro tinha chamado sua amiga.

- Hê. O nome da sua colega não é Heloísa? Pois então. Como sou muito preguiçoso, prefiro chamá-la por um apelido carinhoso. - Ele disse, querendo provocar ciúmes em Maru.

- Você é um metido a besta, isso sim.
- Eeu??
- Sim, você. E saiba que a HELOÍSA já tem namorado.
- E quem falou em namoro?
- Não se faça de sonso, seu idiota.

- Mas qual é o seu problema hein, garota?! – Disse ele fingindo ficar com raiva, enquanto ia conduzindo Heloísa em direção ao carro.

- Ei!! Espere!!

- Ande logo! – Disse Heloísa, satiricamente.

- Grr... Às vezes eu tenho vontade de estrangular os dois... – Disse ela, conduzindo a cadeira com dificuldade.

Quando chegaram no carro, Heloísa rapidamente entrou atrás e se deitou.

- O que significa isso?? – Disse Maru, atônita.

- Eu estou com sono e quero dormir. Você pode ir muito bem na frente e me deixar paz aqui. – Disse ela, fingindo dormir.

- Sua tonta, pare de fingir!

- Vem cá.

Amaro pegou Maru no colo e a colocou no banco ao lado do motorista, e depois dobrou a cadeira de rodas, depositando-a no porta malas.

- Mas que droga! Eu não quero ir na frente!! Amaro, ela está fingindo.

- Então acorde-a.

- Mas não vai adiantar... Deixa pra lá. – Disse ela, irremediavelmente.

Ele entrou, fechou a porta de trás e entrou no carro, dando a partida.

Maru estava emburrada, e ficou assim até ele dizer:

- Como foi seu dia até agora, menininha?

- Não sou menininha e não é da sua conta como foi meu dia.

- Tudo bem, não falo mais nada.

- Espere, eu tenho uma pergunta.

- O que foi?

- Por que você chegou até nós tão rápido? Você não passou na secretaria?

- Sim, mas não tinha ninguém lá, então peguei vocês assim mesmo.

- Poxa, a gente vai levar ocorrência por sua culpa!!

- Ah, problema de vocês...

- Você é muito chato mesmo, né?

- Maru, eu também tenho uma pergunta para você.

- O que é? -Disse ela de má vontade.

- O que faria se eu pedisse para namorar você? Aceitaria? – Perguntou ele, fazendo mais uma de suas brincadeiras sem graça.

- Não. Você é muito velho.

- Eu não sou velho, sou garotão.

- Garotão é sinônimo de mané, tá bom?
- Está me chamando de incompetente?
- Bem... Se a carapuça serviu...
- Pois eu gostaria de namorar você. E muito, sabia? – Disse ele, tentando se manter sério.

- É verdade? – Disse ela, um pouco incrédula.
- É sim. Você é linda, além de inteligente e bem humorada.
- Você está tentando tirar uma da minha cara, isso sim.

Heloísa, no banco de trás, ouvia tudo.

- Por que você está dizendo isso? Não acredita que eu estou loucamente apaixonado por você?

- Anh... Você está mesmo? – Maru ficou incrédula, mas ao mesmo tempo estranhamente animada. Será que ele estaria falando a verdade, sem brincadeiras?

- Sim, estou. Eu te amo, será que não vê? – Ele falou isso quase soltando uma gargalhada.

- Então, eu tenho que dizer... – Disse ela, pensando que ele falava a verdade.

- O quê?

- ...

Maru não disse nada. Ao invés disso, agarrou o pescoço de Amaro, e se pendurou nele, dando um abraço, sem perceber que tampou a visão dele.

- Maru! Dá licença! – Disse ele perdendo o controle do carro.
- O Quê? – Disse ela sem lembrar desse detalhe.
- Sai de cima!! Sai!!
- Aai!!!

O carro rodopiava pela estrada e Amaro não conseguia ver nada, porque Maru se agarrou nele, com medo de uma batida.

- Aai!!! O que está acontecendo?! – Disse Heloísa, sem entender nada.

O carro finalmente parou no acostamento, e Amaro respirava ofegante.

- Menina?! Você está doida?! Quase nos matou!!
- Ahn... – Maru olhou ao redor e se deparou com aquela cena toda, uma tanto envergonhada.

- ... – Amaro ajustou a marcha do carro, olhando para Maru.
- Me desculpe... Eu não pretendia provocar um acidente.
- Mas foi o que fez!

- ... – Maru se deu conta do que havia acontecido antes de quase baterem, e ficou furiosa!

- O que foi? Emburrou de novo? – Parecia que Amaro não se tocava de que já tinha sido idiota o bastante por um dia.

- É tudo culpa sua, chato!

- Ahn? Do que você está falando, está doida?

- Presta atenção no que eu vou falar! – Nesse momento, Maru não se conteve e puxou o freio de mão, fazendo o carro quase capotar. – Eu vou ser bem sincera com você!!

Amaro notou que ela estava MESMO com raiva, e com motivos. Heloísa ainda fingia que dormia, e ficou até com medo com o tom de voz de sua amiga.

- Você não tem o mínimo respeito por mim, vive me pregando peças e se achando o dono da cocada preta!!! Será que não respeita os outros?? Eu não sou nenhum animal pra você ficar me tratando como cachorro... Só sabe ficar fazendo essas brincadeiras sem graça para me magoar... Será que não vê que já passou a graça?? – Os olhos de Maru estavam vermelhos e marejados.

- ... – Heloísa não sabia o que fazer. – Maru...?

Ela se virou para o lado e começou a chorar.

- Não chora, por favor. – Disse Amaro se dando conta da seriedade da situação. Ela estava realmente magoada. Não era como nas outras vezes, quando ela levava na brincadeira.

O carro continuava parado no meio da estrada.

- Eu não queria te ferir... Me perdoe.

- Eu não quero... .. Falar... Com você... .. – Ela dizia, entre um soluço e outro.

- Eu não fiz aquilo por mal. Você me conhece. Sou um sujeito muito brincalhão. Não devia levar a sério tudo que eu falo.

- Não me interessa se você nasceu pra ser palhaço de circo... .. Eu sei que eu não nasci pra isso e não quero ser tratada como tal... Se você é idiota ou deixa de ser isso é um problema exclusivamente seu.

- Bem, bem, bem... Eu não vou mais ligar... – Disse ele, virando-se para o lado e tentando desviar a atenção. – Me desculpe, senhora-perfeita, por ser um cara bem humorado!!

- Isso já passou de bom humor, tá bom?! – Ela disse virando-se e encarando-o, com o rosto molhado. – Você é sádico comigo, fica judiando porque sou deficiente e não consigo arrumar namorado, e cisma em dizer que quer o

meu bem, que quer me namorar, uma porção de idiotices que me fazem mal...

- Calma, Maru... Ele não queria... – Heloísa resolveu intervir.

- Não é verdade!! Você sabe melhor do que eu que esse cara aqui do meu lado que eu não quero falar o nome me faz sofrer. E meu pai ainda paga por isso!!

- ... – Ela ficou constrangida.

- Da próxima vez que esse indivíduo fizer mais uma idiotice como essa eu juro que boto ele num foguete e mando ele pra lua!

- Ahahahah!!! Quer dizer que eu vou pra lua?! Pra ficar lá com seus parentes marcianos?

- Os marcianos são de Marte, seu bestão! – Ela gritou, com raiva.

- Já está falando comigo de novo! – Disse Amaro com um sorriso idiota.

- A melhor coisa que eu faço é te ignorar, sabia??

- Então ignore.

- Já estou ignorando.

- Mas ainda está falando comigo. – Disse ele, dando partida no carro.

- Eu já parei de falar. Vou parar agora, pronto.

- Mas falou de novo.

- Heloísa, você está ouvindo alguma coisa? – Disse Maru para Helô, ironizando.

- Sim, estou ouvindo a voz de Amaro em bom som.

- Pois eu só ouço um mosquitinho.

- Bem se você quer me ignorar, ignore. Eu só te peço perdão, mas sei que você não está ouvindo.

- ...

Ele parou o carro de novo.

- Desse jeito só vamos chegar no hospital no ano que vem.

- Poxa, Maru!! Me desculpa, tá bom?? Eu prometo que não faço mais isso com você... Eu gosto de você de verdade... Não é estranho se eu te trato como minha irmãzinha menor. – Disse ele, desviando. – Trégua? – Ele disse, estendendo o dedo mindinho, levemente flexionado.

- ...Tudo bem... Dessa vez é a última. – Ela disse, cruzando seu dedo no dele.

- Poxa, você ainda está com o rosto molhado... – Ele disse, passando a mão suavemente pela face alva de Maru.

- ... É... – Maru foi amena.

- ... – Amaro se calou e segurou o rosto pequeno de Maru em suas

mãos grandes.

- ... – Maru o olhou de soslaio, como um cachorro que acabou de apanhar e agora é afagado pelo dono. Heloísa se encolheu de volta no banco de trás do carro.

- Desculpa... Sério.

- Certo, Amaro. – Maru fechou seus olhos... Depois os desviou e observou a paisagem lá fora... A rua calma e sem pedestres.

Amaro se sentia um idiota. Ele não queria admitir, mas dessa vez ele realmente havia pisado na bola... Maru, apesar de turrone e infantil, sofria com os problemas de qualquer adolescente e somado aos que ela já tinha... Bem... Um problema daqueles não era fácil pra quem quer que fosse... E de um jeito ou de outro ele sempre estava a alfinetando. Sentiu-se então o pior ser do mundo. Segurando assim o rosto de Maru, tão jovem e bonita... Dizendo a toda hora que não. – Você é bonita, garota.

- Não... – Maru não estava sendo turrone mais... Ela não tinha muita motivação na vida.

- Ah. – Heloísa soltou uma exclamação seca, se calou... Estava rezando para que tudo desse certo para os dois.

- É. Você é... Eu queria evitar ser tão grosso... E bobo... Mas...

- Parece aqueles meninos idiotas de pré-escola.

- Eu sei... Mas a vida não é fácil pra todos.

- Pra ninguém.

- ... Mas... Olha... Não perca as esperanças, linda... Não as perca... Sempre haverá uma luz. Sempre haverá uma mão estendida pra te puxar pra fora do poço. Sempre...

- Não sei... – Maru se sentiu muito triste... As palavras de Amaro haviam a feito lembrar tantas vezes de quando ela precisou de uma pessoa para apoiá-la... E sempre ausentes...

- Força... – Amaro se aproximou e lhe deu um belo beijo no rosto, carregado de carinho.

- Hm... – Maru fremiu o nariz... Começou a chorar meio que sem querer... Mas a tristeza havia a tomado por inteira.

Amaro pressionou seus lábios, um contra o outro e tirou o cinto de segurança, depois, a abraçou com carinho, apertando-a contra seu peito e nada dizendo, apenas o calor de seu corpo grande a confortaria. Maru estava quieta, mas então, com suas pequenas mãos trêmulas, abraçou-o também, demonstrando enfim aquilo tudo que carregava dentro do peito... Não estava se importando se ele perceberia o quanto ela o amava...

Ou se estaria dando a ele mais uma oportunidade de chacota... O abraçou e pressionou seus olhos fortemente, sentindo a emoção daquele instante.

- Você vai ver... Eu vou te tirar sempre de onde estiver, mesmo que seja o pior lugar... – Amaro dizia baixinho com sua voz forte e altiva.
- Aham... – Afirmava ela, balançando a cabeça.

As horas se passavam em Maruland. Koba caminhava pela floresta, ultrapassava os limites entre as árvores, seu olhar violeta era vazio e fitava o nada... Assim que encontrou uma clareira formada por arbustos floridos, se sentiu intimamente impelida a entrar. Assim que o fez, Mathieu a fitou, junto com ele Dashin a esperava. Os cabelos longos e sedosos do homem sério corriam pela relva e brilhavam, seus olhos eram opacos e não tinham vida. Dashin observou Koba adentrar a cúpula de árvores. Ela era tão bela e inevitavelmente ele já a amava... Seus olhos assim como dos outros dois eram vazios e infinitamente mortiços. Eles se entreolharam e se puseram uns diante aos outros, as respirações se tocavam de tão próximos. Eles não precisariam dizer uma palavra que fosse, seus desejos e pensamentos estavam interligados, sabia por completo o plano, o que fazer... Como fazer. Eles tinham um objetivo traçado para obedecer a seus líderes, e fazer com que Maruland fosse próspera eternamente...

Lan estava pegando algumas vasilhas para Wan quando percebeu o céu ficar nublado e estranho, como nunca havia acontecido... Os raios solares passavam pelas nuvens e o carmim se fazia como sangue nas bordas fofas das nuvens. Era como o precipitar de cada gota do sol. Ele se apoiou na pia da cozinha para poder ver melhor, e até onde podia ver ficou chocado. Eram grandes asas que partiam de dentro da floresta, e como numa iluminação solar se abriam, derramando as penas pelas folhas, quase etéreas. A luz iluminava o centro, mas... O que havia no centro?

- Certo... ... Eles até agora não voltaram... – Aoi se sentou na cama fofa do quarto luxuoso e coberto de fantasia, seus cabelos azuis muito claros caíam sobre seu ombro, era terrível pensar nos acontecimentos com seus irmãos na terra, sem que nem mesmo se mostrassem... Penélope já estava desconfiando... A situação não seria fácil e ele queria o livro pra si. Quando tateou e massageou seus cabelos por um tempo escutou um barulho estranho, as luzes do quarto falharam e uma escuridão estranha se seguiu. Aoi se levantou mais que depressa e correu até a janela para checar o que estava acontecendo. Foi recebido por uma visão perturbadora, eram

asas enormes se abrindo, a partir do chão, no meio da floresta, e a luz só emanava para iluminar o ponto central.

- O que é isso?? - Ele se esticou e ficou na ponta dos pés pra tentar entender direito do que se tratava. - Droga... Onde estão Send e Cherry?

Cherry corria pela rua, ao seu lado Send a seguia olhando ao redor...

- Cherry, nós vamos ser percebidos, que maluquice é essa...

- Eu não sei, irmão... Eu estou com péssimo pressentimento.

- Como o que? Eu não queria voltar à casa de Maru, depois do que escrevemos ela pode estar lá...

- Eu preciso falar com o Felipe. - Cherry ficou séria, pisando na grama molhada que havia em frente à casa de Maru. Seu vestido apertado revelava suas formas sedutoras, que não eram as de Sônia. Um vestido chinês muito bem feito com detalhes em dourado, bem preso ao pescoço. Seus cabelos curtos e muito vivos percorriam seu rosto na brisa da tarde que se iniciava.

- O quê? ... Ele não pode te ver assim.

- Eu não sei... Eu estou pensando... - Ela se virou para Send. - Você não acha que vai acontecer alguma coisa? Estou tendo um pressentimento...

- Mas como assim? - Send não acreditava em nada dessas coisas, fitava Cherry com curiosidade.

- É... Olhe!!! - Cherry viu algumas penas caindo do céu.

- ãhn? - Send se virou para olhar para onde a irmã apontava. O céu estava ficando escuro, era como um eclipse.

- O que está acontecendo? - Ela disse, quase desesperada. Era o cheiro das rosas e do chocolate sempre presente em Maruland.



CAPÍTULO V

AS PLUMAS BRANCAS DAS ASAS DO DESTINO

O céu estava escurecido e estranho, Maru, Amaro e Heloísa entraram no hospital antes que tal fato ocorresse, e foram direto para a recepção. Amaro seguiu empurrando Maru com paciência e bons modos já que a discussão no carro fora bastante acalorada. Ele se aproximou do balcão e perguntou à enfermeira:

- Boa tarde, senhora, tem uma menina chamada Penélope neste hospital, em que quarto ela está?

- O senhor não sabe o sobrenome?

- Ahn... – Amaro pensou por um momento no quanto poderia estar sendo ridículo.

- Moça... – Maru se esticou e tomou a frente. – Ela é da minha classe e tem a minha idade... Eu não sei o nome dela, mas eu quero fazer uma visita. Ela tem uns problemas com comas constantes... Será que não tem nenhuma menina por aqui com essas características?

- Ahn... Que gracinha... – A moça sorriu com o sorriso fácil e inocente que Maru expressava, era perfeitamente simples conseguir compaixão de qualquer um, ainda mais estando numa cadeira de rodas. – Ela está no terceiro andar, podem ir até lá, quarto 404. Ela mudou de quarto recentemente, tem tido algumas melhoras... Mas nada com que seus pais possam se animar.

- Ela sempre foi assim? – Perguntou Amaro.
- Desde que nasceu essa menina tem uma saúde muito frágil... Parece que o corpo dela não tem forças para viver.
- ... Vamos, Maru?
- Vamos... – Disse ela, respondendo Amaro. Heloísa se segurava na cadeira de Maru como um encosto, sabia muito pouco sobre o hospital, somente o número e o andar do quarto de Henrique.
- Maru... – Era Heloísa. – Será que você podia me ajudar a ir ver o Henrique?
- Você, hein? – Ela riu.
- Olha... É importante, vamos lá comigo. É neste andar mesmo, quarto 102.
- Tá... Amaro, vamos lá levar ela?
- Vamos... – Amaro disse paciente. Afinal tinha que ajudar com os caprichos das meninas...

Os três foram andando até que cruzaram um corredor amplo em que os médicos e enfermeiras passavam rapidamente. Em pouco tempo Maru pode ver o quarto que sua amiga falou e a colocou em frente a ele, postando-a com a ajuda de Amaro.

- Pronto, Helô, é só você abrir a porta... Dentro de uns quinze minutos nós voltamos... E não quero pegá-los no flagra! – Ela disse, rindo.
- Maru... – Heloísa se virou para onde sentia vir a voz da amiga. – Eu quero falar uma coisa com você.
- O quê?
- Amaro... Você pode esperar ali no corredor?
- Tá... CLARO... – Amaro viu que realmente eram muito petulantes e deixou-as sozinhas para fofocarem em paz... Não devia ser mesmo algo interessante. Era melhor ficar longe. Assim caminhou tranquilamente.
- Maru... – Heloísa bateu até encontrar a mão da amiga, e segurou-a na sua. –Olha, é muito importante.
- Você tá me deixando preocupada Helô! – Maru via que a maneira da amiga, como ela franziu o cenho, dizia-lhe que não era um assunto nada bom...
- Maru... – Ela se abaixou e ficou ali em frente. – Olha... Eu queria me despedir de você.
- COMO É QUE É? VOCÊ TÁ DOIDA? – Maru, se pudesse mexer as pernas, daria um pulo de susto.
- É... Eu vou fugir com o Henrique.

- Não! Isso é loucura!
- Não... Se eu não fizer isso eu quero ficar em Maruland. E eu não quero dormir pra sempre...
- ... Amiga! Helô! – Maru se empurrou com os braços e abraçou a menina, totalmente emocionada. – Você faz falta! O que vai ser de mim sem você? Eu... Eu não tinha amigos, você me ouviu, nós somos unidas... Eu... – Ela se debulhava em lágrimas.
- Maru... Olha... – Heloísa abriu seus olhinhos cegos, estava começando a chorar junto. – Eu devo fazer isso. Eu sei que é uma infantilidade, mas é melhor que seja... Bom, já não temos mais idade pra dizer que é criança.
- Não... Você nem sabe se ele vai querer... É bobeira!
- Não... Você vai visitar a Penélope, entende... Se quando você voltar eu não estiver aqui, eu estou me despedindo agora.
- Helô!!! – Maru abraçava a amiga como se ela fosse sumir diante de seus olhos.
- Eu te adoro, Maru. Mas eu tenho que fazer isso antes que minha mãe descubra e não possamos nos ver nunca mais. Dê-me um adeus.
- Não quero!
- Vamos... – Heloísa não conseguia falar muito, as lágrimas haviam tomado sua garganta.
- Não... Eu quero que você fique comigo... Vai morar lá em casa!
- Eu não posso...
- ... Heloísa... Você é uma irmã pra mim.
- Você também é uma irmã melhor do que se eu tivesse uma de verdade.
- ... Não quero te dizer adeus. A gente vai se ver de novo e adeus são eternos.
- ... Então dá tchau.
- ... Tá... Tch- - - ... – Maru começou a chorar desconsoladamente, fungando e frendo o nariz.
- Tchau, Maru... – Heloísa engoliu o choro com firmeza e deixou a amiga corretamente sentada na cadeira de rodas. Maru passava os cotovelos no rosto, limpando as lágrimas.
- ... Vê se liga... – Disse Maru se recuperando.
- Claro... A gente não vai perder contato, sua boba.
- Tá...
- E se meus pais perguntarem, diga o que aconteceu, mas diga que fomos para o Sul.

- Por quê?
- Porque vamos para o Norte...
- Nossa... Como você é esperta, Helô.
- Não... Não sou. Eu vou entrar agora... Minha vida vai mudar...

Maru... Cuidado com os rumos que tomar na vida... Tá?

- Tá... – Maru viu Heloísa girar a maçaneta e entrar, atrapalhadamente. Era uma triste visão, ainda mais para ela que sempre a amparava onde estivessem. Depois ouviu os passos de Amaro cada vez mais próximos e decidiu pôr um fim de vez à sua choradeira.

- Maru... Vamos... Também não tenho o dia inteiro e mais tarde tenho que passar no banco e pagar umas contas. – Ele segurou na cadeira e a virou, indo na direção do elevador... Assim que o fez notou o rosto avermelhado da menina.

- Que foi, Amaro?
- Você estava chorando?
- Não...
- Por que, o que que a Heloísa queria contar pra você?
- Nada... Vamos logo... – Maru ficou um pouquinho amarga com a situação. Havia perdido sua amiga e irmã, Heloísa.

- O que é isso? – Aoi surgiu na varanda que dava acesso ao restante da escola. Logo Lan surgiu, o menininho vinha correndo apressado.

- Aoi, o que está acontecendo?

- Eu não sei, menino... – Aoi fitava, estava tudo escuro, só havia a luz que iluminava o centro das asas.

- ... E a princesa Penélope?

- Também não sei. – Aoi continuava intrigado, assim como toda a população da escola, que começou a se aglomerar no pátio.

- Aoi! – Wamp gritou, pisando no piso caramelo da varanda.

- Ahn? – Aoi olhou Wamp, com certeza não era hora de Maru estar dormindo...

- O que está havendo? – Wamp perguntou, ajeitando o chapéu comprido.

- Ahn... Como? – Aoi não conseguia assimilar as informações.

- Responde... Onde está a Penélope?

- Não sei...

Os passos que se seguiram também ecoaram no corredor, eram Nori e Wan, ambas estavam preocupadas e seus semblantes se mostravam da

mesma forma.

- Wamp, que está havendo, por que esse céu escuro? – Nori perguntou um pouco aflita, ajeitando seus cabelos verdes na tiara vermelha.

- O Aoi não sabe de nada... Não encontrei também Cherry e Send... Não sei... E nem mesmo Penélope.

- ... Nossa, vejã! – Wan apontou para a luz que emanava do céu, do centro das asas subiam três vultos.

- O que será aquilo? – Perguntou Lan para quem pudesse responder.

Mas ninguém podia, ninguém entendia. Muito menos Aoi, que se perguntava o porquê de todas as conversões estarem acordadas. Uma gota de suor escorreu pela sua testa, ele se lembrou de seus irmãos que deveriam estar na terra. Mas por que ainda não haviam voltado?...

Cherry e Send observavam o clarão no céu, Cherry parecia perplexa, mas não tanto quanto seu irmão. Ele sim estava horrorizado com o que parecia ser o fim de algo. Cherry foi até a porta da casa com muita paciência e decisão. Quando colocou os sapatos finos sobre o tapete de entrada, deu dois toques delicados.

- Felipe... – Ela disse baixo.

- Já estou indo... – Pôde-se ouvir lá de dentro. O Céu parecia ficar cada vez mais escuro e as nuvens mais turbulentas. Os cabelos de Cherry começaram a tomar seu rosto, enrolando-se com o vento que soprava com mais intensidade. Ela olhou para Send. – Send. O que pode ser isso...

- Eu não sei, minha irmã.

- Onde está Penélope? – E então Cherry foi surpreendida pela porta que se abriu em frente a ela. – Ahn. – Ela se virou, observando Felipe.

- ... – Ele a observou como a uma estranha, embora sentisse que algo de íntimo havia naqueles olhos vermelhos e estranhos. – Pois não?

- Preciso falar com... Você.

- ... Bem, qual seu nome?

- Cherry.

- Por favor... – Mesmo achando estranho ele pensou que não passava de nada... – Entre, por favor. – Ele abriu a porta e pediu pra que a estranha mulher entrasse. Antes que a porta se fechasse, Cherry fitou seu irmão uma última vez. Ele parecia seriamente entristecido com algo.

- E então, Maru... – Amaro parou a cadeira de rodas em frente à porta do elevador. Na afobação, planejou que assim que abrisse saíam.
- Que foi?
- Uhn... – O sinal do elevador se anunciou e assim que a porta abriu eles saíram, deixando-o vazio. Amaro e Maru sentiram uma sensação estranha.
- O-O que... – Maru olhou para os lados, as paredes dos corredores pareciam tridimensionais e transparentes, com várias ligações em roxo e neon, num breu negro que parecia o espaço sideral.
- Droga... – Amaro não entendia nada. Sentiu cair sobre ele um ar estranho, a atmosfera do ambiente estava pesada.
- Amaro... – Maru virou seu rosto e olhou Amaro, mas este também a olhou sem nenhuma resposta.

A grande luz se expandia belamente, como um portal belo, trazendo uma melodia fúnebre tocada por coros de órgãos. Penas espalhavam-se pela cidade, três formas começaram a surgir dentre a luz, vindas do céu fluando. Pontos pequenos naquela imensidão negra que havia se formado. Pessoas do mundo inteiro adormecidas, as batidas começaram no trânsito, acidentes. O mundo estava sendo tomado por uma névoa do sono, tragédias incríveis se propagaram, os metrô se colidindo, aviões caindo... Mas não era o bastante. Do alto do céu caíram três pessoas. Koba, Dashin e Mathieu olharam ao redor assim que colocaram seus pés sobre o prédio mais alto da cidade onde morava Maru. Os três tinham a tarefa de fazer Maruland mais feliz e mais feliz, eternamente.

- E então, Koba. – Perguntou Dashin, totalmente apaixonado, mesmo sem saber o porquê.
- ... Vamos, você. – Ela se virou para o rapaz de cabelos ruivos. – Invoque granizo que cubra todo este continente.
- Sim. – Dashin ergueu seus braços e estendeu seus dedos no ar. Seus olhos se esbaquiçaram e raios começaram a chover do céu.
- Você. – Ela olhou para Mathieu. – Revolte os mares para que ninguém em nenhuma parte fuja.
- Sim. – Ele fechou suas mãos numa só comunhão, seus cabelos se agitaram como água.
- Vulcões e fogo brotarão do chão. – Ela fechou seus olhos, estendendo as mãos para os lados. Os tremores começaram no asfalto.

- Aoi!!! – Wamp foi até Aoi e o sacudiu. Este estava totalmente bêbado com a visão.

- Ahn? – Aoi virou-se para Wamp, seus cabelos batiam em seu rosto.

- Era aquela menina que eu vi!!! Ela estava na floresta, de onde ela veio??

- Eu não sei, me larga! – Aoi segurou as mãos de Wamp e as jogou para o lado, se livrando.

- O que você sabe sobre isso? Você toma conta de Maruland!

- Eu não sei de nada... – Aoi começou a falar de modo choroso... Quería muito apoio agora. O que estava acontecendo?? Por que as três formas foram para a Terra?

- Mas... O que... – Wamp se virou e viu várias conversões vindo do norte das terras, pareciam se arrastar.

- ... – Aoi se virou e viu o mesmo.

- O que é que está acontecendo?? O que eles estão fazendo na Terra?

- ... – Aoi não conseguia mais falar nada.

- Terra? – Nori se aproximou de Wamp. – O que é Terra?

- Ahnn... Por quê? O que está acontecendo? – Wamp se rendeu aos sentimentos mesmo que não quisesse, abraçando Nori.

- Wamp... – Nori não entendeu, sentindo os cabelos lisos de Wamp lhe tocarem a face.

- Não sei... Pode ser um mal-presentimento, mas acho que está tudo ruindo... – Disse Wan, segurando a mão de Lan.

- Wan... – Disse o menininho, olhando para cima, para ver o rosto da jovem.

- Não fique com medo, meu anjo.

- Ta... – Mas mesmo assim ele ainda estava confuso, como o restante dos presentes no castelo.

- Aoi. – Disse Wamp. – Se você quiser ajuda nossa para algo, melhor falar do que se trata.

- Mas... Eu não sei do que você está falando... – Disse ele, dando alguns passos inseguros.

- Não se faça de sonso. Vamos... Não sei o que está havendo... Mas não é algo corriqueiro.

- ... – Aoi se virou para ver o rosto de todos aqueles de quem tinha raiva. E tinha raiva porque eram almas bobas que procuravam a felicidade em sonhos, enquanto ele não tinha nem mesmo uma realidade. Aoi sentiu um aperto no coração, mas sabia que todos ali eram tolos, inclusive ele, que depois de tanto lutar contra sua realidade ainda era teimoso. Lágrimas lhe rolaram pela face macia e ele prendeu os lábios um ao outro. – Eu... – Sua

voz era trêmula e insegura. – Eu... Eu quero a ajuda de vocês.

- Vamos ajudá-lo. – Nori foi até Aoi, com quem nunca teve uma cordialidade.

- Certo... Bem... Eu estava precisando de ajuda para administrar Maruland, Penélope nos deixou com todo o trabalho. Decidi criar Koba... Um daqueles vultos que Wamp e todos nós vimos é ela. Ela é muito poderosa e ficou incumbido que ela deixasse Maruland melhor do que já é... Fizesse uma boa administração. Cherry e Send também fizeram o mesmo... Mas acho que não entenderam o sentido da coisa. Wamp... Eu acho que eles foram à Terra para trazer todas as pessoas para Maruland.

- Mas como assim, isso é possível? – Disse ele, com Nori nos braços.

- Eles vão matar a todas as pessoas e mandar suas almas para cá.

- Não é possível! Maru!

- Ela também corre perigo... – Aoi viu-se cansado com tudo aquilo e se sentou.

- E como vocês criaram isso?

- ...

- Foi o livro?

- ... Ora...

- Foi!!! Eu sabia! Era isso que você estava procurando na casa da Maru!

- Pare... – Aoi ficou entristecido.

- Ora! – Wamp partiu para cima, segurando-o pela gola da camisa fina.

- O que você quer de mim? – Disse ele choroso.

- Você é sempre tão egoísta? Era isso que você queria, se livrar das suas responsabilidades o tempo inteiro?! Não acredito! Tudo! Você estava cercando Maru pra pegar o livro e escrever essa simples sentença idiota que te livraria das tarefas? O que era?

- Me solta... – Aoi nem mesmo tinha mais vontade para falar.

- O que ERA???

- Eu só quero ser alguém... – Aoi descarregou o choro, cedendo as pernas e ajoelhando-se sobre o piso, Wamp ainda segurava a gola da camisa... – Eu não tenho responsabilidades... Eu só quero ser alguém... Eu vivo pra vontade dos outros... Eu não sou um fantoche... Ahnnnnn..... – Aoi chorou desesperadamente, caindo no chão com o corpo completamente mole. Wamp o olhou, compreendendo completamente. A injustiça dos fatos e de Penélope faziam com que ele parecesse o tempo inteiro um vilão. Ele era mais humano que muitos.

- Wamp... – Nori não compreendia coisa alguma do que falavam, assim como os outros dois.

- Nori... - Wamp virou-se para ela. - Temos que ir para a Terra.
- Mas o que é a Terra? Eu não estou entendendo nada.
- Nem eu... - Disse Wan, aproximando com Lan.
- Eu também não tô entendendo... - Disse Lan.
- Eu vou falar, mas preciso que entendam sem que isso interfira na nossa vida aqui. Pode ser estranho.
- Wamp... - Nori se aproximou. - Eu realmente não sei o que está havendo... Mas tem alguma relação com toda aquela sua busca?
- Tem... - Wamp fitou a luz que se estendia pelo céu, sumindo em meio às nuvens. - Olhe... Olhem vocês também, Wan e Lan. Tem coisas que precisam saber agora antes que seja tarde demais.
- O que é? - Wan se aproximou, Lan se encostou a ela, olhando docemente para o mago.
- Bem... - Wamp olhou para Aoi, que se levantava. - Não é muito fácil de dizer isso... Mas eu vou tentar ser o mais claro possível. Vocês sabem... Quando somos envolvidos por uma grande onda de sono?
- Sim... - Lan se adiantou. - Isso já aconteceu comigo, eu estava no quarto sozinho quando comecei a dormir sem querer!
- Verdade. - Disse Wan. - Um dia estava fazendo um bolo e desesperadamente tive que começar a procurar uma cama... Estava morrendo de sono...
- Isso acontece com todos aqui menos com Aoi e os irmãos dele.
- Até com Penélope? - Perguntou rápido Nori, segurando no braço de Wamp.
- Sim. Ela é uma de nós, mas eu não sei ainda por que é especial.
- Mas... Como assim... Do que... - Nori ficou confusa, observando o piso quadriculado de branco e negro. - Do que se refere quando dizemos “nós”?
- Somos ... Conversões.
- Ahn? - Nori o olhou estranhamente, assim como Lan e Wan.
- Conversões? - Lan se aproximou.
- Sim. Nós não somos pessoas completas. Somos parte de alguém.
- Mas o que que está dizendo, Wamp? - Wan parecia confusa.
- Vejam aquilo no céu. É um portal. Vocês me compreendem, não é? Bem, pensem: até para nossos olhos Maruland parece irreal. Não existem fronteiras... As coisas parecem por demais nebulosas, vocês nunca pensaram nisso? - Disse Wamp.
- Verdade, mas que você pensa em dizer sobre Conversões? Wamp, isso quer dizer que não somos pessoas completas? Mas... Veja... Somos de carne e osso. - Wan se analisou, apertando o braço com a mão.
- Sim, somos. Mas... Não somos completos. Pertencemos a um

mundo de sonhos, que é Maruland.

- Mas isso não tem lógica. – Disse Nori.

- Tem. – Entrevi Aoi, pousando sua mão fina no ombro de Wamp.

- Vocês são a alma de uma pessoa que vive na terra. É isso.

- Isso... É inacreditável. – Lan colocou a mão na boca, suspirando de pavor.

- Vivemos numa realidade de sonhos. Existe... Mas... Está na mente de Penélope. – Disse Aoi, tentando revelar a pequena verdade que sabia.

- Mas vocês sabiam disso o tempo inteiro? – Perguntou Nori, olhando para ambos.

- Não. O Wamp não sabia. Ele desconfiava, mas preferiu se calar quando percebeu que esses fatos poderiam influenciar na vida de vocês aqui. – Disse Aoi novamente.

- Mas... Com nunca soubemos? Estamos sendo manipulados? Não temos vontade própria? Oh... Droga... Estou confusa... – Disse Nori, baixando a cabeça.

- Eu acho que nunca fomos manipulados, Nori. – Disse Wan. – Estamos sós numa realidade bonita que uma pessoa sonhadora imaginou.

- Mas, e quem somos nós aqui? – Perguntou ela.

- Vocês são os desejos de pessoas infelizes, que em seus sonhos buscam uma fuga de uma realidade injusta. – Disse Aoi, fechando os olhos.

- É... É difícil pensar que... Não se é o que é. Não vou ser Nori porque Nori não existe? – Disse ela, estava quase chorando, seus olhos caramelo estavam marejados. Ela se refugiou incrivelmente nos braços de Wamp, deixando de lado todo o orgulho que tinha.

- Não. Vocês são a verdadeira essência pura de personalidade dessas pessoas. São o resgate de toda a lama da humanidade. A terra é muito bela, mas tem os horrores das mentes egoístas.

- Você é um egoísta. – Disse inocentemente Lan.

- ... Não fale isso dele, meu anjo. – Disse Wan, afagando o menino. – Ele não tem culpa da vida dele. Ele só quer a felicidade. Como todos querem.

- Mas... Maruland não é felicidade? – Ele olhou o rosto da jovem.

- Mas a felicidade nem sempre é igual pra todos.

- Então... – Disse Wamp. – Vamos fazer algo pela terra?

- Vamos. – Disse Nori, abraçada a ele. – Se a pessoa que me abriga dentro dela está lá eu tenho que fazer tudo para salvar a vida dela. Eu não estaria aqui sem ela. É o meu corpo, não é isso? – Ela sorri, deixando as lágrimas caírem pelo rosto, serenamente.

- Sim. – Disse Aoi. – Vocês devem salvá-los. Isso nunca deveria ter

acontecido e agora eles não podem pagar pelos erros... – Aoi caminhou calmamente, seus sapatos marrons tocavam fazendo barulho. – Afinal, temos que lutar pela felicidade deles.

- Oba. Nós vamos para a Terra, Wan? – Disse Lan, saltitando. Sua roupa escolar azul balançava com seus movimentos.

- Vamos... Vamos salvar nossos sonhos. – Ela sorriu, abaixando para abraçá-lo.

- Então... – Se prontificou Wamp. – Vamos... Devemos ir da maneira mais rápida, o espelho.

- Certo. – Disse Aoi, conduzindo-os até o local.

- Então... Sente-se. – Disse Felipe, mostrando o sofá para Cherry.

- Obrigada. – Esta se sentou, cruzando as pernas grossas e bem torneadas. Felipe se sentou ao lado dela no outro sofá.

- Bem... Sobre o que quer falar? – Ele estava a achando estranha, mas hoje em dia tudo é possível, não é mesmo?

- Bem. – Ela ajustou a saia para que ficasse o mais bem comportado o possível. – Tenho que lhe falar algo sobre Sônia.

- O que tem minha noiva? – O homem disse um pouco assustado.

- Ela. Ela... – Cherry olhou para os lados, não sabia bem como dizer aquilo. Até para ela era fantasioso demais.

- Ela... Não me diga que se machucou... Ou que... Oh Deus!

- Não, não é isso. Eu a conheço muito bem. Ela o ama.

- O que aconteceu com ela?

- Tenha calma, por favor.

- ... Certo...

- Eu tenho um aviso dela.

- ... Sim... – Felipe começava a se entristecer.

- Ela me disse que terá que fazer uma viagem muito longa e não sabe quando volta. – Cherry sentia seu coração bater muito forte dentro do peito, era vivo e quente. Suas mãos gelaram. Os olhos de Felipe começavam a marejar com aquelas palavras, ela não conseguia pensar, mas sabia que tinha que prosseguir pelo bem de ambos. – Ela vai partir e me disse... Que te...

- Ela não me ama. – Felipe derramou lágrimas serenas. Moldavam seu rosto ao longo da pele macia...

- Não. – Cherry se adiantou.

- Mas ela não veio me dizer adeus. Nem ao menos tem consideração quando parte o coração de um homem.

- Ora... – Ela disse, com a voz um pouco trêmula.
- O que... – Felipe a olhou, percebendo em seus olhos a mesma tristeza que havia nos dele.
- Você não a ama.
- Por quê?
- Senão a reconhecera quando estivesse lhe dando adeus... – Cherry derramou lágrimas. Franzia o cenho com vergonha, suas sobrancelhas tinham verdadeira agonia.
- ... Sônia? – Ele se aproximou, segurando nas mãos dela.
- ... Sou uma aberração... – Cherry sentia a batida de seu coração como um tambor, era muito nervosismo.
- Cherry, a bela que possui os segredos das cerejas, então é verdade... O livro... – Felipe sorriu com alegria.
- O que... O que está dizendo?
- Pensa que nunca li o livro, realmente? – Ele afagou o rosto dela.
- Mas...
- Por que estava escondendo tanto?... Pensei que nunca me diria.
- Mas o quê... – Cherry não entendia nada, parecia bom demais.
- Eu sei que você e Sônia são a mesma. Maru me disse que tinha visto aquilo no jornal, eu também li. Eu pesquisei, mas não disse a ninguém. Eu li no livro. Eu nunca estive enganado. Você teve coragem de me dizer tudo.
- Mas não... Estamos errados... Eu não posso ficar com você, eu não sou humana!! Aquele corpo... Pertence a outra pessoa!!
- Mas e este corpo em que você está?
- Ele não tem vida... – Cherry dizia como uma criança boba.
- Tem. – Felipe aproximou as mãos da mulher para perto de seu próprio peito, e o que ela ainda não havia percebido se anunciou com uma explosão de emoção, seu coração batia.
- Oh. – Ela disse baixinho, as lágrimas caíam como se estivessem sendo desenhadas por mãos calorosas.
- É uma humana. É uma humana que pode amar. É humana...
- Felipe! – Cherry se ajoelhou em frente a ele, simplesmente deslizando pelo sofá. O abraçou com intensidade, desejava tanto aquela simples felicidade e almejava tanto, que quando alcançou nem havia percebido. Era simples e puramente... Humana. No seu peito o coração batia caloroso, espalhando em seu corpo sangue, tornando-a material e única, livre, de arbítrios e ordens, para ser feliz e viver intensamente cada segundo

daquela felicidade. Ser viva.

- Eu te amo... Case-se comigo. Por favor.
- Ahn... – Ela sorriu chorando.
- Você me resgatou do poço mais profundo da amargura... Devolveu-me vida, vontade e muita alegria. Obrigado... Por existir.
- Agradeça... A Penélope. – Disse ela, brincando.
- Agradeça ao destino... E quem o move com suas mãos do tempo.
- Ele a abraçou. – Deus.
- Eu te amo. – Cherry o abraçou. – Quero sim me casar com você, Felipe.
- Sônia... Cherry... – Disse Felipe, olhando nos olhos rubros da mulher.
- Sim.
- O que vai acontecer se um dia Maru não quiser mais voltar? De Maruland...
- Eu não sei, meu amor. Vamos deixar que ela seja feliz na terra. Se ela não conseguir, não podemos lutar contra.
- Mas não quero minha filha perdida para sempre.
- Ninguém deseje isso para a doce Maru, Felipe. Eu a amo... Eu a defendi o quanto pude.
- Eu sei, estive lendo... – Disse ele, sorrindo.
- E por que então você nunca foi convertido?
- Porque... Eu já encontrei a minha verdadeira felicidade, Cherry.
- Cherry... – Ela sorriu.
- Este é seu nome, não mais precisar inventar um, querida. – Ele acarinhou seu rosto.
- Obrigada... – Disse ela, segurando a mão carinhosa de Felipe.

Eles se abraçaram com intensidade. Cherry tinha conseguido sua felicidade por méritos próprios e utilizando seus meios, sem ferir ninguém. Tão simplesmente, era amar alguém. Amar alguém, mesmo sem precisar ser amado. A felicidade pode ser realmente amar uma pessoa, sem sequer exigir algo em troca. Um sentimento que poderia despertar os desejos e tirar uma pessoa de objetivos malignos como ela poderia ter. Talvez fosse falsa no início, mas com o tempo a lasciva Cherry se tornou uma pessoa de alma e corpo, inclusive, se livrando da estirpe que tinha de si mesma. Não mais uma inescrupulosa, ela desejava fazer alguém feliz.

Amaro abriu a porta do quarto em que deveria estar Penélope, ele e Maru foram recebidos por raios de sol que vinham da janela, muito diferen-

te daquele ambiente estranho que havia no corredor. Ele e Maru olharam ao redor, Amaro deixou a porta aberta, ainda desacreditado daquela imagem deformada do corredor. As enfermeiras estavam todas pelo chão, era como se estivessem adormecidos em pleno serviço.

- Amaro, isso é um sonho? – Perguntou Maru, docemente, enquanto olhava aquela pessoa em cima da cama. Os lençóis cobriam seu corpo frágil, escondendo o rosto ainda.

- Não sei te responder, Maru... Mas... Não parece realmente a realidade.

- ... O que vai acontecer... ?

- Não sei. O que você tem para falar para Penélope?

- Eu... Eu realmente não sei, Amaro. Acho que só estou aqui por causa da Heloísa.

- Mas... Você... – Amaro observou o ambiente e aquela sensação toda que ele provocava. Era como sucumbir nas areias do tempo.

Wamp, Wan, Lan, Nori e Aoi ultrapassaram os limites do espelho de prata, logo estavam com seus pés sobre a terra. Os sapatos pretos colegiais de Nori e Wan se molharam com o sereno ainda na relva do cemitério. Ambas vestidas com seus uniformes azuis de Maruland. Wamp sabia que estava certo sobre tudo o que havia dito, mas se perguntava o que estaria acontecendo e como tudo aquilo terminaria. O que estaria acontecendo a Maru.

Aoi pensava também. Em seus irmãos principalmente e em como eles deveriam estar. Seus planos de felicidade haviam se colidido com o restante, e ele realmente não sabia que tudo aquilo poderia ocorrer. Além disso, as conversões todas ali, acordadas... Isso não geraria um paradoxo?

- Vamos... – Aoi mostrou a todos o ambiente que se formava na cidade. O vento passava pesado e o céu estava tomado por raios que caíam sem dó, sobre vários pontos a Leste e à Sul. As nuvens eram como redemoinhos em turvo violeta. Chovia um pouco, molhava os cabelos dos cinco, jogando-os contra seus rostos. – Está muito perigoso aqui. Acho que vão querer revidar se quisermos frustrar os planos deles.

- Eles são muito poderosos? – Perguntou o inocente Lan.

- São. São mais fortes do que eu e meus irmãos. Mas não fiquem com medo.

- Não estamos com medo! – disse Nori.

- Eu não sei o que vocês estão sentindo... Mas eu estou com medo.

- Disse Aoi, observando-os serenamente.

- Calma. - Wamp colocou a mão no ombro de Aoi. - Nós vamos conseguir salvar a humanidade. Ela não pode pagar por nossos erros.

- Desculpem-me. - Aoi baixou a cabeça. A chuva molhava seus cabelos desiguais.

- Tudo bem. Vamos, chame seus pombos para nos ajudar. Todos aqui podemos fazer algo e ajudar. Nós vamos conseguir... Não é? - Wamp sorriu, tentando passar alguma confiança para todos. - Mas este livro vai ter que ser destruído. Não é possível um poder tão grande de criação.

- ... Destruído? - Perguntou Aoi, que ainda tinha seus planos.

- Um livro, Wamp? - Perguntou Nori, a chuva castigava seu rosto.

- É, Nori... Existe uma linda menina chamada Maru, e ela tem um livro que parece ser uma das chaves para Maruland. Maruland está escrita nesse livro, e eu sou a conversão da Maru.

- Então quer dizer que você é... Isso explica o favoritismo e... Quem é Penélope nisso tudo?

- Henrique? - Heloísa abriu a porta do quarto.

- ... Heloísa? - Henrique se virou, estava arrumando suas coisas para deixar o hospital.

- O que você está fazendo? Quer ajuda para se levantar da cama?

- Ela andava com fragilidade, procurando as coisas com as pontas dos dedos. Chegou na cama e segurou nos metais, apoiando uma imagem que fazia do quarto.

- Não, minha linda... Eu vou sair, fui liberado, liguei pra sua casa hoje de manhã e você já tinha ido pra aula. Onde estão seus pais?

- Bem... Eles não vieram.

- E como você veio aqui? - Henrique chegou perto de sua namorada, abraçando-a e levando sua cabeça em seu peito adulto.

- O Amaro me trouxe junto com a Maru.

- Então fala pra eles entrarem... Não?

- Eles subiram pra ver outra pessoa... - Heloísa trazia em seu semblante uma emoção distante, preocupada.

- O que foi? - Henrique logo percebeu. - Está calada...

- É uma coisa.

- Vamos... Fale meu anjo... - Ele beijou sua testa com doçura.

- Você... Me ama?

- Mais do que qualquer coisa. Por quê? – Ele afagou os cabelos lisos e muito finos dela.

- Vamos fugir juntos, então?

- Fugir? Heloísa, de onde você tirou isso?

- Eu estou falando sério, Henrique. Eu não sou uma boba. Eu sou já uma mulher, eu sei do que eu estou falando.

- Sim... – Disse ele, escutando com calma.

- Sabe... Eu quero ir para onde for com você Henrique. Se as coisas acontecerem da maneira normal nunca ficaremos juntos. Nunca. Meus pais saberão logo que temos um romance, isso se percebe... Você vai perder seu emprego e eu ficarei isolada sem poder vê-lo. Isso seria o maior pesadelo para mim.

- Você está certa, bonequinha.

- Eu pensei muito, Henrique. Vamos fugir... Para a casa de seus pais, você me disse que eles são muito legais.

- Você quer ir pra longe assim?

- Não quero ver meus pais nunca mais se for para ver você todos os dias.

- ... Amor... – Ele se abaixou e afagou seu rosto. – Eu vou fazer isso, e mesmo que possa ser preso por seqüestrá-la... Eu não ligo em correr tal risco.

- ... Eu sei... – Ela sorriu de modo estranho, nunca soube realmente como seria um sorriso.

- Vamos pegar meu carro agora e partir para longe, para as montanhas, onde meus pais moram. É uma cidade do interior... E precisam de médicos lá, acho... – Henrique a olhava com verdadeira emoção.

- Henrique... Desculpe-me essa decisão, eu nem te perguntei se você queria, parece que estou te forçando falando tão determinada...

- Não. Era isso que ia acontecer mesmo se não fizessemos algo. É a melhor solução, e você sabe que está certa.

- Não posso desistir do meu amor por você.

- Eu não posso fazer isso, senão acho que morreria de desgosto. – Henrique se abaixou e a pegou no colo, como sua noiva. – Eu vou levá-la para o carro e partiremos para muito longe... Onde serei seu homem... – Ele sorriu, beijando-a com leveza e serenidade ímpar.

Heloísa o beijou, do seu jeito de menina que o havia conquistado. Sentiu-se sendo levada pelo seu amor cândido, era como se pudesse sentir todas as emoções ao mesmo tempo, ódio de sua situação, amor por Hen-

rique, saudade, um medo incrível, segurança, inquietação... E uma imensa vontade de chorar. Sua mãe, seu pai... Eram as pessoas que ela amava também, e trocar um amor pelo outro acabava sendo uma dor que a cortava de um lado ao outro do seu coração, mas queria fugir para não magoá-los... Não magoá-los ou se magoar. Estava fugindo não só deles, mas da responsabilidade de carregar aquilo até seus pais.

Henrique chegou até o carro e abriu a porta com uma das mãos, enquanto carregava sua menina nos braços. Em sua mente dúvidas, lembranças, mas a mais doce delas era aquela em que a via com a camisola branca, os cabelos negros infantis, num corte na medida das orelhas. Tinha o corpo forte e uma face determinada, apesar daquelas mãos inseguras que se apoiavam em qualquer que fosse o local onde passava, pisando em plumas. Colocou-a na poltrona do carona e em seguida colocou um cinto de segurança. Assim que bateu a porta foi correndo até o outro lado e abriu também, se sentando e colocando o cinto, girando a chave. Olhou-a, e ela estava distante, com a cabeça apoiada no encosto. O carro começou a ganhar velocidade no asfalto, e Henrique começou a perceber a tonalidade do céu mudando drasticamente. Percebeu que não era algo comum, mas era melhor não alertar Heloísa, afinal, poderia ser um daqueles temporais inesquecíveis e arrasadores, e como ela não enxergaria, ficaria nervosa por nada... Continuou dirigindo um pouco aflito por causa da situação, não conseguiu dizer uma palavra mais.

Todas as conversões que estavam na Terra, Wamp, Aoi, Nori, Wan e Lan se aproximaram da luminosidade seguindo seu rastro. Eles voaram em meio à magia poderosa de Wamp que os fez pisar como em escadas de cristal até o alto daquele prédio. Não foi cansativo porque seus corpos eram quase que etéreos ali, embora palpáveis. Em cada ponto da escada mais se ficava longe do chão, Lan ficou com medo e pediu ajuda de Wan... Ambos ficavam um pouco enfraquecidos por vezes, mas prosseguiram sem muitos problemas. Passando pelo céu, observando as janelas daquele prédio enorme, que iam ficando para trás conforme eles subiam cada degrau. Aoi não conseguia parar de pensar em seus irmãos. Onde estaria Send?

Amaro e Maru observavam o quarto, se sentiam estranhos com toda aquela visão e, pior ainda, Penélope parecia muito adormecida.

- Maru, acha que vale a pena ficar aqui, você não vai querer acordá-la, não é mesmo?
- Não sei... Eu ainda acho que isto é um sonho.

- Mas eu não sei, Maru. Olha, está tudo estranho lá fora, mas você... Você não sabe...

- O quê?

- Eu desconfio que tem algo a ver com Maruland.

- Por quê?

- Porque depois que Maruland começou a existir na minha vida...

Tudo está sendo estranho.

- Mas o que aconteceu que você está dizendo essas coisas?

- Eu vi. Eu vi a minha conversão.

- ãhn? – Maru olhou para o rosto de Amaro, mas foi interrompida quando o ranger da cama anunciou que Penélope estava se erguendo.

- ... Oh... – Amaro a olhou, estava totalmente lúcida e os fitando, por baixo daquela roupa de hospital em coloração verde.

- Penélope! – Maru a olhou, e pela primeira vez, algo aconteceu.

- Maru. – Ela a olhou, da mesma forma peculiar.

- ...Deus... – Amaro olhou a cena, sabia que algo aconteceria, ele enfim saberia, sem querer, qual a relação entre as duas e Maruland.

Koba estava concentrando seu poder junto dos seus seus irmãos Dashin e Mathieu quando ouviu os passos de pessoas subindo naquele piso onde estavam. Imediatamente e ao mesmo tempo os três os olharam, como se tivessem uma só mente. Também sabiam porque estavam ali e porque aquela expressão séria no rosto. Estavam ali para abortar todo o plano que haviam feito, porque, claro, para aquelas mentes pequenas dos três, as pessoas de Maruland não sabiam o que faziam. Koba ergueu suas mãos e, interrompendo a concentração de seu poder pela metade, toda a energia se dissipou, disparando num ponto da cidade como um raio amarelado com descargas de energia. Wamp tirou seu cajado e sua rosa da manga, caminhando rapidamente para cima dos três. Wan colocou a mão em cima do peito de Lan:

- Lan, vá para longe, fique ali no canto... – Ela lhe mostrou o local, atrás da parede da saída de incêndio.

- Sim... – Ele correu muito esperto, se agachando atrás da parede. O céu estava escuro e o vento batia em suas roupinhas azul-marinho. Ele estava com muito medo, mas tinha que saber o que aconteceria, e caso algum acidente incrível acontecesse faria o possível pra defender aquela que era como sua irmã, Wan.

- Wamp, deixa que eu cuido da Koba... – Disse Aoi, retirando seu

relógio de bolso em cor prata. Ele o suspendeu com seus dedos finos e alongados, como se fosse um pêndulo.

- Certo. – Wamp jogou sua rosa em cima de Dashin, provocando uma chuva de pétalas de rosas vermelhas. Dashin não sabia onde o mago se escondia em meio a tantas pétalas, onde ele estava, mudava de lugar constantemente enquanto ia avançando mais e mais.

- Hááá! – Nori correu como uma bala na direção de Mathieu, era veloz como se pudesse antecipar suas ações triplamente. Chegou por trás antes que ele percebesse sua ação e lhe acertou um golpe com o cotovelo na boca. Mathieu foi jogado para frente, mas ela conseguiu chegar antes e segurá-lo para dar-lhe uma chave de braço e lançá-lo no chão com força tamanha. O concreto se rachou com o peso da força de Nori, mas o corpo de Mathieu ainda continuava o mesmo.

- ... – Ele olhou para Nori e jogou-lhe seu cabelo, que como água começaram a enroscar em seu corpo e sufoca-lo. Eram longos e acinzentados, brilharam como luz no espelho.

- Pare!! – Wan voou até lá, tinha a habilidade única de levitação.

- Não, cuidado, Wan!! Urgg... – Nori não conseguia se livrar dos finos fios que seguravam seus pulsos e seus pés, enforcando também sua garganta.

- Não! Ele vai ter que te soltar! – Wan rodopiou graciosamente, lançando uma série de farpas de gelo no rosto de Mathieu, que gritou de dor, deixando Nori cair no chão esgotada. – Nori!! – Wan voou até ela e a abraçou.

- Eles são poderosos! – Ela arfava, observando Wamp que progredia, caçando Dashin no meio das pétalas de rosas. Dashin ficava perdido na neblina vermelha, pareciam por certos momentos gotas de sangue se desmanchando no ar. Wamp apareceu em frente em um só momento, pegando-o de surpresa, lançando de seu cajado uma bola de fogo. Dashin não conseguiria desviar da magia, então lançou de sua mão para poder se defender, queimando-a por completo.

- AHHHH!!! – Ele gritou, caindo no chão com as pétalas de rosa sobre o corpo.

Koba observava Aoi vir na sua direção, girando os braços como se moldasse raios, e eles se moldavam realmente, amarelados e intensos. Quando Aoi chegou muito perto ela jogou-os nele, sem pensar duas vezes. Aoi balançou seu relógio e a cena parou, a bola de calor e raios ficou congelada entre eles, em preto e branco. Somente ele estava em cores, até

mesmo Wamp e o restante estavam como se congelados no tempo... Mas um não, Dashin. Mas Aoi não o percebeu, muito seguro da sua arte, e continuou caminhando até Koba, para jogá-la do prédio. Assim que chegou bem perto, Aoi tocou seus ombros para começar a empurrá-la, o que seria fácil pela pouca distancia que se encontrava da beira.

- Não faça isso! Eu a amo. – Dashin o virou pelo ombro, dando-lhe um puxão.

- O QUÊ? – Aoi ficou tão assustado por alguém próximo não ter se submetido ao feitiço do tempo que perdeu a concentração do que estava fazendo.

- Suma daqui! – Dashin lhe deu uma descarga de neve e gelo no peito, jogando-o com violência pelo prédio, fazendo-o cair.

Aoi começou a cair com o corpo gelado e tremendo, sabia que não conseguiria muito, não conseguia se mexer, assim que chegasse ao chão morreria. A chuva caía muito pesada e parecia ser ainda pior do que era. Ele ainda tentou não ficar triste, mas tudo que pensava era nos seus irmãos... E no seu plano que havia fracassado agora.

Dashin observava toda a cena congelada, Koba ali paralisada, toda a tonalidade que trazia em si havia se perdido em cinza, branco e preto. Caminhou sem qualquer expressão no meio das pessoas, como faria tudo retornar? Ergueu seus braços ao céu, implorando algo a si mesmo, agora o que deveria fazer era destruir tudo, o mundo inteiro finalmente viraria um holocausto. Dashin começou a aumentar a chuva, para que os mares se inchassem. Wan sentiu uma coisa terrível se aproximando, ao olhar para seu menininho, Lan, viu que ele estava caído sobre o concreto, totalmente molhado e inconsciente. De repente ela própria começou a perder a consciência desvanecer e finalmente ela caiu, mesmo congelada.

- Henrique! O que está havendo?! – Heloísa sentia o carro desviando muito.

- Nada... Calma, é que está chovendo fortemente... – Henrique não gostava de mentir, mas Heloísa já estava ficando nervosa. As ruas estavam um completo caos, o asfalto em certas partes estava levantado, alagava-se com muita velocidade, postes quebrados caídos, carros batidos e alguns pegando fogo, mas ninguém pelas ruas.

- Henrique... – Heloísa sabia que era algo grave.

- ... Calma... OH! Não! – Henrique parou o carro de repente, numa guinada que impulsionou Heloísa quase contra o vidro. Se não estivesse

com o cinto de segurança provavelmente teria sido um acidente horrível.

- O que aconteceu... – Heloísa tentava se recuperar do susto quando escutou a porta do carro se abrir e Henrique sair desvairadamente.

- ... – Ele correu pelo asfalto já sendo tomado pela água da chuva que caía com ferocidade. Henrique seguia sem medir consequência, um grande poste elétrico estava se quebrando e caíria sobre um garotinho que estava parado inexplicavelmente no meio da rua.

- Henriqueeeeeeeee..... – Heloísa se desesperou, batendo com os pulsos no assento. Era terrível não compreender o que se passava no mundo à sua volta e seu desespero tomava conta cada vez mais, como uma nuvem maligna. Ela não conseguia assimilar os fatos, eram barulhos vindo de todos os lados, trovões, fogo, e por mais que pudesse se serena e calma tinha seu pior defeito no ódio por sua deficiência.

- CUIDADO! – Henrique correu até o menino, que estava querendo pegar uma bola onde o poste cairia. Henrique se adiantou e empurrou o menino na hora exata, mas fatalmente foi pego. – AHHHHHHHHHHHHH-HHHHHHHH. – O grito terrível foi ouvido em todos os lugares. Henrique foi acertado na cabeça por todo aquele peso, falecendo.

- MEU AMOR! – Heloísa arregalou seus olhos e sentiu a visão lhes espalhar diante dela, turva, a luminosidade amarga lhe ferindo um pouco. Uma menina lhe tocava os olhos, e os libertava de suas mãos, como se abrisse uma janela. Wan lhes mostrava o corpo e Henrique embaixo do poste, totalmente tomado de sangue.

- Não tenha medo... – Sussurrou Wan.

- NÃOOOOOOOOOOO – Heloísa enxergou, mas viu o corpo de Henrique morto diante dela. Wan estava como um espectro, sobreposta ao corpo dela como uma neblina fina e delicada, ocupando o mesmo espaço.

- Henrique... Lan... – Wan falou baixinho.

- Não... Não!! – Heloísa começava a ficar mais desesperada ainda. Tirou o cinto de segurança e abriu a porta do carro, cambaleando na direção de Henrique. Wan a segurava, quase sobreposta.

Ao chegarem perto, o céu ribombou. Era como se partisse em pedaços, tamanha foi a queda d'água. Heloísa olhou para as nuvens que derramavam aquela imensidade de água, sabia que assim que tocassem a terra esmagariam tudo.

- Deus! O que está havendo? – Ela gritou, ajoelhando-se no chão.

- Vou cuidar de você. – Disse Wan.

- Eu quero morrer! Me leve para Maruland! Eu quero ficar com o Henrique lá!

- Tem certeza?

- Tenho, Wan, minha conversão. – Heloísa olhou nos olhos de Wan, sabia que eram a mesma existência.

- Isso é muito triste... A vida não foi nada justa com você, Heloísa.

- É. Eu não quero mais lutar... Não tenho mais forças... Desisto.

– Heloísa se jogou no colo de Wan, deitando-se e a abraçando. Sua consciência se perdeu e ela se sentiu levitando, num espaço azul e branco. Vestia o uniforme de Maruland e estava com os cabelos curtos. Havia vários espelhos por onde passava, em todos eles era Wan quem via, ela mesma. Os espelhos a mostravam, sempre a fraca e incapaz de seguir a vida com seus problemas e deficiências, mas ao menos era a felicidade que procurava. Se a felicidade estava num sonho eterno, fugir não seria problema. Ela fugiria com Henrique para onde fosse, e se fugir para Maruland era a saída, a fuga, o destino, ela não hesitaria, como fez. A cada passo sua identidade ia se firmando, ela era Wan, assim como sua alma sempre foi, via seu reflexo no espelho.

O corpo de Heloísa caiu no chão, batendo a cabeça no asfalto. O sangue começou a derramar sobre seu rosto e seus cabelos. Heloísa havia se matado. O corpo de Henrique estava em frente a ela, embaixo daquele poste. O menino estava com os olhos cobertos por duas mãos brancas e pequenas. Lan o protegeu daquele trauma que matou Henrique, fazendo-o adormecer em seguida. Lan estava sério, observando a cena como se não estivesse ali. Ele havia morrido quando estava dentro Henrique, por causa de um trauma do qual o próprio nunca conseguiu sair, uma marca maldita que o matava e o excluía de dentro de si mesmo, sempre o afastando seus pensamentos ruins, ao invés de lhe dar forças para enfrentá-los. Lan se virou, observando o céu que reservava para a Terra. A cada segundo que passava, uma ameaça terrível findaria a morte de todos, esmagaria as construções. Seus cabelos começaram a crescer, embora castanhos e lisos as pontas iam se clareando, dando lugar à tonalidade loira e ficando ondulados, anelando nas pontas. A franja crescia, repartindo os cabelos no meio da testa. Seus olhos azuis ainda eram os mesmos, mas não tinham a expressão serena e angelical de antes, eram adultos e fortes, seguindo o corpo que se alongava e crescia, mudando as roupas como numa metamorfose. O pequeno uniforme estudantil azul-marinho deu lugar a um

enorme véu branco, que flutuava com vida. Seu dorso ficava forte e ele ia crescendo, até ter a idade de dezoito anos. No auge da plena forma de sua conversão, Lare curvou as costas e delas explodiram chuvas de penas, revelando duas asas de envergadura do dobro de sua altura, tão belas e brancas, as penas pareciam, assim como o véu, ter vida própria, balançando sem brisa alguma, e mesmo que chovesse muito, elas ainda eram fofas.

Lare olhou o céu e pressentiu que o momento do holocausto estava próximo. Sem precisar de muito esforço ele fechou seus olhos, abrindo os braços e aumentando de tamanho, como uma forma etérea e bela se expandindo. Uma bela melodia se ouviu em toda a Terra e no espaço, a harmonia do som de várias harpas tocando num coro sem fim. Como numa linda cena, o céu tornou-se purpúreo e cálido, Lare abraçou a Terra, cobrindo-a com suas asas enormes. A água caiu sobre ele, sem nenhum efeito aparente.

Dashin viu um enorme vulto se erguer da Terra, e quando menos esperava percebeu toda a imensidão que podia perceber sendo protegida por belas asas. O rosto magnífico de Lare o observava, enquanto tomava para si os perigos. Dashin ainda quis fazer algo, mas Lare simplesmente soprou sobre ele, fazendo-o em cinzas. O mesmo aconteceu com o corpo de Koba e Mathieu.

Lare, Henrique... Este era seu caminho. Se livrar do peso que seu irmão pusera em suas costas quando o salvou ainda criança, e salvar uma criança o tornara livre de pesos e perfeito, com a inocência no coração daquela mesma criança que morava no interior e não pensava em maldades. Em seu amor por Heloísa ele era feliz e isto bastava para alcançar a total realização. Com o coração cheio e repleto de sentimentos, Henrique atingiu a felicidade.

- Penélope? – Maru nem mesmo percebeu quando se levantou da cadeira e foi até a menina, andando com perfeição.

- MARU?! – Amaro ficou boquiaberto, observava a cena.

- Maru... – Penélope jogou suas cobertas para o lado e saiu da cama, colocando seus pezinhos brancos no piso frio. Ambas pareciam fascinadas, estavam ligadas àquele momento como almas gêmeas que eram.

Maru não escutava nada ao redor, somente via e ouvia Penélope. – Você é então a princesa Penélope.

- E você é Maru, que tem o livro.

- ... Drog... – Amaro ia praguejar por toda aquela cena estranha

quando percebeu uma pessoa naquele quarto além dos três. Ele não havia notado a presença de Send encostado à parede, atrás dele. Amaro se virou prontamente, retirando a arma do coldre, mas Send lhe mostrou um relógio assim como o de Aoi, mas dourado e negro.

- Quem você acha que deixou o corredor daquele jeito? – Disse Send, mostrando o relógio.

- O que você fez?

- Eu parei o tempo, estamos numa dimensão paralela morta. O tempo na terra está correndo, o holocausto foi impedido por um anjo.

- Anjo?

- Henrique... Lan, ele era um anjo. Ele se transformou em um quando abdicou da vida para salvar um menino.

- ... Isso parece um sonho... Ou melhor, um pesadelo...

- Você entenderá tudo...

- Mas o que significa isso? Você é de Maruland, está procurando algo?

- Eu quero levar Penélope, mas quase que consigo se Maru não tivesse chegado.

- O que pensa que vai fazer? – Amaro mirou, apontando para Send.

- Tenho que matar Penélope antes que algo aconteça.

- Mas por quê? Eu não quero perder... Ela... ! – Disse Amaro, olhando para Maru.

- Detetive! Não deixe então que elas se falem, eu estou tentando impedir.

- Mas por quê?

Amaro e Send foram jogados ao chão por uma poderosa energia que começava a emanar do contato entre Penélope e Maru, que ainda não haviam se quer tocado as palmas das mãos, que estavam estendidas prontas para o contato iminente. Os cabelos de Penélope começaram a flutuar, assim como os de Maru, para trás de si, o grande vento e poder emanava do centro da união das duas, que ainda não havia se concluído. Ambas disseram em uníssono:

- Nós sabemos de tudo e explicaremos.

Amaro e Send olharam-se assustados. Era um poder imenso que os empurrava cada vez mais para a parede.

- Muito tempo atrás nossas almas eram a mesma, uma só. Um dia elas se partiram, quando ia voltar para a Terra e estava no limbo. Violentamente. Então se tornou dois pedaços sozinhos de uma alma. Pedaços incompletos... – Elas falavam em uníssono, completamente conectadas.

– Sabemos, intimamente, mesmo sem saber, que precisávamos uma da outra. Porque somos fracas e não somos completas. Nos procuramos...

- Numa cama... – Falou Penélope. – Eu fiquei a minha vida inteira numa cama. A minha realidade estava presa ao sono. Eu precisava encontrar a minha metade de alma que restava. Para ser completa, eu, inconscientemente, criei um mundo no qual espiritualmente pudéssemos nos encontrar e ser uma só.

- Enquanto aleijada e infeliz eu me sentia incompleta, deprimida, precisando de algo mesmo que tivesse bastante ao meu redor... Eu criei o livro com a minha vontade de sonhar e ser feliz, e mesmo sem perceber acabei entrando em Maruland para encontrar-me com Penélope e deixar de me sentir só.

- Maruland eu coloquei em homenagem a Maru, que eu acho um nome lindo... Mas eu não esperava que pudéssemos encontrar tanta gente com dor e sofrimento, que estivesse com tão pouca energia e que fosse puxado por suas vontades de buscar felicidade. Todos que estão em Maruland são infelizes.

- Sim... Você também, Amaro, buscando nos sonhos sua alma pura, Nori, a infância e a inocência travessa que havia se esvaído e que você só demonstra quando está a sós comigo... – Dizia Maru, com seriedade. – E fugindo de uma realidade que o machucava, responsabilidade. Por que não lutar e vencer na vida sem fingir que não deseja isso? É mais fácil não sentir e ficar calado do que falar e receber os bofetões, não? Por que nunca disse que me amava se me ama? Por que tem medo? Mas o seu medo é maior que o seu amor?

Amaro olhou Maru falando essas coisas, era como uma consciência plena e aberta falando-lhe coisas escritas.

- Eu também erreí muito. – Disse Penélope. – Eu erreí em me achar poderosa e passei por cima de meus princípios, que eram de felicidade. Eu nunca tive uma conversão pelo fato de ser apenas a parte mais fraca dessas duas metades, nem uma alma completa eu sou, Maru ao menos possui uma essência... Mas serei... Quando formos novamente uma só.

- Sim... – Disse Maru, estendendo suas mãos.

- NÃO!!!! – Disse Amaro, tentando se levantar com toda aquela força que o empurrava. – Fique comigo! Eu te... – Amaro se calou, sendo jogado contra a parede.

- Ei... – Disse Send, tentando se firmar. – Por que não diz a ela?

- ... UNHh... – Amaro prendeu os lábios, estava muito nervoso por

toda aquela situação terrível.

- Penélope... – Disse Send baixinho. -Não quero mais você pra mim.

- Ahn? – Penélope se virou e olhou para Send.

- Isso... Eu não quero mais lutar contra você. Você me criou como seu capacho, mas eu não quero mais isso pra mim. Eu não voltarei mais para Maruland e você nunca mais me verá.

- Send! – Ela o olhou.

- Se você não me quer eu não quero forçá-la a isso... Não desejo seu mal e se for pior que eu a leve sem sua permissão eu me vou... Eu sempre a quis e você me descartou, prefere não existir mais, se fundindo a Maru, porque é isso que acontecerá. Então, não vou passar de uma alma sem corpo...

- Não! Eu não quero isso!!! – Penélope saiu da concentração e correu para Send, se jogando em seu colo, começando a chorar. -Eu quero você pra mim! Pra mim você é de carne e osso. Eu o criei, mas você é muito mais do que eu fiz, você, Cherry e Aoi não são simples pedaços de papel escritos, são almas de verdade.

Ele olhou para Amaro e piscou com um dos olhos, revelando que aquela repentina rebeldia era seu último plano para trazer Penélope para seus braços.

- Send... Eu gosto de você, eu te amo. Eu quero que você fique na Terra e não volte nunca mais para Maruland. Eu não vou voltar se você ficar comigo...

- Você não precisa de Maruland?

- Não sei... Mas se eu estiver com você não preciso...

- Mas... E o que você disse sobre a alma? Maru e você? Maru... – Ele olhou Maru, e esta estava deitada no chão, desmaiada.

- Maru! – Amaro correu até ela, a energia havia cessado. Ela estava desacordada e muito pálida.

- Ela me cedeu energia... Para que eu nunca mais tivesse os problemas que tenho de saúde. – Disse Penélope com os olhos azuis cheios de lágrimas. – Send, eu não preciso mais.

- Penélope... – Ele a abraçou, ela pôde sentir seu coração bater forte e sua pele esquentar.

- Send... – Ela o abraçou. – Você é um humano!!!

- Sou? – Ele olhou-a, descrente.

- É, olha! A sua temperatura!!! Você está real sem precisar de outro corpo!!

- Mas... Como aconteceu?

Send não queria mais matar Penélope para ser feliz. Ele não precisava mais ser egoísta ou levá-la consigo para ter algo. Ele estava satisfeito mesmo sem tê-la, pois o amor que sentia o alimentava e o fazia seguir em qualquer lugar que fosse... Isso o fazia humano agora, a vontade de esquecer sua própria felicidade e deixar que as coisas se tornassem da maneira que Penélope queria, porque essa seria sua felicidade.

Penélope o abraçou, essa agora era sua realização, ser perfeita e ter Send, um humano com sonhos e desejos, não sendo mais aquele ser simplista e fútil que era inicialmente. Ele havia crescido e aprendido coisas que só um humano possuía. Penélope explodia de felicidade, toda aquela sombra de mágoa se apagou com seu sorriso doce e adolescente, sua pele se tornando corada e viva. Seu coração batia forte e altivo, sem mais ser apenas uma inválida, ou frágil... Agora ela era de verdade, Penélope.

- Maru! – Amaro tentava acordar a moça de cabelos ondulados, mas ela parecia longe em seus devaneios e sonhos, totalmente apagada.

- Traga-a de volta, Amaro. – Disse Send.

- Puxe-a do poço... Ela está indecisa se vai para Maruland para sempre ou se fica na terra.

- ... Eu jurei pra ela... Eu prometi... Eu disse a ela que ia tirá-la do pior lugar que fosse, mas eu a traria de volta onde estivesse. – Disse ele com segurança, pegando Maru pelos braços e a puxando para si, dando-lhe um caloroso beijo na boca.

Penélope e Send viam a cena com grande expectativa, o hospital começava a voltar ao normal como se uma luminosidade tomasse conta das sombras gradativamente. Amaro beijava Maru e ia se entregando ao beijo, com muita paixão.

- Send... – Disse Penélope. – Faça Amaro entrar nesse plano paralelo pra ele puxar Maru de volta...

- Sim... – Send estendeu o relógio e abriu a tampinha, quando o ponteiro passou o segundo Amaro desmaiou sobre Maru.

Estava nebuloso e escuro. Amaro caminhava e quase não enxergava o que poderia ser qualquer vulto que fosse. Finalmente ele viu Maru, seus cabelos loiros ondulados eram característicos e podiam ser facilmente reconhecidos por qualquer pessoa que fosse. Amaro correu até ela, estava de costas.

- Maru!!! – Ele a olhou, virando-a. Estava cabisbaixa e triste, havia lágrimas em seu rosto. Ela não falava nada... – MARU! FALA COMIGO! – Ele gritou, sacudindo a menina.

Maru estava apática.

- Você não vai desistir agora, não é mesmo?
- ... Não sei... – Ela abriu a boca, como numa simples sentença sem importância.

- “Não sei”?? Eu não vou deixar você partir assim, não!

- Por quê...? – Maru levantou os olhos sem vontade alguma, eles não tinham brilho.

- Mas que droga!!! Você é uma menina linda, tem energia...

- Mas de quê isso adianta? De que adianta se eu estou apaixonada por uma pessoa que nunca terei? Meu coração está sofrendo e sofrerá por muito tempo ainda... Porque é a minha metade.

- ... – Amaro ficou pasmo... Não sabia se estava falando dele.

- Essa pessoa me despreza, me trata mal como se eu não existisse. Eu não consigo ter paz, eu penso nele todos os dias e quando não faço nada. Nem me reconheço mais. Mas essa pessoa me odeia.

- Mas por que você tem tanta certeza que ele te odeia?? – Amaro estava querendo certezas antes de falar o que fosse.

- Porque... Porque prefere ser engolido por um trauma a amar simplesmente, sem precisar que o outro diga primeiro.

- ... Essa pessoa sou eu, não é?

- Você sabe quem é quem aqui, Amaro. – Ela disse, categórica e sem vontade alguma. – Agora deixe-me descansar em paz.

- Não...

- Vamos, você me odeia. Me larga.

- Não!!! Não é fácil! – Ele disse.

- O quê... Sofrer? Não é fácil pra ninguém.

- Porque mesmo que sua vida seja repleta de coisas boas você ainda vai ter algo pelo que sofrer.

- Porque a felicidade não é contínua.

- Mas então por que a buscamos? – Perguntava Amaro.

- Porque precisamos de algum motivo pra continuar vivos. Porque somos de ilusões e sonhos e precisamos ver tais anseios completos nem que seja por segundos, e então começaremos de novo e de novo, quantas vezes for preciso. Porque mudamos.

- Mas... Pra você o que é a felicidade agora?

- Agora? – Perguntou Maru, ainda apática.
- É... O que você quer?
- ... Quero que a pessoa por quem me apaixonei não tenha mais medo e diga que me ama.

- Mas por que isso?
- Porque só então eu saberei que ele deixou de lado o orgulho. Que ele verdadeiramente me ama o suficiente para dizer sem precisar que eu diga. Que me ama tanto que dirá, mesmo que sofra, porque tem o sentimento maior que isso...

- ...
- Eu vou embora... – Maru se soltou e deu as costas, se livrando das mãos de Amaro e caminhando na direção dos portões de Maruland que se aproximavam.

- Espera!!!

Maru caminhava para mais perto.

- Maru... Eu... – As mãos dele estavam trêmulas... Mas... Enfim... Ele encheu seu peito e disse finalmente... – Eu te amo.

Os portões de Maruland desapareceram e o breu que os cercava foi coberto por uma chuva de pétalas de rosas. Era azul como o céu e muito belo.

- Maru... Vamos, volta pra mim, eu te amo! – Amaro saiu correndo na direção dela e ela se virou, seus olhos estavam vivos e cheios de alegria, a coloração verde e intensa os tomava, cheios de emoção. Ela caminhava também e os dois se abraçaram intensamente. Pétalas acarinhavam o rosto de ambos, caindo sobre seus cabelos.

- Eu te amo... – Ela o olhou intensamente.

- Perdão... Desculpa... Eu...

- Não vamos mais ficar colocando barreiras... Não falar dos sentimentos... Machuca.

- Verdade... – Ele a abraçava, corpulento. – Nunca pensei que ficasse ferida de verdade...

- Mas então, você estava escondendo, não é?

- Pensei que desse para perceber... – Ele riu.

- Nada! Você sabe fingir direitinho...

- Ora! Vamos parar de brigar e, vamos, me dá um beijo...

- Eu não! Você que me dá um...

- Aahhh... Eu já disse que te amava... Agora é sua vez...

- Ora! Ahah...

Jogando pétalas estavam Wamp e Nori, rindo com toda aquela farra

de Amaro e Maru. Agora estariam sendo guardiões de ambos, protegendo-os... Mas Maruland nunca mais existiria para os dois, que sonhariam com mais nada que fosse, porque não precisavam mais ir à terra dos sonhos. Ambos seriam suas âncoras, segurando-os na Terra como uma felicidade constante e incrível, e mesmo que brigassem, a vontade de resolver os problemas e continuar sendo feliz era mais intensa do que um simples mundo de sonhos... Sequer se recordariam, muito mais preocupados com toda aquela realidade que estavam vivendo...

Ahn... E agora você se pergunta quem sou eu pra filosofar tanto? Eu aprendi muita coisa, sabe? Muita mesmo... E eu escrevi tudo no livro, é... O Livro de Maruland, claro que eu não ia deixar que essa bela história passasse em branco, se bem que a maior parte ficou escrita por si só, eu apenas fiz os comentários... Ahn... Eu consegui também a minha felicidade. Eu pensava que precisava pegar o livro e escrever lá que eu já tinha um corpo, mas eu não precisei disso não, acredite, eu me tornei humano quando fui salvo pela Cherry. Ela estava lá debaixo, no prédio. Ela me salvou com uma chuva de pó perfumado de Cerejas que me segurou para a queda, e nós nos abraçamos. Eu estava tão ligado aos meus sentimentos pelos meus irmãos que eu não me importava, depois, se eu ia ou não ser alguém. Eu já era... Porque... Bem... Como que eu posso explicar?

Ah... E ainda bem que isto está digitado, porque a minha letra é muito enfeitada... Seria o maior trabalho pra vocês conseguirem ler... Ahn... Onde eu estava mesmo? Ahn... Dos meus irmãos... Bem, o meu sentimento por eles se tornou real, sabem? Amor de irmão? Eu fiquei feliz em ver a Cherry e comecei a chorar junto com ela, depois me apresentou o noivo dela, que eu lembrei o nome no meio do livro, o Felipe. Ele foi muito legal comigo, se bem que me falou que eu fiz malvadezas com a filha dele, a Maru... Mas aí, a Cherry me defendeu e eu fiquei tão feliz que pedi perdão, me redimi... Ela me abraçou e me falou que tinha ganhado vida, e eu fiquei feliz por ela mesmo que não tivesse me ocorrido o mesmo. Daí ela viu no meu peito! O meu coração estava batendo!!! Acredita? Foi emocionante... Comecei a chorar feito uma criança, a Cherry me abraçou e nós depois nos encontramos com todos. A Maru me deu o livro junto com a Penélope e eu fiquei encarregado de vigiar Maruland, mas pelo livro... Eu não tenho mais interesse de voltar lá, né? E também, aquele anjo, o Lare, ele fez a Terra voltar ao normal, quando eu vi a Cherry já estava tudo normal... Eu não sei

por quê... Ele era muito poderoso! Penélope e Maru agora vivem grudadas como ela era com a Heloísa, fomos todos ao enterro dela... Ela foi sepultada junto com o Henrique... A Maru chorou tanto... Eu também fiquei triste, pra variar agora choro à toa...

Mas eu fiquei sabendo que está feliz, a alma dela descansa em paz, seja onde for, ao lado da do Henrique. A Maru está linda, precisa ver... Ela fez dezoito anos junto com a Penélope e elas dançaram muito! Eu virei escritor de romance e às vezes escrevo vários contos, publico na internet, mas já tem gente querendo comprar... A Cherry que sempre me ajuda. O legal é que ela casou com o Felipe e me chamou pra morar lá! Eu sempre fico com a Maru e o Amaro, vigiando os dois, mas eu deixo eles aproveitarem às vezes, ahn, que isso! Deixa, eles são jovens! Mas... É coisa leve que eu deixo, tá? Se fosse o pai dela nem beijar eles não podiam...

Também a mãe da Heloísa, eu tenho novidades... Ela e o marido entraram para uma instituição que cuida de crianças cegas e até adotaram um! Acho que eles se acostumaram...

Melhor assim, né? As vezes não podemos voltar atrás nas decisões que tomamos, acho que a mãe dela deve ter se arrependido de ter sido tão dura com a moça. Podemos somente olhar adiante e tentar aprender com isso.

Também tem o Send, ele virou modelo. Porque a gente continua do mesmo jeito que era... Nossos cabelos fizeram muito sucesso, embora digamos sempre que se trata de tinta, por recomendações do Amaro. Ele está ganhando muito dinheiro, eu fico triste porque eu mal o vejo, embora sempre que venha aqui me visite e a gente faça passeios juntos. Mas eu sei muito bem que ele vem mesmo só pra ver a princesinha. Mas sem problema, um dia eu também arrumo a minha, ainda mais agora que estou estudando pra deixar de ser tão burrinho! A Cherry quem mandou.

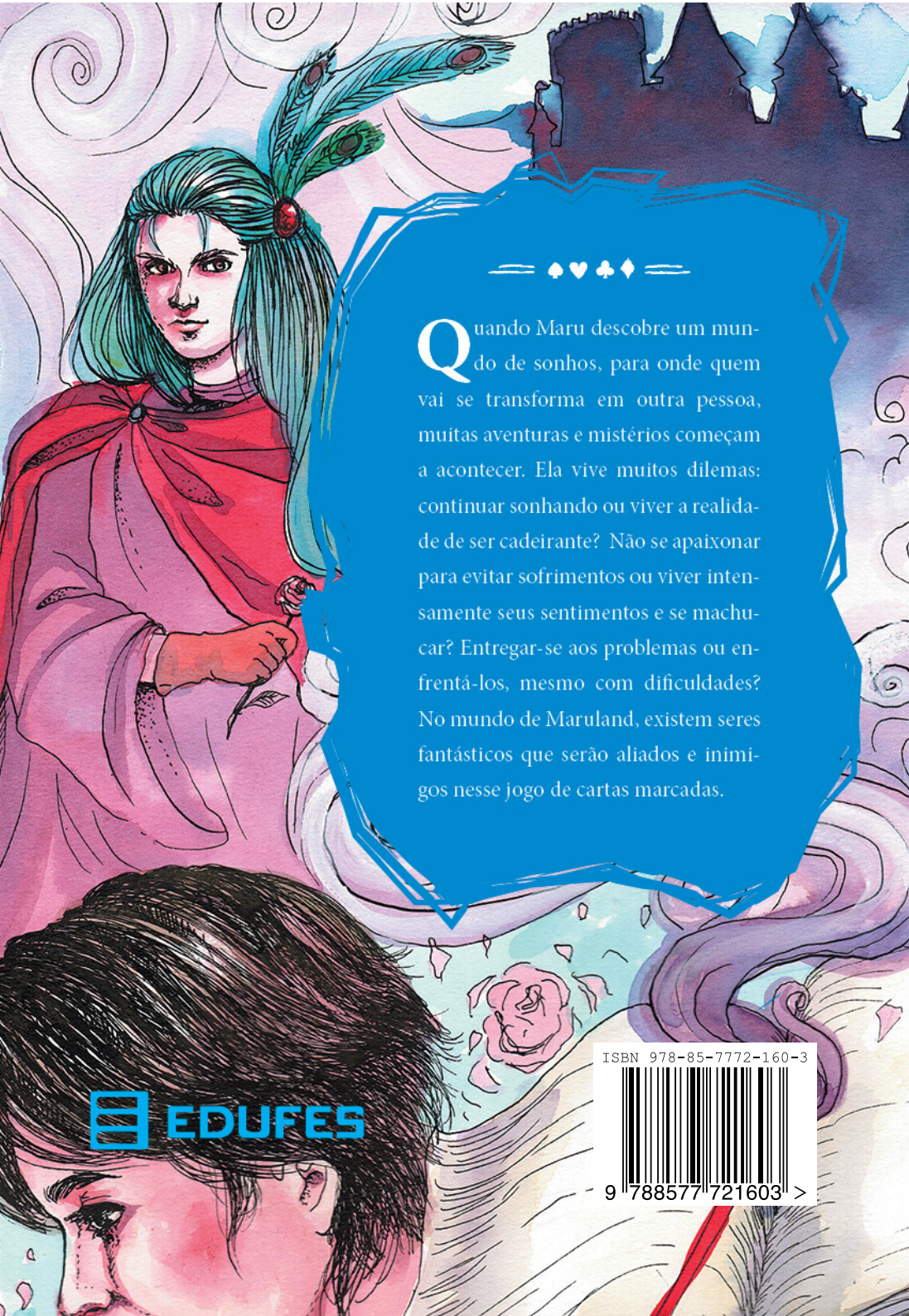
Eu vou pra faculdade com a Maru e a Penélope. Elas não são as mesmas, estão alegres e vivas. A Maru agora está andando... Descobrimos que ela não andava porque tinha uma trava psicológica. Ela não se sentia querida, se achava “a rejeitada”... Mas eu acho, sinceramente, que foi só o Amaro dizer que a amava pra ela se derreter toda e voltar a andar, não é?

Nossa!! Tenho que parar de falar, não é mesmo? Sou um tagarela, isso que todos ficam falando aqui. Obrigado por ter lido isto se você leu mesmo, mas se não leu, obrigado mesmo assim, ao menos você pegou, né? Deu um trabalho... Agora eu vou mesmo! Até!

Este impresso foi composto utilizando-se as famílias tipográficas Xena, Legacy Sans e Legacy Serif. Sua capa foi impressa em papel Supremo 300g/m² e seu miolo em papel Pólen Soft areia 80g/m² medindo 14,5 x 21 cm, com uma tiragem de 300 exemplares.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.





Quando Maru descobre um mundo de sonhos, para onde quem vai se transforma em outra pessoa, muitas aventuras e mistérios começam a acontecer. Ela vive muitos dilemas: continuar sonhando ou viver a realidade de ser cadeirante? Não se apaixonar para evitar sofrimentos ou viver intensamente seus sentimentos e se machucar? Entregar-se aos problemas ou enfrentá-los, mesmo com dificuldades? No mundo de Maruland, existem seres fantásticos que serão aliados e inimigos nesse jogo de cartas marcadas.

 **EDUFES**

ISBN 978-85-7772-160-3



9 788577 721603 >